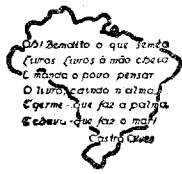


6008  

~~100~~

P. DU TERRAIL



CLUBE DO LIVRO S. PAULO 1954

# CLUBE DO LIVRO

(Registrado, em 1944, no Departamento Nacional da Propriedade Industrial sob n.os 82.655 e 95.062.)

## DIRETORES

Mário Gracioti — Luiz L. Reid — Waldemar Luiz Rocha

## CONSELHO DE SELEÇÃO

Afonso Schmidt — Nuto Sant'Anna — Raul de Follilo — Silveira Bueno

1.º — A fim de favorecer o gosto pela leitura e a formação de bibliotecas econômicas, selecionadas e padronizadas, existe, em São Paulo, o CLUBE DO LIVRO.

2.º — Mensalmente, desde julho de 1943, o CLUBE DO LIVRO vem editando um livro de notório merecimento, a exemplo deste, escolhido pelo seu Conselho de Seleção, e o envia ao seu sócio, que, mediante o pagamento de Dez cruzeiros, se torna proprietário do mesmo livro.

3.º — Para tornar-se sócio do CLUBE DO LIVRO, com o fim especial de receber o livro mensal por Dez cruzeiros, é bastante o interessado, se residente na Capital de São Paulo, enviar uma carta ao CLUBE DO LIVRO, que mantém permanentemente aberta a inscrição de novas adesões. A carta, pedindo inscrição, deverá conter nome, endereço e assinatura do candidato a sócio. Para as pessoas residentes no interior de São Paulo, ou em outras cidades do Brasil ou no Exterior, procede-se na forma dos itens 5.º ou 6.º.

4.º — Além do pagamento de Dez cruzeiros, correspondente à obtenção do livro, não há taxa de inscrição, nem jôia ou outra despesa qualquer.

5.º — No Exterior do País, o livro é vendido por 12 cruzeiros.

6.º — O CLUBE DO LIVRO mantém Serviço de Assinatura Semestral ou Anual. Se o interessado enviar uma carta ao CLUBE DO LIVRO, acompanhada de um vale postal ou cheque, em nome da Editora do Clube do Livro Ltda., S. Paulo, na importância de 60 ou 120 cruzeiros, receberá, sob registro postal, sem outras despesas, no endereço indicado, SEIS OU DOZE livros consecutivos, à razão de um por mês. Os assinantes da capital de S. Paulo pagam 60 ou 120 cruzeiros, respectivamente por uma assinatura de 6 ou 12 livros. As assinaturas começam em qualquer mês.

7.º — Pede-se ao sócio, havendo mudança de endereço, comunicar imediatamente ao CLUBE DO LIVRO, indicando sempre o endereço anterior, a fim de não interromper a entrega mensal do livro.

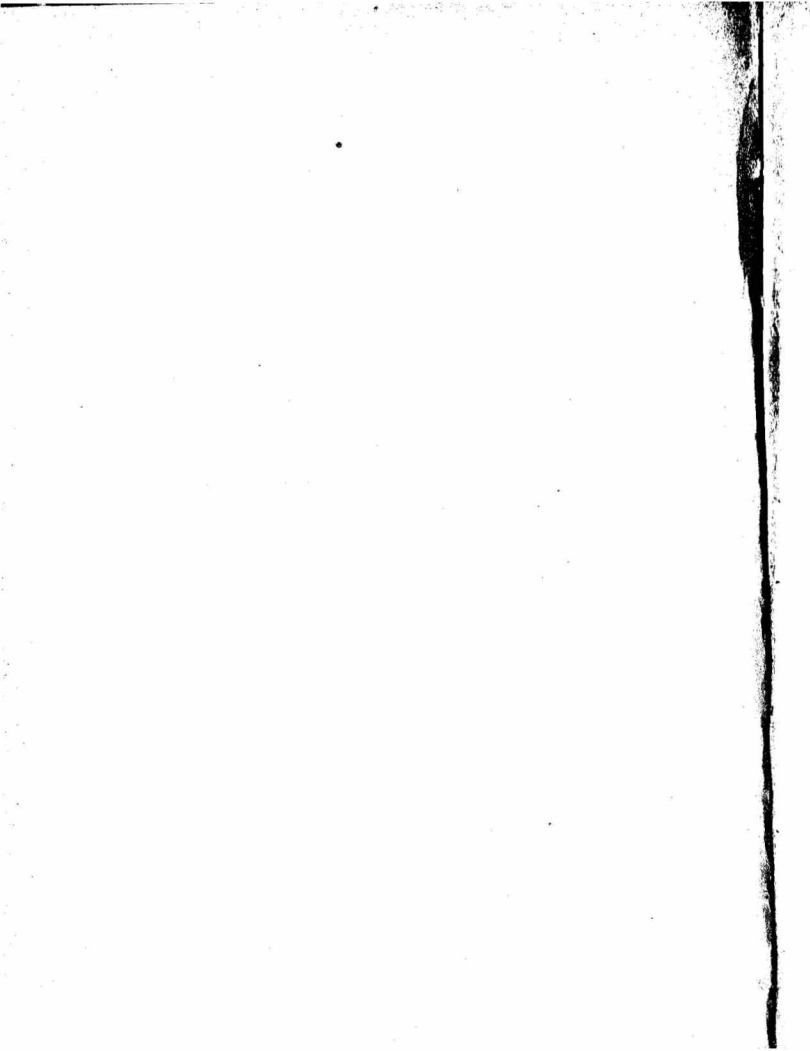
8.º — Se o associado transferir a sua residência para qualquer cidade do Brasil, o livro continuará a ser-lhe entregue pelo nosso representante, se na localidade existir, ou pelo serviço de assinatura semestral ou anual, na forma do item 6.º.



EDITORA CLUBE DO LIVRO LTDA.

Rua Conselheiro Crispiniano, 404 — Salas 802 e 803 — Fone 34 3621  
Caixa Postal 8153 — SÃO PAULO — Estados Unidos do Brasil

O PAJEM DE LUÍS XIV



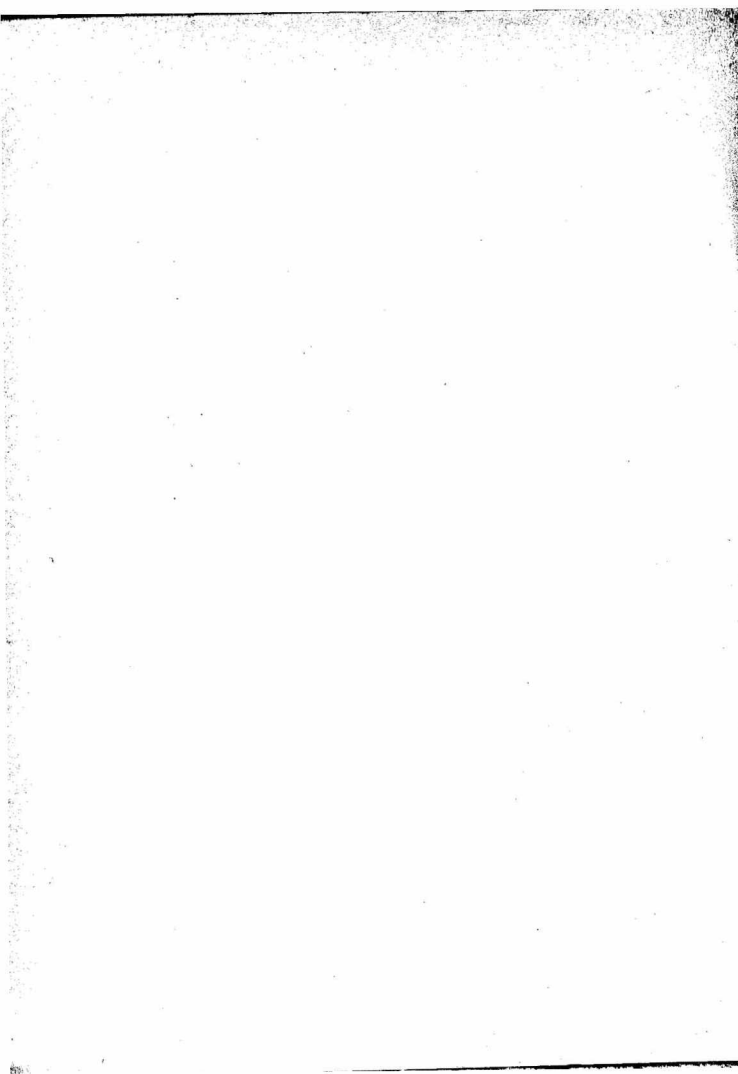
P. DU TERRAIL

O PAJEM  
DE  
LUÍS XIV

CLUBE DO LIVRO

SÃO PAULO

1954



## NOTA EXPLICATIVA

*Há romancistas que trabalham para os leitores menos exigentes que, por sinal, são os mais numerosos. Seus livros são acessíveis pelos temas e pela linguagem e formam o fundo de uma literatura internacional muito ativa. Hoje, estão em moda as novelas de "detectives" e de crimes misteriosos. Há toneladas delas, mas os aficionados só conhecem o nome de meia dúzia de autores.*

*No século passado, a estante dos mais modestos leitores foi abastecida por escritores como Xavier de Montepin, Paulo Féval, Perez Escrich, Paulo de Kock, Emilio Richebourg. Seus romances caracterizavam-se pelo título sugestivo, linguagem chã com tiradas campanudas, cenários pitorescos e personagens de uma só côr. O bom era bom mesmo, o mau era irredutivelmente mau. Reuniam o pai nobre, a mãe chorosa, a filha ingênua como um anjo, o namorado plebeu, mas de elevados sentimentos e, em certos casos, aquêlê vagabundo, misto de bêbado e de filósofo que, já no epílogo, revelava a sua identidade: era o príncipe de Navarra, o verdadeiro pai do namorado infeliz. Tudo isso com estampas sugestivas, onde se viam cartolas afuniladas, robissões que batiam pelos joelhos, calças de xadrez tão justas que mais pareciam capas de espingarda. E bigodes perigosos, barbichas cinicas, moscas rompantes, andós heráldicos e barbaças, cujos fios brancos valiam por duplicatas bem endossadas. As moças usavam "crinolines", as velhas, anquinhas e as corocas tomavam rapé com aflitas fungadelas, a caçarem barulhentos espirros.*

*Essa literatura, no Brasil, entrou pelo século XX a dentro. Era difundida em brochuras pelas editôras portuguesas. Nas cidades, era vendida a domicílio em cadernos semanais. Ou publicada em rodapés de um palmo de al-*



tura pela imprensa diária. Muitos ainda se lembram de "O alfinete côr de rosa", "A patativa do moinho" e "O ferreiro da Abadia". Em nosso meio, houve tentativas de substituí-la, mas não foram muito felizes. Duas que eu sei falharam. Emilio Rouède, trabalhando na "Cidade de Santos", escreveu de afogadilho uns capítulos que publicou em folhetins, sob o título de "Fifi Volard". Mas a turma, sob o pseudônimo, descobriu o artista francês e não se convenceu de que uma mulher pulasse de um 5º andar à rua e saísse correndo a fugir da policia... Ainda em Santos, como redator da "Tribuna do Povo", o querido Viriato Correia abalou-se a iniciar um romancão intitulado "A Moça do Mosteiro de Santo Antônio". Mas não passou do segundo capítulo. Alguns leitores, não informados de que aquilo era fantasia, pegaram na tranca da porta e correram para a frente do Mosteiro dispostos a salvar a moça... Foi um reboião na cidade. Ai está Viriato Correia, vivo e são que não me deixa mentir...

Nem sempre aquêles leitores se interessavam pelo nome do autor da obra. E não era preciso. Mas, assim mesmo, havia os romancistas preferidos. E êstes, para atender à freguesia, montavam verdadeiras usinas literárias. Conta-se que Alexandre Dumas (apesar de ser autor de "Três Mosqueteiros", uma das novelas mais lindas de tôdas as literaturas) mantinha vinte escribas encurralados, fechados a chave, num salão de trabalho. E êle, o mulato de Villers Cotterets, neto daquela simpática Celeste que o avô levara consigo ao cabo de suas derrapaçens na Martinica, feitorizava o eito. Êsses operários das letras continuam a labutar na literatura de todos os países. Na Franca, estão sindicalizados. São grandes escritores que produzem para outros assinarem. E nunca chegam a ser conhecidos do público. Na giria das rodinhas, são tratados de "negros". Em Paris, há alguns anos, foi inaugurada uma estátua "ao negro desconhecido".

Quando certos grandes nomes mudam de estilo, os editôres nem perguntam; é que êle deu alforria a um "negro" e arrematou outro. Além disso, há os nomes que são mar-

cas. O autor morre e as suas novelas continuam a aparecer. Se o autor ressuscitasse, ficaria assombrado diante da própria obra: ela cresceu e multiplicou-se evangêlicamente ao longo dos anos. Nesse número, talvez, esteja Ponson du Terrail. Nasceu, viveu e morreu dentro da última centúria. A princípio, não pensara em escrever. Um dia, porém, enalacrado, tomou da pena e lançou-se ao trabalho. Conta uma obra universalmente conhecida: "Rocamboles". Um ladrão mais esperto do que os outros, pois tirava dos ricos e fingia dar aos pobres... Consta de vinte ou trinta volumes. Certa vez, perguntaram-lhe onde desencavara título tão sugestivo. Ele riu e respondeu:

— Abri o dicionário e fui lendo. Gostei da palavra rocambole. Significa alho silvestre, graça, atrativo, graça, chiste.

São autores que, geralmente, ganham ou perdem com a tradução. Quem vasculha os alfarrabistas, encontra novelas de Paulo de Kock e, se as folheia, admira-se da desigualdade da sua linguagem. A explicação é esta: umas foram traduzidas por escritores como Pinheiro Chagas, outras pelo próprio tipógrafo que, por ter nascido ali na Penha de França, recebia a tarefa de as traduzir em cima da caixa, batendo os tipos no compondor...

A verdade, porém, é que muitos entre nós lemos esses autores que hoje se encontram soterrados pelas novelas da sra. Agatha Christie. Isso foi, geralmente, entre os 14 e os 17 anos, quando éramos ferozes devoradores de papel impresso. Ainda me lembro de um romance que fêz época, chamado "Ko-ko-ri-kó". Tratava-se de uma quadrilha de ladrões, e ladrões que tinham gosto em anunciar os assaltos. Para tanto faziam-se acompanhar de um galo ensinado, juntamente com o pé de cabra e a gazua. Quando o trabalhinho estava pronto, o chefe piscava para o galo e este se desobrigava da sua missão: cocoricava! Uma maravilha.

Dos romances da juventude, tantos anos decorridos, ficou-nos um sentimento inexplicável: a saudade. Ainda hoje, remexendo a poeira erudita dos "sebos", não raro

encontro um esbanguelado volume dos "Moicanos de Paris" ou de "Gustavo, o Estrôina". Ponho-me a folheá-lo com curiosidade. Curiosidade e ternura... Estou certo de que não sou o único a ter queimado as pestanas sôbre obras dêsse gênero, para aplacar a fome canina de leitura que sóe atacar espiritos verdoengos, nimbados de sonho. Outros, muitos outros, estarão no mesmo caso. Para êsses colegas, de preferência, o Clube do Livro lança, hoje, uma linda novela de Ponson du Terrail.

AFONSO SCHMIDT.

\* \* \*

O Visconde Ponson du Terrail, Pedro Aleixo, nasceu em Montmaut, na França, e morreu em Bordeus, em 1871.

De imaginação vivíssima, dono de um estilo flúente e sedutor, deixou obra considerável, traduzida para quase tôdas as línguas. Entre elas, destacam-se: "Os bastidores do mundo", "Os cavaleiros da noite", "Bavolet", "As proezas de Rocambole", "A ressurreição de Rocambole", "A verdade sôbre Rocambole", "Os cavaleiros do luar", "As noites da casa dourada", "Os boêmios de Paris", "Os dramas de Paris", "A mocidade do rei Henrique", "O ferreiro da côrte de Deus", etc.

São Paulo, 1º de novembro de 1954.

CLUBE DO LIVRO



## CAPÍTULO I

### A CASA FECHADA

Em 1664, havia em Blois, numa ruazinha da cidade alta, perto do castelo, uma pequena casa de aparência modesta, apesar do escudo lavrado sôbre o arco da porta de entrada, que estava hermêticamente fechada.

O escudo mostrava que esta casa era habitada por pessoas de nobre ascendência; o jardim abandonado à própria natureza podia atestar que os donos da casa tinham poucos criados; e a misteriosa obstinação que pareciam ter em não aparecerem às janelas era bastante para que as más línguas da vizinhança houvessem inventado, pouco a pouco, histórias singulares e românticas.

Esta casa, que há mais de vinte anos era chamada em Blois de *Casa fechada*, estava, contudo, habitada, e pertencera a *misser* Enguerrand de Chastenay, gentil-homem do Blaisois, antigo capitão de cavalaria no reinado de Enrique IV e de seu filho, Luís XIII.

O capitão comprara-a, quando casara, com quase cinquenta anos. Da sua união, teve primeiro uma filha, que nasceu no mês de Junho, o que determinou ser-lhe dado o nome de Bluete.

Bluete cresceu no meio do grande jardim cheio de plantas qual centáurea silvestre. Aos dez anos, era uma linda menina, morena, de olhos prêtos e lábios côr de rosa, pelos quais deslizava sem cessar uma cantiga.

Aos quinze anos, a fronte da moça perdeu o brilho, seus lábios tornaram-se sérios, uma precoce velhice pareceu querer completar esta formosura maravilhosa. A menina tornou-se de súbito mulher. Duas causas, uma desgraça e uma alegria, para isso talvez contribuíram.

Bluete contava cêrca de doze anos, quando madame de Chastenay, que andava então perto dos trinta e cinco, lhe deu um irmão, e êste irmão recebeu o nome do mês em que nasceu, isto é, Flor de Maio.

A alegria da moça foi imensa, tinha um irmão, foi sua madrinha, em breve representou o papel de mãe, e abandonou as bonecas pelo berço de Flor de Maio.

Houve uma mudança rápida entre a infância irrequieta e alegre de Bluete e a sua adolescência mais séria. Aos quinze anos, a moça perdeu a mãe, sua fisionomia carregou-se, e a criança fêz-se mulher!

Três anos correram; o velho capitão, tolhido de reumatismo, nunca saía de casa, porém os bloiseses viam na missa, todos os domingos, a linda Bluete acompanhada por um criado e levando pela mão Flor de Maio, que era branco e rosado, o mais lindo menino que jamais houve.

Sua irmã tornara-se uma jovem mãe.

À noite, os vizinhos, cujas janelas davam para o vasto jardim da pequena casa, viam, por vêzes, através da ramagem dos álamos que a circundavam, a jovem e o lindo menino, êste brincando e fazendo travessuras, aquela tomando-o sôbre os joelhos e beijando, amorosa, os cachos compridos do seu cabelo castanho. Um dia, porém, o pequeno Flor de Maio apareceu sôzinho na missa da velha catedral, e correu que Bluete saíra de Blois para ir passar alguns dias no Orleanês, em casa de uma irmã de sua mãe.

Um mês depois, tornaram a ver o menino triste, só e vestido de prêto; correu, então, a notícia de que Bluete morrera e de que seu irmão estava de luto por ela.

Cêrca de dez anos correram; o velho capitão morreu, deixando a seu filho uma modesta herança, uma carta de recomendação para Mazarin, que então governava a França, e levando de Flor de Maio a promessa de que, assim que completasse os seus dezoito anos, iria a Paris alistar-se nos exércitos de Luís XIV.

Depois da morte de Bluete, nunca mais abriram as janelas que davam para a rua; o jardim, outrora bem

cuidado, tornou-se inculto; os álamos tinham crescido e proibido a visita dos vizinhos.

Desde então foi dado o nome de "Casa fechada" à habitação do finado "sire" de Chastenay.

Como era sabido dos bloiseses, na Casa fechada só moravam três pessoas: Flor de Maio, um criado velho chamado Antônio, e uma aia, de idade ainda mais avançada, que fôra ama de leite da finada madame de Chastenay.

Todavia, a crônica misteriosa do lugar dizia que a casa tinha um quarto habitante.

Garantiam alguns vizinhos, que em certa noite de inverno tempestuosa e escura, haviam ressoado à porta da Casa fechada passos de dois cavalos. Os mais curiosos, checando à janela, haviam visto, apesar da escuridão, um homem e uma senhora vestida de preto. A dama apeara-se e levantara o trinco da porta, esta abrira-se e fechara-se sôbre ela.

O homem, que a acompanhava, retrocedera, levando o cavalo em que ela viera.

Tudo isto teve a duração de um relâmpago, e desde êste fato cresceram os comentários, porque nunca mais tornara a aparecer a dama vestida de preto. Para uns, era a alma de Bluete, que quisera tornar a ver o seu berço e o seu querido Flor de Maio; para outros, era uma mulher de carne e osso.

Mas, quem era esta mulher?

O velho Antônio e a aia Mariana, interrogados sucessivamente, mostraram-se muito admirados e responderam que não sabiam o que lhes perguntavam.

Quanto a Flor de Maio, parecera duplicar de bom humor e de alegria. Com isto as más línguas do lugar concluíram que Flor de Maio escondia na casa uma bela amante, que por êle abandonara um marido intratável e velho.

Flor de Maio estava quase chegando aos seus dezoito anos; era alto, esbelto, branco, rosado como uma menina, atrevido e espirituoso como um pajem.

Pondo os pés fora da Casa fechada, Flor de Maio era o mais espirituoso, o mais louco dos jovens senhores do Blaisois; mas assim que entrava em casa ninguém mais sabia o que fazia, nem em que passava o tempo.

Andava por tôda parte, entrava em tôdas as casas da vizinhança, mas nunca tinha convidado ninguém para ir visitá-lo. Uma resposta evasiva, um franzir de sobrance-lhas lhe bastava para fechar a porta a todos.

Ora, numa noite de Maio, à hora em que o sol cai no horizonte, Flor de Maio deixou o pátio do jôgo da péla do palácio de Blois, onde os jovens fidalgos se divertiam com êste nobre passatempo, e, de capa ao ombro, espada à cintura, o gorro tombado sôbre a orelha, meteu-se pela rua tortuosa que ia dar na sua casa. Bateu três pancadas, abriu-se um postigo que havia no meio da porta. Apareceu o rosto pergaminhado do velho Antônio, e a porta girou nos gonzos. O moço bateu familiarmente no ombro do criado, e, enquanto êste fechava prudentemente a porta, êle dirigiu-se para uma saleta no pavimento inferior, cujas jane-las davam para o jardim.

Nesta saleta, estava uma dama vestida de prêto, sen-tada numa poltrona de velho carvalho. Era moça e formosa.

Algumas rugas, imperceptíveis, sulcavam-lhe a fronte alva e lisa; um leve círculo negro, à volta dos olhos grandes e prêtos, deixavam adivinhar talvez as lágrimas noturnas que soltam, silenciosas e ignoradas, aquêles que amam e sofrem. Era alta, um tanto magra, e possuía essa beleza altiva e melancólica, que seduz a imaginação dos poetas, deixando adivinhar misteriosos sofrimentos.

À vista de Flor de Maio, levantou-se da poltrona, jogou para trás os anéis brilhantes e negros do seu cabelo sólto e caído em profusão sôbre os ombros, abriu os braços e estreitando nêles o adolescente, deixou-lhe na testa um terno beijo.

— Bom-dia, disse ela; donde vens, meu belo cava-leiro? Estás escorrendo em suor, trazes a roupa coberta de pó...

— Manazinha, disse Flor de Maio, retribuindo as carícias que ela lhe fazia, venho do jôgo da péla. Ganhei três partidas seguidas do visconde d'Alzay, que todavia joga muito bem.

— Louco! murmurou ela, não sabes como é perigoso êsse exercício. El-rei Carlos VIII morreu por motivo dêle.

— Por ter bebido um copo de água fria, respondeu Flor de Maio rindo; eu, porém, nunca bebo água. Deus me livre!

Um sorriso passou pelos lábios da moça.

— Flor de Maio, tu me amas muito?

— Oh! se te amo, minha querida Bluete! Amo-te como minha irmã, como minha mãe, como nosso pai, que te julgava morta e tantas vêzes chorava a tua falta.

A esta palavra de pai, a moça estremeceu e cobriu-lhe o rosto uma palidez mortal.

— Olha, minha querida Bluete, continuou Flor de Maio com entusiasmo, se alguém ousasse entrar aqui, onde queres estar escondida, matá-lo-ia; se um homem se atrevesse a te ofender, não lhe deixaria no corpo um pedaço maior que a lâmina da minha adaga.

— Criança! murmurou Bluete, enquanto uma lágrima marejava os seus olhos grandes, negros, ternos e tristes.

Depois, com as mãos brancas e compridas, afagou os cabelos castanhos de Flor de Maio, e disse-lhe:

— Vem, meu querido irmão, vamos ao jardim, para debaixo daquelas grandes árvores, onde antigamente brincávamos. Quero conversar contigo.

Na voz de Bluete havia uma espécie de solenidade que causou admiração a Flor de Maio.

— Que coisa tão séria é essa que tens para me dizer?

— Anda, disse Bluete comovida; quero falar-te de nosso pai.

Flor de Maio abaixou a cabeça com esta recordação, e viu as lágrimas encharcarem os olhos de Bluete, e caírem ardentes sôbre a mão delicada.

Ela arrastou-o para o jardim abandonado e cheio de plantas luxuriantes, que só à natureza deviam a sua força



e o seu esplendor; fê-lo assentar num banco de relva, ao pé de um olmo duas vêzes secular, e tomou a mão dêle entre as suas, assim como teria feito uma mãe:

— Sabes bem, meu belo cavaleiro, que é hoje o dia 11 de Maio, e que, amanhã ao nascer o dia, terás completado os dezoito anos?

— Sim, e então? perguntou Flor de Maio, que estremeceu a estas palavras.

— Recordas-te das últimas vontades de nosso pai?

— Sim, respondeu Flor de Maio; meu pai, no seu leito de morte, ordenou-me que partisse para Paris quando fizesse os meus dezoito anos; que levasse uma carta sua ao senhor cardeal Júlio de Mazarin, e que solicitasse de Sua Eminência o favor de me admitir no seu serviço.

— Exatamente, murmurou Bluete; tens a memória fiel. Pois bem, meu irmão, é chegada a hora, é mister partir.

— Mas, disse Flor de Maio, quando nosso pai me fêz fazer essa promessa, querida irmã, não sabia que ainda estavas viva, que um dia voltarias para junto de mim, e que eu neste caso não poderia partir; porque o nosso bom pai sabia quanto eu te amava, e grande havia de ser a sua felicidade quando do céu, onde bem certamente está, te viu voltar para casa e abrir os braços a êsse irmão que tanto amavas. Partir! tu estás louca, minha irmã... Não sabes que somos aqui tão felizes que os anjos devem invejar a nossa felicidade!... E que queres tu que seja do teu Flor de Maio que te ama, se êle te abandonar para ir correr mundo?

E Flor de Maio ajoelhou diante da irmã, que fôra sua mãe, pegou nas mãos dela e cobriu-as de beijos. Uma lágrima corria silenciosa na face pálida de Bluete.

— Meu irmão, disse ela enfim, nosso pai sabia que eu não tinha morrido.

Ouvindo esta revelação, Flor de Maio levantou-se e recuou um passo.

— Isso é impossível! exclamou êle.

— E' verdade, murmurou Bluete curvando a cabeça.

— E' impossível! impossível! digo-te eu, replicou Flor de Maio com veemência: porque se não fôsse assim não teria êle feito eu e os nossos servos tomar luto. Nem me haveria feito ajoelhar tôdas as noites, dizendo-me: "Reza, meu filho, por tua irmã, que já não existe..." Êle acreditava-o, como eu o acreditei por muito tempo; como Antônio e Mariana acreditaram, até ao momento em que para aqui voltaste, numa noite escura e chuvosa; e vinhas tão pálida, tão aflita, que julguei ver a tua sombra, eu, que conservava no fundo do meu coração de criança a tua imagem risonha e plácida.

Um sufocado gemido saiu do peito ansiado de Bluete.

— Meus Deus! fêz Flor de Maio fora de si, vendo correr as lágrimas da moça, quem me explicará êste horrível mistério? Durante dez anos, julguei-te morta; durante dez anos te chorei, orando por ti. Tinhas partido risonha, feliz, adorada, voltaste pálida, triste, com o desespero no rosto e no coração, e as carícias do teu pequeno Flor de Maio não tiveram o poder de me restituir a Bluete doutro tempo. Mas que foi feito de ti durante êsses dez anos? Onde estiveste? Quem é que te podia amar tanto como nós, e fazer-te esquecer êsse irmão a quem chamas teu filho, êsse pai que chorava lágrimas de amargura, quando diante dêle se pronunciava o teu nome?

Bluete não respondia. Chorava. Flor de Maio tornou a ajoelhar aos pés dela.

— Choras, disse êle, choras, e sou eu que provoço as tuas lágrimas. Oh! não quero saber o teu segrêdo, minha querida irmã, mas amo-te, vê, amo-te como os anjos de-vem amar a Deus, e se preciso fôsse conquistar o mundo para te restituir a felicidade...

Bluete imprimiu seus lábios sôbre a testa do irmão:

— Tu és nobre e bom e o teu amor me faz esquecer os meus sofrimentos. Não me peças nunca a explicação do terrível enigma da minha vida; tenho quase trinta anos e tu dezoito. Não me compreenderias; ama-me, porém, meu

Flor de Maio, ainda sou digna do teu amor, e Deus que me ouve, me deve ter perdoado. Partirás amanhã, meu filho, irás aonde o dever chama um gentil-homem, onde a vontade de meu finado pai te obriga a ir. Eu ficarei aqui, sempre morta para o mundo inteiro, exceto para ti. Todos os dias, orarei a Deus por ti, pedir-lhe-ei que te faça tão feliz como deve sê-lo um nobre moço como tu; e Deus me ouvirá, meu filho, porque a súplica daqueles que têm sofrido é a que mais lhe agrada, e tornar-te-ás um valente capitão, terás a estima dos teus amigos, o favor do teu rei, a afeição de todos quantos te rodearem, porque bom sangue não poderia mentir, e tu és o digno filho de nosso pai, que levou para o túmulo as saudades e a veneração de todos.

Bluete abriu os braços, apertou Flor de Maio contra o seu coração com um transporte de amor maternal e acrescentou num tom mais sossegado:

— Nosso pai, meu filho, deixou-te uma modesta herança e tu estás longe de ser rico; mas há aqui um cofre-zinho onde, durante muito tempo, ajuntou as suas economias, destinando-as às primeiras despesas da tua entrada no mundo. Levarás trezentas moedas. E' pouco, mas deve bastar por alguns meses para a existência de um gentil-homem sóbrio e econômico como hás de ser. Vamos, meu filho, coragem! Antônio já preparou as tuas malas, e te comprou um excelente cavalo. Mande fazer uma boa roupa, e farás a tua entrada em Paris com decência.

Flor de Maio chorou, êle amava tanto Bluete! O sentimento do dever, e essa ambição que atormenta a mocidade, e que sua irmã tão bem soube despertar no seu coração, acabaram por vencê-lo. Resignou-se a partir.

No dia seguinte, ao romper da aurora, os habitantes do bairro, os vizinhos da Casa fechada, viram o cavaleiro Flor de Maio, muito bem trajado, montado num magnífico cavalo limogino, em cuja barriga batia uma boa espada de gentil-homem, sair da habitação onde deslizara a sua infância, e apertar com efusão a mão do velho Antônio, que respeitosa e lhe pegara no estribo.

Repetidas vêzes, êle voltou a cabeça como se um ente invisível lhe endereçasse mudos adeuses do fundo da Casa fechada; aquêles que acreditavam firmemente na existência de uma dama oculta sob as árvores frondosas do grande jardim tiveram ocasião para observar, com malícia, que Flor de Maio não levaria os olhos tão vermelhos e o rosto tão pálido, se tivesse abandonado sômente dois velhos servidores...

Mas, enfim, partiu!

A espora picou a barriga do cavalo, e o cavaleiro Flor de Maio de Chastenay passou a galope pelas ruas de Blois e entrou na estrada de Paris. À noite, tôda a cidade sabia que o jovem senhor de Chastenay ia para a côrte servir el-rei e conquistar nobremente as suas esporas de cavaleiro.

Quanto ao velho Antônio e à aia, continuaram a residir na Casa fechada, sempre tão mudos como antes, o que não fez senão aumentar a crença popular de que a casa do jovem gentil-homem estava, na sua ausência, habitada por um ente misterioso.

## CAPÍTULO II

### COQUELICOT

Bem pungido pela dor ia o coração de Flor de Maio, quando perdeu de vista, ao longe, as agulhas da velha catedral e as altas tôrres do castelo de Blois. Partia só, e abandonava uma irmã adorada, o único ente que amava, para caminhar, ao acaso, sôbre o terreno movediço e perdido da côrte.

Mas como Flor de Maio tinha o ânimo resoluto, nem um minuto pensou em retroceder, e caminhou todo o dia, sem voltar uma só vez a cabeça para trás. Caía a noite, quando chegou a Beaugency, que, então, não era senão uma pobre aldeia das margens do Loire.

Ele viera de Blois até à aldeia sem parar, e, tendo o cavalo cansado, pensou que seria prudente pousar na primeira estalagem que encontrasse, e seguir seu caminho no outro dia de madrugada. Chegando a um alto de onde se via a aldeia a dois tiros de espingarda, avistou um entêrro, que, desembocando da única rua que tinha a povoação, se dirigia para o cemitério, que ficava fora da aldeia, encostado à colina por onde Flor de Maio ia descendo.

Vinha na frente um padre de sobrepeliz, com a cabeça levantada, rezando resposos. Seguiam-no quatro camponeses com o esquite aos ombros. Atrás dêles vinha de cabeça descoberta, um personagem singular que certamente merece algumas linhas.

Era um homem obeso, de estatura mediana, de braços compridos, pernas pequenas e finas, nas quais batia estrondosamente uma comprida durindana. Seu rosto vermelho, ornado de um nariz semeado de numerosas borbulhas báquicas, era daqueles nos quais é impossível decifrar uma data. Talvez não tivesse mais do que quarenta anos, mas podia também ter os seus sessenta.

O traje era ainda mais singular que a pessoa: vestia gibão azul celeste todo rôto, calções escarlates no fio, botas de funil que lembravam a moda do último reinado, e grande chapéu branco com pena de falcão, inclinado sôbre a orelha esquerda com intrepidez militar; compridos bigodes pretos e retorcidos destacavam-se sôbre este rosto bochechudo e avermelhado, e acabavam de lhe imprimir um cunho de singularidade que impressionou Flor de Maio, quando o cortejo fúnebre passou diante dêle. O homem do gibão azul seguia o esquite, pensativo, com a cabeça baixa e as lágrimas nos olhos vermelhos.

Atrás dêle, caminhava uma dúzia de aldeões de ambos os sexos, uns conversando a meia voz, outros resmungando algumas orações. De tal sorte que o jovem viandante compreendeu que, de todos quantos acompanhavam o finado, o único pesaroso era o homem do gibão azul.

Flor de Maio, como homem que professa grande respeito pela religião, apeou-se, descobriu-se ante o ataúde,

prende o cavalo a uma árvore e seguiu o acompanhamento, interessando-se pelo personagem estranho, que parecia ser o único amigo, ou o único parente do morto.

O dia ia descendo; os últimos raios de sol tingiam o horizonte com uma faixa de ouro e de púrpura; a brisa soprava embalsamada, os passarinhos chilreavam na ramagem, e o pequeno cemitério de Beaugency, onde o cortejo fúnebre acabava de entrar, estava tão viçoso, tão florido, que Flor de Maio tomou-o por um jardim.

Cada túmulo tinha a sua grinalda de centáureas e de boninas, os muros estavam todos tapetados de jasmim e de madressilva, a erva crescia verde e espessa sobre esta terra que cobria somente ossos; era a vida luxuriante, cheia de perfumes, esperanças e sorrisos, pairando sobre o asilo da morte. Este singular contraste impressionou vivamente Flor de Maio.

Num canto do cemitério, por trás de uns pés de lilases, crescidos por acaso neste lugar fúnebre, estava aberta a cova do morto. Colocaram-lhe à beira o ataúde, enquanto o padre recitava as derradeiras orações e o aspergia com água benta. Depois, desceram o ataúde, e a primeira pá de terra caiu sobre ele com um ruído lúgubre.

Então, o padre e os assistentes afastaram-se e só ficou junto do coveiro o homem do gibão azul e Flor de Maio, que se conservou imóvel e pensativo a alguns passos de distância. Absorto na sua dor, o homem do gibão azul esperou, com os braços cruzados e a fronte baixa, que o coveiro cobrisse inteiramente o ataúde e se afastasse por seu turno, e depois ajoelhou; e, então, as duas grossas lágrimas, que há tanto tempo brilhavam em seus olhos, rolaram lentamente sobre suas faces, enquanto a sua bôca murmurava uma oração.

Comovido com tal espetáculo, Flor de Maio adiantou-se, também, ajoelhou igualmente, e como o homem do gibão azul, pôs-se a orar por esse morto desconhecido, que parecia só ter realmente deixado saudades a um indivíduo. Foi aí que aquêlê homem levantou a cabeça e viu o jovem cavaleiro que o acaso colocara no caminho do entêrro, que

tinha piedosamente seguido o cortejo ao campo santo, e que ajoelhava sôbre esta cova ainda mal cheia.

— Oh! exclamou êle, estendendo-lhe as mãos com expansão, só a mocidade é boa e generosa. Só ela tem coração.

E chorando, apertou a mão de Flor de Maio com energia e disse:

— Obrigado, meu gentil-homem, obrigado, quem quer que sejais, por essa oração que acabais de rezar sôbre a cova do meu amigo.

— Então, êsse homem era vosso amigo? perguntou o jovem cavaleiro, com lágrimas nos olhos, e apontando para a sepultura.

— O único que tive, respondeu, soltando um suspiro.

Depois, apressou-se a acrescentar:

— Dizendo meu amigo, não digo bem, porque era meu capitão e eu não passo de um pobre soldado; mas tinha-lhe muita amizade, e êle, sabendo que eu teria dado a minha vida mil vêzes por êle, também me estimava.

O soldado passou a mão pelos olhos, deu um passo para trás. Flor de Maio tomou-lhe silenciosamente o braço, e arrastou-o para fora do cemitério.

— Senhor, continuou com voz comovida, e enquanto descia a passos lentos o caminho que ia do cemitério à aldeia, a vida é assim: vão-se os bons e ficam os maus! Deus assim o quis!

— Então, tinheis muita amizade ao vosso capitão? interrompeu timidamente Flor de Maio.

O homem de gibão azul tornou a suspirar:

— Nunca ouvistes dizer, murmurou êle, que o cão vadio se afeiçoa ao primeiro transeunte que o afaga e lhe lança um olhar de compaixão?

Esta resposta, eloquente e simples, comoveu Flor de Maio a ponto de o fazer derramar lágrimas. Olhou para êste homem pobrementemente vestido, de fisionomia vulgar e quase grotesca e adivinhou nêle um coração generoso e cheio de nobres instintos.

— Senhor, prosseguiu êste último, já vos disse que sou um pobre soldado: não sei onde nasci, disseram-me que em Flandres; tinha quatro ou cinco anos, quando o exército francês, que guerreava contra os espanhóis, queimou o casebre de meus pais, fêz-me órfão e adotou-me. Acompanhei o exército, e aos quinze anos peguei no mosquete, e como nessa idade tinha a cõr avermelhada, os meus companheiros de armas puzeram-me o apelido de Coquelicot (Papoula). Sempre usei êste nome. Tenho cinquenta e cinco anos pelo menos, tôda a minha vida andei entre as balas, batendo-me por instinto, tendo pouco amor à vida, porque ninguém me tinha amizade, procurando sempre tê-la a alguém, e não recolhendo de ordinário senão desprezo ou indiferença. Os verdadeiros amigos são tão raros neste mundo como as mulheres realmente apaixonadas. Encontra-se algumas vêzes um, dois nunca. Um dia, no campo de batalha, um soldado, meu camarada, mortalmente ferido, recomendou-me seu filho. Aceitei o legado. Isto foi há vinte e oito anos. O menino tinha três: sua mãe morrera ao dá-lo à luz. O pobre inocente era órfão; eu jurei que era seu pai, incumbi a sua educação a um velho sacerdote, que o lecionou em sua casa. Quando completou vinte anos, fi-lo soldado. O rapaz era bonito, valente e sensato. Subiu postos, chegou a capitão. Eu adorava-o: êle adorava-me também. Chamava-me de pai; eu, que não passava dum pobre soldado, bem sabia que devia ter respeito a êle, que era meu oficial, e nunca lhe dava o nome de filho. Ah! senhor, terminou Coquelicot, suspirando e derramando uma lágrima. Deus levou-o para si. Há um mês, num encontro com os espanhóis, o meu pobre capitão foi ferido por uma bala no peito. A princípio, o cirurgião da companhia não julgou o ferimento mortal e aconselhou-lhe descanso e ar melhor do que o de Flandres, onde então nos achávamos. O velho sacerdote que o educara morava numa pequena aldeia da Turena, a algumas léguas de Amboise, num lindo lugar cheio de árvores e de flores, encostado a um cêrro, à beira do Loire. Foi para aí que eu me lembrei de levá-lo. Assim que êle se achou em estado de montar a cavalo, pedi



licença sem prazo e partimos, fazendo pequenas marchas, parando duas ou três vèzes por dia e indo a passo, porque qualquer movimento mais forte podia-lhe abrir a ferida mal fechada. Gastamos perto de um mês para chegarmos a Beaugency. Cada dia, o meu pobre capitão se sentia mais fraco, mais quebrado, e uma palidez mortal cobria o seu rosto, quando o pegava nos braços para o montar a cavalo. Chegamos aqui há oito dias. Coragem! disse-lhe eu, faltam-nos só doze ou quinze léguas. Continuaremos a viagem amanhã. Mas, no outro dia não teve fôrças para se levantar. Esperemos! disse êle. Esperamos um dia, dois, três e vi que a hora se aproximava. Morreu ontem pela manhã, ao nascer do dia, no momento em que a natureza desperta pelas mil vozes harmoniosas dos pássaros dos campos e dos bosques. Morreu aos trinta e um anos, no quarto duma estalagem, dizendo-me adeus com o olhar e custando-lhe a perder a vida como custa nessa idade.

Coquelicot interrompeu-se: estava banhado em lágrimas. Êle e Flor de Maio acabavam de parar junto da árvore, onde o jovem blaisês prendera o cavalo.

— Meu gentil-homem, disse então o soldado enquanto Flor de Maio, metendo a rédea no braço, continuava a pé o seu caminho, achar-me-eis talvez bastante indiscreto; mas ousarei perguntar-vos aonde ides.

— Vou para Paris, respondeu Flor de Maio.

— Parareis em Beaugency?

— Sim, até amanhã, porque vim de Blois sem parar, e o meu cavalo está cansado.

— Nesse caso, respondeu Coquelicot, servir-vos-ei de guia. Não há senão uma estalagem em Beaugency, a de São Boaventura; casa, vinho e comida, tudo aí é ruim, mas quando se é moço e valente, como pareceis ser, a tudo a gente se acostuma; vinde.

E os dois continuaram seu caminho; um pensativo e melancólico, o outro absorvido pelas suas dolorosas recordações; assim chegaram à porta da estalagem, por cima da qual um Miguel Ângelo de aldeia tinha pintado uma figura bochechuda que representava São Boaventura. Flor

de Maio confiou o cavallo a um criado; pediu um quarto e ceia, para a qual convidou Coquelicot. O pobre homem não tinha fome nem sede, mas gostava tanto do jovem sire de Chastenay, sentia-se arrastado para êle por uma secreta simpatia, que aceitou o seu oferecimento com alegria.

Flor de Maio tivera o coração bem angustiado todo o dia; a saudade da casa abandonada, a lembrança de Bluete, a solidão da estrada percorrida, depois o entêrro que o acaso fizera assistir, por fim a singela e tocante história de Coquelicot, tudo contribuira para lhe sombrear o rosto. Algumas garrafas empoeiradas, a vista de uma toalha bem limpa e o apetite, que é o maior companheiro da mocidade, fizeram-lhe, porém, esquecer as suas penas, e, ao cabo de uma hora, recuperara essa indolência natural que era a admiração dos blaiseses. Além disso, Flor de Maio ainda não estava apaixonado; e bem se sabe que só as tristezas de amor é que resistem às distrações.

Embora mediocre, o vinho do estalajadeiro soltou pouco a pouco a língua do rapaz; por seu turno contou a sua história a Coquelicot, omitindo prudentemente certas particularidades relativas a Bluete. Depois, falou da carta que seu pai deixara para o senhor de Mazarin, da esperança que tinha de entrar para os exércitos do rei. E o veterano, escutando-o religiosamente, guiado por misteriosa simpatia, começou a amar com tôda a fôrça da sua alma êste gentil e garboso moço que entrava na vida com uma boa soma de ilusões, uma alma nova e crente, um olhar ousado e uma consciência pura e altiva.

— Meu gentil-homem, disse êle de repente, seria da vossa vontade escutar-me por alguns minutos?

— Falai, respondeu Flor de Maio, admirado desta súbita interrupção.

— Há algumas horas, disse Coquelicot, tinha feito o projeto de pedir a minha baixa, retirar-me para a aldeia, onde o velho cura educou o meu pobre capitão, e aí esperar com paciência que Deus me chamasse à sua presença. Não tinha mais ninguém no mundo a quem tivesse ami-

zade, portanto, era o melhor que podia fazer. Mas, agora, volto à minha existência de outrora, à vida dos campos e das aventuras, às cutiladas e aos tiros de mosquete, e bem sei que morreria de aborrecimento em seis semanas, se pendurasse minha durindana num canto da casa.

— Creio que sim, murmurou Flor de Maio sem adinhar o que o sargento imaginara.

— Entrais na vida, voltou o veterano, sem outro guia senão os conselhos de vosso falecido pai, um coração valeroso e umas centenas de moedas. Creio que nós dois formaríamos uma pequena sociedade que não deixaria de ter seu merecimento. Certamente, acrescentou o sargento com humildade, sois gentil-homem e eu não sou; conheço bem a distância que nos separa para ousar aspirar à vossa amizade, mas dar-me-ei por muito feliz se me tomardes para vosso criado, ou escudeiro, que vos acompanhará a tôda parte.

Flor de Maio, pasmado pela proposta, olhou para Coquelicot, pensando que êste obedecia talvez ao impulso de um estômago agradecido. O sargento, porém, não tinha, por assim dizer, bebido nem comido, estava em seu juízo perfeito, e apressou-se a prosseguir:

— Vêdes-me hoje, senhor cavalheiro, pela primeira vez, e o homem que se encontrou junto duma sepultura ainda aberta não pode estar muito alegre. Mas, de ordinário, sou bom companheiro; gosto de rir, bebo bem, sem me chumbar, sou filósofo nos dias maus, e aquêles que têm vivido muito tempo comigo dizem que sou esperto. Na minha idade, só se ama a mocidade. Só ela é generosa e cheia de fé, quando a idade madura é cruel; há uma hora que vos estimo porque chorastes sôbre o túmulo daquele a quem eu tinha amizade; não me recuseis êste favor.

E os olhos de Coquelicot, êsses olhinhos pardos e penetrantes que brilhavam sob suas faces vermelhas, tornaram-se suplicantes a estas palavras. Flor de Maio estendeu-lhe espontâneamente a mão:

— Pois sim, porque é preciso ser louco ou ingrato para repelir o amigo que o acaso nos envia.

No dia seguinte, Coquelicot pôs-se a caminho com Flor de Maio, em direção a Paris. Durante a primeira jornada, o velho aventureiro mostrou-se afetuoso, mas sempre triste, pouco falou, enxugou lágrimas furtivas à recordação do seu querido capitão; porém, à noite, comeu e bebeu; depois, no dia seguinte, foi pouco a pouco voltando ao desleixo de soldado. A maravilhosa filosofia que a vida dos campos dá foi suavizando a sua dor, e, como um amante aflito e magoado que quer entregar-se apaixonadamente a um novo amor, deixou-se apossar inteiramente pela afeição que Flor de Maio lhe inspirava. Este, porque o seu companheiro ia taciturno, teve tempo para fazer mil projetos sôbre a nova existência que Paris lhe ia oferecer. E como em todos os sonhos da mocidade entra o amor, o nosso herói lembrou-se de que o acaso não lhe podia recusar, logo que chegasse à côrte, os favores e os sorrisos de uma dessas belas mulheres ornadas de diamantes, vestidas de veludo e sêda, e mais lindas do que os anjos, como êle tinha visto nas festas e nas cavalladas de Blois. A mocidade é temerária e o acaso compraz-se em auxiliá-la. No terceiro dia de jornada, como se aproximasse da pequena cidade de Arpajon, Flor de Maio viu passar pela estrada uma liteira puxada por muares, segundo a moda espanhola, e escoltada por dois lacaios de libré. As cortinas da liteira iam abertas, e os olhos curiosos do rapaz viram, recostada nos coxins, a mais bela criatura do mundo.

Flor de Maio ficou encantado! Jamais vira, nem mesmo imaginara uma mulher tão bela como esta moça de vinte anos, loura, rosada, branca como uma açucena, porte alto, fino e flexível, risonha e triste ao mesmo tempo, adorável misto de galante volubilidade e de vaga melancolia. Flor de Maio tinha entrado em todos os palácios dos arredores de Blois, vira as mais nobres damas e as mais belas herdeiras da província, mas nenhuma lhe tinha parecido tão bela como a cônega que tinha diante dos olhos, porque ela era cônega como a sua vestimenta mostrava; mas uma cônega não fazia voto, era do mundo; podia deixar a prebenda e os hábitos para casar. Flor de Maio sabia disso, ou não sabia, mas o que ao certo sabia era que ela

era formosa de enlouquecer, e experimentou de súbito essa sensação indizível que se apodera do homem à vista da mulher que está destinado a amar.

Tem-se feito sôbre o amor mil e uma teorias. Para uns, é uma febre, para outros o resultado imediato de uma triste predisposição do espírito e do coração. Querem os filósofos que o amor seja uma aberração mental; os poetas glorificam-no como o sentimento mais puro e mais etéreo da natureza humana; os homens de trinta anos sustentam que não se ama antes desta idade, os de dezoito afirmam o contrário. Numa palavra, ninguém está de acôrdo, nem sôbre as simpatias que o precedem, nem sôbre o gênero a que pertence, nem sôbre a maneira como se produz o amor.

Seja como fôr, Flor de Maio apaixonou-se sùbitamente. A liteira trotava a bom trotar e parecia querer chegar a uma estalagem próxima.

— Com a breca! disse Flor de Maio a Coquelicot, que linda mulher é aquela que vai na liteira. Um reino não pagaria um dos seus sorrisos. Tenho vontade de segui-la.

Um sincero sorriso passou pelos lábios do bom es-cudeiro.

— Ah! o que são os rapazes, murmurou êle, o seu coração acende-se com a primeira faísca.

E picou as esporas para seguir seu amo que já galopava atrás da liteira. Os muares iam frescos, os cavalos um tanto cansados. Só uma hora depois, é que Flor de Maio alcançou a liteira no momento em que, saindo de Arpajon, parava à porta de uma estalagem isolada na estrada.

O mau tempo e o chegar da noite acabavam sem dúvida de obrigar a bela viajante a esta repentina parada, conquanto se achasse distante apenas três léguas de Paris.

— Meu amigo, disse Flor de Maio ao seu companheiro, tenho muito receio da chuva, e parece-me que acharemos o que comèr nesta casinha.

— Bom! respondeu Coquelicot, está tudo perdido.

Apeou-se, chamou um moço da estalagem, e entregou-lhe os cavalos. Estavam já recolhidos os muares da liteira da viajante a quem fôra oferecido o melhor quarto; de sorte que Flor de Maio, entrando na cozinha, sala comum de tôdas as estalagens de estrada real, soube que a viandante havia se retirado para o seu quarto, para onde mandara ir a ceia.

Isto não agradou muito ao nosso herói; contudo, tomou o seu partido, esperando vê-la no dia seguinte, e depois de uma ceia bastante monótona em frente de Coquelicot, recolheu-se. A estalagem tinha somente dois quartos no primeiro andar, e eram maus. O maior e mais cômodo fora dado à bela desconhecida, o outro a Flor de Maio.

Um simples tabique separava os dois quartos e era facil ouvir-se num o que se dizia no outro. Quanto a Coquelicot, contentara-se com um sótão por cima das cavalariças, que ficavam separados do edificio principal.

Quando Flor de Maio entrou no seu quarto, pôs-se a escutar com uma curiosidade natural os ruídos que vinham do quarto da sua vizinha. Esta ia sem dúvida meter-se na cama, quando passos rápidos soaram na escada. Depois, os passos aproximaram-se, e Flor de Maio ouviu bater duas pancadas discretas à porta da jovem.

Êle pensou que fôsse a estalajadeira, e a jovem também, pois abriu a porta sem desconfiança. Flor de Maio ouviu um grito de terror, e pôs-se a escutar ansiosamente.

— Vós aqui, senhor cavalheiro! exclamou a viandante.

— Eu mesmo, minha senhora, respondeu a voz plácida e resoluta de um homem.

— A esta hora, no meio da noite, numa estrada deserta.

— Perdão, perdão, minha querida senhora, sossegai, permiti-me que vos explique porque tenho a honra de vos cumprimentar um tanto tarde.

Flor de Maio escutava, a testa banhada em suor.

— Falai, fêz a moça com uma voz cada vez mais assustada.

— A noite e o temporal surpreenderam-me. Procurei um abrigo e vim dar aqui. Soube que estáveis nesta estalagem, quis oferecer-vos os meus humildes respeitos.

— Pois bem, cavalheiro, balbuciou a jovem, fico-vos muito agradecida, boa noite!

— Vejo, minha querida senhora, redarguiu a voz, que vos fiais um pouco na minha palavra.

— Eu? disse ela cada vez mais assustada.

— Como não? Que quereis que eu faça a tal hora por êstes caminhos, senão andar atrás de vós?

— Andar atrás de mim? Para quê?

Flor de Maio escutava ainda, e seu coração batia fortemente.

— Minha querida senhora, voltou a voz em tom zombeteiro, bem sabeis que vos amo.

— Calai-vos, senhor! A tal hora, essa declaração é um ultraje!

— Perdão, a explicação me desculpará! Amo-vos ardentemente e o meu maior desejo é obter a vossa mão.

— Senhor!

— Ora, tive a infelicidade de desagradar à marquesa, vossa tia, e embora seja amigo do visconde, vosso irmão, nunca obterei a vossa mão se não liquidar prontamente êste negócio de maneira qualquer. Resolvi, pois, raptar-vos, e tomei tôdas as minhas precauções. Os vossos lacaios estão comprados por mim. Por bem ou por mal, vou levar-vos a Palaiseau de onde vindes.

Flor de Maio ouviu um grito, depois estas palavras:

— Sois um covarde!

— Ora esta! respondeu a voz num tom zombeteiro, em amor não há covardia.

Flor de Maio não quis ouvir mais nada; levantou-se e bateu na porta do quarto da moça. A porta, que apenas estava cerrada, abriu-se logo, e Flor de Maio achou-se em frente da viandante lacrimosa e de um homem de trinta anos, pouco mais ou menos, a quem a sua brusca aparição fêz recuar um passo.

— Minha senhora, falou friamente Flor de Maio, desembainhando a espada, não me conheceis: mas sou um gentil homem, e o meu braço pertence-vos.

— Senhor! exclamou o cavalheiro irado, levando a mão ao punho da sua espada.

— Sois um covarde, disse o moço com serenidade, e agradeço à Providência que me colocou entre vós e esta senhora.

Os olhos do rapaz chamejavam, chegando a espada ao rosto do cavalheiro, e a moça viu que tinha nêle um protetor. O raptor, pelo contrário, ficou muito pálido, e seus dedos, crispados, seguravam com raiva a guarda da espada.

— Senhor, disse êle por fim, haveis de dar-me satisfação por êste insulto.

— Estou às vossas ordens.

O cavalheiro ia desembainhar a espada, mas Flor de Maio susteve-o.

— Aqui, não. Primeiro, porque dois homens corteses não se batem nunca na presença de uma senhora; segundo, porque um duelo esta noite comprometeria a sua reputação. Encontrar-nos-emos em Paris.

— A desculpa é ótima! chacoteou o cavalheiro.

Flor de Maio trazia uma pistola no cinto, puxou-a e arremou-a:

— Senhor, disse num tom sêco, entrastes aqui como um ladrão; se não sairdes imediatamente, meto-vos uma bala na cabeça.

— Pois então, encontrar-nos-emos em Paris! exclamou o cavalheiro num grito de raiva.

A formosa viandante, aflita, tombou sôbre uma cadeira.

— Minha senhora, disse-lhe Flor de Maio, podeis dormir tranquila, eu velarei. Se amanhã continuardes o vosso caminho, ambicionarei a honra de vos escoltar até às portas de Paris.

Flor de Maio, dizendo estas palavras, beijou a mão que a moça lhe estendeu com uma expressão de sincera gratidão, e retirou-se discretamente.



No dia seguinte, ao alvorecer, a liteira pôs-se a caminho. Flor de Maio ficara acordado a noite tãda, e já estava assaz apaixonado para fazer esplêndidos projetos sôbre a sua primeira aventura.

O cavalheiro desaparecera e sômente por um excesso de delicadeza, Flor de Maio julgou conveniente não contar a Coquelicot os acontecimentos da noite; e, fingindo ser sempre desconhecido à bela viandante, esperou a sua partida para pôr o pé no estribo; seguiu, porém, a liteira a alguns tiros de mosquete, não a perdendo de vista, pronto para correr ao menor perigo.

A jovem, agradecida, sem dúvida, por esta discrição cavalheiresca, por duas ou três vêzes durante o trajeto, pôs a cabeça para fora da portinhola, e quando Flor de Maio, chegando ao mesmo tempo que ela à porta Saint-Jaques, onde daí em diante se achava em segurança, passou para a frente da literia, fêz-lhe com a mão um sinal muito interessante que parecia dizer:

— Havemos de nos ver novamente!

— Oh! certamente, murmurou êle compreendendo êste gesto, é preciso que a veja novamente!

No instante em que Flor de Maio entrou em Paris, a grande cidade acordava, com êsses mil ruidos próprios das cidades populosas. A rua Saint-Jaques, que êle e o companheiro contornavam até ao Sena, estava cheia de estudantes brincalhões e de populaça sempre ávida de notícias.

Flor de Maio ficou admirado quando ouviu Coquelicot dizer que êste barulho, êste movimento, êste ajuntamento que lhe parecia extraordinário, era o que havia de mais comum em Paris. Mesmo nos dias de festa e de cavalhadas, nunca vira tão grande afluência na plácida cidade de Blois, seu berço.

Coquelicot conhecia Paris de cor; conduziu Flor de Maio direto à rua da Arbre-Sec, à hospedaria da "Cruz du Trahoir", onde os gentis-homens de distinção e as pessoas de qualidade, que habitavam na província, de ordinário apeavam.

O jovem cavalheiro foi recebido pelo dono da casa, que era um antigo soldado, companheiro de armas de

Coquelicot, com tôdas as demonstrações de respeito devidas à sua mocidade, à sua boa presença e ao seu traje, que anunciava um gentil-homem rico, e aguardou, almoçando com o seu escudeiro, a hora própria para se apresentar no Palais-Royal e pedir uma audiência ao senhor cardeal de Mazarin, ao qual tinha pressa de entregar a carta de recomendação de seu pai, o falecido sire Enguerrand de Chastenay.

### CAPÍTULO III

## A RECOMENDAÇÃO DE MAZARIN

Flor de Maio dormiu um sono de dezoito anos. Sonhou um pouco com Bluete, e muito com a cônica, mas sonhou também com o cardeal Mazarin, que o nomeava oficial do rei. Este sonho, acompanhado de lindas mulheres e de cutiladas, foi interrompido estrondosamente pelo barulho de uma rua de Paris. O cavalheiro de Chastenay abriu os olhos, lembrou-se primeiro do seu amor e da sua viagem e depois então do cardeal. Verificou se a sua espada saía facilmente da bainha, mirou-se por um momento num pedaço de espelho de Veneza, beijou a carta de seu pai antes de metê-la no bôlso, e montando a cavalo, partiu para Vincennes, seguido de Coquelicot, e sorrindo de amor e de esperança.

Contornou a Bastilha com o coração apertado, e suspirou mais livre quando se viu no campo. A estrada estava cheia de liteiras e coches, de lacaios, de cavaleiros e de gendarmes que corriam a galope. E' que o senhor cardeal Júlio de Mazarin, primeiro ministro de Sua Majestade, o rei de França, chegava à sua hora extrema. Grande agitação reinava, pois, no palácio de Vincennes.

Os amigos do ministro, todos quantos êle tinha elevado, e cuja fortuna se desmoronava com a desapareição do

seu protetor, estavam na maior consternação. Os seus inimigos, e muito numerosos êles eram, regozijavam-se inteiramente, e mascaravam a sua alegria com uma dor aparente, que não podia iludir a um olhar perspicaz.

Seguia-se a legião dos ambiciosos, sempre iludidos, sempre esperançados numa mudança de regime; os que tinham caído no desagrado, pensando recuperar as boas graças; os oficiais da reserva, que queriam ser chamados à atividade, os coronéis que aspiravam ao comando de corpos, capitães que desejavam ser coronéis, e imaginando todos que a morte do primeiro ministro, do grande homem tão cordialmente detestado pela nobreza da França, ia aplanar as dificuldades.

Os amigos do cardeal saíam prudentemente uns atrás dos outros; os seus inimigos entravam aos montes. As antecâmaras estavam atulhadas de militares, prelados, financeiros e senhores de distinção, informando-se da sua saúde, e só com muito custo conseguiam disfarçar a satisfação que tinham, sabendo que dentro de poucas horas a França teria perdido o seu primeiro ministro.

No quarto de dormir de sua eminência, o profundo silêncio sômente era perturbado pela respiração ansiosa do moribundo. Estavam chorando, ajoelhadas ao pé do leito, Mlles. de Mazarin, sobrinhas do cardeal; e à cabeceira, conversavam a meia voz dois médicos e o padre, que acabara de sacramentar o cardeal. Alguns raros criados consternados estavam imóveis e silenciosos no canto mais escuro do quarto.

De repente, uma porta abriu-se sem ruído e entrou um moço, de mediana estatura, de beleza majestosa e altiva, e parecia ter coisa de vinte e dois anos. O brilho dos olhos, a curva aquilina do rosto, a nobreza do gesto e do andar denunciavam nêle essa distinção inata e suprema que se chama de raça.

Vendo-o, as sobrinhas do cardeal levantaram-se e fizeram-lhe uma profunda reverência, enquanto os demais assistentes se inclinavam com respeito. O rapaz agradeceu, saudou-os com um gesto e caminhou para o cardeal.

O senhor de Mazarin, apesar da fraqueza extrema em que se achava, conservara tôda a sua lucidez; reconheceu o nobre personagem que acabava de entrar, fêz um esforço para levantar-se, inclinando ao mesmo tempo respeitosa-mente a cabeça.

— Não vos movais, senhor cardeal, disse o visitante.

— Ah! sire, murmurou Sua Eminência, muito obrigado; a visita de Vossa Majestade adoça-me os rigores da morte.

— Senhor Cardeal, respondeu Luís XIV, servistes-me fielmente, é, pois, do meu dever trazer-vos consolação.

E o rei sentou-se à cabeceira do moribundo. Então, entre o monarca de vinte e dois anos que saudava a vida e o velho ministro que a deixava, entre o rei radiante de mocidade, que ainda não sentira os espinhos da sua coroa, e o ancião consumido pelas tricas da política, estabeleceu-se a meia voz êsse diálogo memorável, tantas vêzes contado, e que nós não repetiremos.

Mazarin punha nas mãos de Luís XIV os negócios do Estado e jurava-lhe, com a convicção de um homem que acha inútil mentir à beira do túmulo, que jamais tivera em vista outro bem, outros interêsses, que não fôsem o bem do Estado e os interêsses da França. E Luís XIV, que se dispunha a reinar por si próprio, escutava gravemente o cardeal, e perdoava-lhe a sua grande avareza, e as amarguras com que êle lhe enchera a sua mocidade.

Enquanto o rei e o seu ministro falavam, ouviu-se um leve ruído na porta que dava para as antecâmaras do cardeal.

O criado grave de Sua Eminência correu o reposteiro, e, vendo o rei, parou interdito.

Luís XIV fêz-lhe sinal com a mão para aproximar-se.

— Que é? perguntou o cardeal com voz fraca.

— Meu senhor, respondeu, humilde, o criado, Vossa Eminência, no estado em que está, mandou fechar a sua porta e ninguém, até agora, se atreveu a entrar.

— E daí? perguntou Mazarin,

— Mas um moço que chegou da província insistiu tanto, dizendo que seu pai prestara outrora alguns serviços a Vossa Eminência, que me decidi a transmitir-lhe o seu nome.

— Quem é êle? perguntou Mazarin.

— E' o cavalheiro de Chastenay.

— Na verdade, murmurou o cardeal, avivando as suas recordações com a maravilhosa lucidez dos moribundos, conheci um capitão com êsse nome que duas vêzes no mesmo dia me salvou a vida no tempo da Fronde.

— E' seu filho, disse o criado.

— Dizêi-lhe que mais tarde o receberei, ajuntou Mazarin.

E olhou para Luís XIV.

— Não, disse el-rei, recebei-o já, senhor cardeal. Não se faz esperar quem prestou serviços à coroa.

E, com um gesto, Luís XIV ordenou que introduzissem o moço. Dois minutos depois, Flor de Maio foi introduzido.

À vista do cardeal moribundo e do altivo e belo moço que estava sentado junto dêle, Flor de Maio, apesar do seu desembaraço habitual, ficou perplexo e sentiu que corava.

— Aproximai-vos, disse o cardeal.

Flor de Maio obedeceu, inclinou-se, e apresentou, tremendo, o pergaminho escrito pela mão de seu pai moribundo.

Enquanto o cardeal mandava ler pelo seu confessor a epístola de sire de Chastenay, Luís XIV que, já era bom conhecedor de fisionomias, cravava seus olhos de água sobre Flor de Maio, a quem êste olhar intimidou muito, e que, todavia, o sustentou com a nobre e pura firmeza do homem que não tem nada de que se vexar.

— Sire, disse por fim o cardeal, sabeis o que o pai dêste moço fêz por mim, ousou suplicar a Vossa Majestade que se recorde dêste ato depois da minha morte, concedendo a sua benevolência ao filho de um fiel servidor de el-rei.

Sua Majestade continuava a olhar para Flor de Maio, e este exame, longe de ser desfavorável ao cavalheiro, permitiu-lhe adivinhar que era valente, inteligente, e que seria dedicado quando preciso fôsse.

— Como vos chamais? perguntou o rei.

— Flor de Maio, real senhor.

— E' um lindo nome; que idade tendes?

— Dezoito anos.

— Que esperais, ou melhor, que desejais?

— Servir a Vossa Majestade fielmente, respondeu simplesmente o moço.

O rei pareceu refletir e disse afinal:

— Sois ainda muito jovem para ser oficial. Mas um gentil-homem não pode ser simples soldado.

— Soldado ou capitão, respondeu altivamente Flor de Maio, um gentil-homem está sempre contente quando traz uma espada.

O rei gostou da resposta.

— Sereis meu pajem, disse-lhe êle. Apresentai-vos esta noite no Palais-Royal, pelas dez horas, ao meu primeiro camarista, o senhor Laporte, que êle vos dará posse.

E o rei despediu Flor de Maio, que se retirou louco de alegria, enquanto o cardeal, chegando-se ao ouvido do seu jovem soberano, disse:

— Sire, um conselho ainda. E' o de um moribundo, mas penso que vale um reino.

— Falai.

— Nunca mais queirais primeiro ministro, disse Mazarin com uma voz tão fraca, que só o rei o ouviu.

Entretanto Flor de Maio, saindo do aposento do cardeal, atravessou de novo as antecâmaras atulhadas de senhores e cortesãos. Coquelicot o esperava humildemente, sentado no canto mais escuro. Na última sala que êle tinha de passar para chegar ao peristilo, Flor de Maio encontrou um grupo de gentis-homens que obstruía a porta, e no meio do qual estava um cavalheiro falando muito alto. Era um homem ainda novo, vestido à última moda. O

rosto pálido, a bôca zombeteira, o ar altivo e desdenhoso e o olhar cheio de astúcia, desagradaram a Coquelicot assim que olhou para êle, e o honrado escudeiro, procurando evocar uma recordação longínqua, murmurou:

— Onde é que eu já vi êste homem?

Quanto a Flor de Maio, reconheceu nêlo o gentil-homem da estalagem de Arpajon, e por êle foi igualmente reconhecido.

— Meus senhores, quereis ter a bondade de deixar-me passar? disse Flor de Maio, tomando um ar impassível.

Todos se desviaram, exceto o cavalheiro de rosto pálido, que, açando-se precisamente no limiar da porta de que só estava aberta uma fôlha, fingiu não ter ouvido, e não se moveu.

— Perdão, cavalheiro, insistiu com delicada firmeza.

— De onde veio êste rapazinho? perguntou em tom desdenhoso o gentil-homem.

— Do quarto de Sua Eminência, o cardeal, respondeu Flor de Maio, olhando-o de frente.

Os olhares dos dois homens cruzaram-se como duas espadas.

— Ainda se entra no quarto do cardeal? fêz o gentil-homem numa gargalhada e sem desviar-se.

— Parece que sim, pois que venho de lá, respondeu Flor de Maio, franzindo a testa.

— Pois meu bom amigo, replicou o seu interlocutor em tom atrevido, permiti-me que não vos dê parabéns por isso.

— Por quê? perguntou Flor de Maio altivo e impaciente com as maneiras zombeteiras do gentil-homem.

— Porque, estando o cardeal para morrer, é perder tempo ir fazer a côrte a um homem, que, daqui a algumas horas, não terá nem crédito, nem poder. Se viestes da província para solicitar emprêgo, será melhor bater em outra porta...

— Perdão, senhor, replicou Flor de Maio irritado, parece-me que não vos disse que vinha para tal fim.

— Não, meu rapazinho, mas todos solicitam.

— Senhor, quereis fazer-me o obséquo de deixar-me passar, pois eu tenho pressa?

E Flor de Maio encarou mais o gentil-homem.

— Oh! falais muito alto, meu amiguinho. Parece-me que sois bem novo ainda.

— Senhor, disse friamente Flor de Maio, falo no tom que bem quero, e pela terceira vez vos peço que me deixeis passar.

— E se eu recusasse?

A insolência do gentil-homem excedia todos os limites.

— Então, disse Flor de Maio, pegar-vos-ia por um braço e obrigar-vos-ia a deixar-me passar, a menos que não me provoquais de propósito, porque neste caso, estou às vossas ordens. Talvez que tenhais uma desforra a pedir-me?

E fazendo uma cortesia, continuou:

— Estou hospedado na "Cruz do Trahoir" e se tendes precisão de uma lição de civilidade, dar-vos-ci, cavalheiro. E com estas palavras, Flor de Maio que, apesar de ser muito novo ainda, era vigoroso, agarrou no gentil-homem pelo braço, e empurrou-o com fôrça para o meio da sala, com grande espanto dos outros senhores, mudas testemunhas desta altercação, e que não julgavam tanto sangue-frio e ousadia numa criança de dezoito anos, cujo lábio superior mal tinha um buço nascente. O homem pálido ficou lívido.

— Está muito bem, disse êle, sois um atrevido e eu vos corrigirei como mereceis; amanhã, de manhã, os meus amigos estarão em vossa casa.

— Senhor, respondeu Flor de Maio com calma, Sua Majestade, o rei de França, acaba de tomar-me para o seu serviço, e sou esperado esta noite às dez horas no Palais-Royal; ainda é meio-dia, podemos liquidar o nosso negócio imediatamente.

— Bravo! gritou um gentil-homem, isto é que é falar bem, e tu não podes recusar, cavalheiro.

— Não recuso, disse o adversário de Flor de Maio, e vou cortar as orelhas dêste insolente rapazinho.



— Se eu não vos matar primeiro, retrucou Flor de Maio. Estou às vossas ordens.

E voltando-se para os outros gentis-homens:

— Senhores, chego agora da província, não conheço ninguém em Paris. Um de vós far-me-ia a honra de ser meu padrinho?

— Certamente, respondeu um cavalheiro, que teria uns trinta anos, e que muitas vezes franzira a testa durante a contenda que o cavalheiro du Vernais, como se chamava o agressor, travara com Flor de Maio.

— Que te chama aqui, visconde? perguntou du Vernais.

— Meu caro, respondeu sêcamente o visconde, sou teu amigo, mas desejo de todo o coração que êste jovem te fure o braco ou a perna para te punir dos teus atrevimentos, e é para ter as primícias do espetáculo que lhe sirvo de testemunha. Não há espadachim mais louco do que tu...

— Visconde!

— Ora, meu caro, é inútil te zangares, pelo menos agora! Em primeiro lugar pertences a êste senhor. Depois, veremos.

Du Vernais mordeu os lábios; depois, fêz sinal a um outro gentil-homem, que sem dizer palavra, pegou no chapéu, afivelou a sua esnada, aconchegou o capote e pôs-se pronto para acompanhá-lo.

Nesta época, estava muito em moda o duelo: batiam-se por um "sim" ou por um "não": por uma atiz ou por uma duquesa, algumas vêzes só pelo prazer de exercitar o braco.

Vinte anos antes, o finado rei Luís XIII e o cardeal de Richelieu tinham tomado severas medidas contra o duelo: armara-se o cadafalso para sire Des Chapelles e para o conde de Montmorency Bouteville, que, desrespeitando os decretos, tinham se batido em pleno dia na Praça Real; Luís XIII porém cedera o lugar à Reqência, Richelieu a Mazarin, sobreviera a Fronda, os decretos caíram em desuso, e, no ano de 1660, havia duelos dia e noite em cada canto de Paris.

Os quatro gentis-homens cortejaram os outros senhores, que ficaram nas antecâmaras, e dirigiram-se para a escada

principal seguidos por Coquelicot, maravilhado do seu jovem amo e pouco receoso pelas consequências do duelo, tal a certeza que tinha de que Flor de Maio sairia são e salvo.

— Ninguém é capaz de tirar-me da cabeça, murmurava êle, descendo lentamente a escada do palácio, que já vê êste cavalheiro du Vernais em algum lugar, e em mau lugar, aposto.

#### CAPÍTULO IV

### O PRIMEIRO DUELO DE FLOR DE MAIO

O personagem a quem Flor de Maio ouvira dar o título de visconde, e que tão elegantemente lhe oferecera o seu auxilio, era um homem de trinta a trinta e dois anos, de maneiras distintas e de aspecto triste e melancólico, que logo à primeira vista impressionou o jovem blaisês, inspirando-lhe uma secreta simpatia.

Pular para o cavalo e devorar a estrada de Vincennes para Paris foi obra dum momento para os outros gentis-homens. A guarda real enchia Vincennes, de sorte que só em Paris é que podiam encontrar um cantinho para se matarem sossegadamente. Apearam-se e despediram os lacaios à entrada da rua de Santo Antônio.

O visconde de Mailly tomou familiarmente o braço de Flor de Maio, assim que se acharam fora do Palais-Royal, e disse-lhe:

— Vamos à Praça Real, que é o lugar mais cômodo para estas coisas.

— Como quiserdes, respondeu Flor de Maio; eu não conheço Paris.

— Chegastes hoje?

— Não. Ontem à noite.

— De que província?

— De Blois. Nasci em Blois.

— Em Blois? fêz o visconde estremecendo.

— Conheceis essa cidade?

— Conheço, vagamente, atravessei-a na minha infância.

E o visconde calou-se e ficou sombrio. Flor de Maio pensou que o seu novo amigo tinha talvez algum desgosto secreto, e respeitou o seu silêncio. Vinte minutos depois, os quatro gentis-homens e Coquelicot entravam na Praça Real. Estava-se no fim de Maio. A primavera fôra curta, como acontece muitas vêzes em Paris, e o verão viera de repente.

Batia meio-dia; o calor era abrasador, a praça estava deserta e as janelas das casas circunvizinhas hermêticamente fechadas. Podiam bater-se sem receio de que os importunassem.

Du Vernais e o seu padrinho iam na frente, o visconde e Flor de Maio seguiam a alguma distância. Coquelicot fechava a retaguarda.

Chegando ao lugar do combate, o veterano, até ali impassível, experimentou um estremecimento misterioso e como que uma vaga inquietação, olhando para o seu jovem amo, e, pela primeira vez na sua vida talvez, teve mêdo. Chegou a Flor de Maio:

— Uma palavra, senhor cavalheiro, disse-lhe êle com uma comoção mal reprimida.

— Fala.

— Tenho ouvido dizer, disse Coquelicot em voz baixa, que quando um homem não sabe bem senão um golpe, não deve tentar outro. Deve dá-lo imêdiatamente. Nada de andar batendo ferro.

— É bom o conselho, respondeu Flor de Maio, segui-lo-ei, obrigado!

— Meus senhores, disse o visconde parando ao pé duma árvore cujos ramos projetavam espêssa sombra, eis aqui um ótimo lugar.

Du Vernais e Flor de Maio inclinaram-se.

— Neste caso, meus senhores, terminou o visconde, aviamo-nos.

Du Vernais e Flor de Maio tiraram a capa e o gibão, cumprimentaram-se, enquanto os padrinhos se conservavam a três passos de distância, e Coquelicot ia filosoficamente sentar-se num marco, enxugando uma lágrima furtiva, endereçando sem dúvida ao céu uma oração muda pelo seu querido Flor de Maio, a quem já amava como filho.

O jovem blaisois escutara o conselho do velho soldado, tanto assim que o pôs em execução imediatamente. Flor de Maio tivera em Blois um excelente mestre de armas, porém achava-se no campo pela primeira vez, e a sua inexperiência ter-lhe-ia sido fatal se tivesse ficado batendo o ferro com Du Vernais, que esgrimava perfeitamente.

Cruzou a espada com o seu adversário, e num momento lhe varou a coxa de lado a lado. Du Vernais soltou um grito, tornou-se lívido, cambaleou e caiu.

— Bem dadal exclamou Coquelicot correndo.

Flor de Maio dirigira-se generosamente para o adversário, curvando-se sobre êle cheio de ansiedade. Felizmente, a ferida não era mortal. O ferro não atingira o osso. Contudo o cavalheiro, vencido pela dor, perdera os sentidos e o sangue saía-lhe em borbotões da ferida; era urgente transportá-lo o mais rápido possível e chamar um cirurgião. O padrinho de du Vernais aproximou-se do visconde.

— O ferido não pode ser transportado para sua casa, disse êle. O palácio da senhora cônia é mais perto. Con senti que o levemos para lá, enquanto não vem uma liteira.

O visconde hesitou.

— O caso é urgente, disse êle, e minha irmã ainda está em Palaiseau. Caminhemos.

Flor de Maio estremeceu. Palaiseau! a cônia! mas não era tempo para pensar.

— Senhores, redarguiu o visconde, ajudemo-nos mutuamente e transportemos imediatamente o ferido; chamaremos logo um cirurgião que há aqui perto.

Flor de Maio já tinha ligado com o lenço a ferida do seu adversário, e tomou-o nos braços, ao mesmo tempo que Coquelicot o sustentava pelos pés, e o visconde pelo meio do corpo. Quanto ao gentil-homem, padrinho de du

Vernais, seguindo as indicações do visconde, fôra buscar o cirurgião.

A entrada principal do palacete da cõnega era debaixo das arcadas, a cem passos do lugar do combate; foi pois coisa de cinco minutos transportar du Vernais para o palacete e deitá-lo sôbre uma cama numa sala de baixo. Isto sem o menor ruído, com o auxilio de dois lacaios, e a senhora cõnega de Mailly, que estava dormindo a sesta, não foi perturbada no seu repouso.

Flor de Maio tremia e o seu coração batia com violência. Chegou o cirurgião, examinou a ferida e assegurou que dentro de oito dias o cavalheiro estaria de pé, e que nada se opunha a que fôsse conduzido para sua casa nessa mesma noite, pela qual todavia convinha esperar, em primeiro lugar, para deixar agir o curativo inicial, e em segundo para não pôr Paris inteiro a par do duelo.

Coquelicot continuava a examinar o cavalheiro desmaiado, como o examinara antes do combate.

— Oh! murmurava êle, só um burro como eu, é que esquece assim. Em que diabo de lugar eu vi êste homem?

Enquanto Coquelicot fazia esta reflexão, sentara-se Flor de Maio a um canto, junto ao visconde, estremecendo ao menor ruído, tal era o mêdo e a esperança que ao mesmo tempo tinha de ver aparecer a cõnega.

— Então, não conheceis ninguém em Paris? perguntou o visconde.

— Ninguém.

— Não tendes aqui nenhum amigo, nem parente nem protetor?

— Nenhum, exceto o senhor de Mazarin.

— Proteção inútil, porque já está meio morto.

— Contudo, respondeu Flor de Maio com um sorriso, esta proteção já me serviu.

— Como assim?

— Falei com el-rei, e êle me quis para o seu serviço.

— Para o seu serviço! Como?

— Provisòriamente, serei pajem.

O visconde sorriu:

— Na verdade, sois ainda tão novo que a capa azul vos há de cair maravilhosamente.

Os pajens do rei usavam capa azul com bordas de ouro.

— Mas espero ser oficial dentro em pouco, continuou o jovem blaisês.

— Meu bom amigo, disse o visconde, há apenas uma hora que vos conheço, mas já vos vi com a espada na mão; sois valente, ousado e gentil, julgo-vos da primeira nobreza.

— Meu pai era um cavalheiro, interrompeu altivamente o irmão de Bluete.

— E vós me agradais muito, continuou o visconde; tenho alguma experiência do terreno pérfido que se chama corte, e sei bem que de tôdas as proteções a mais inútil é a do rei. Morto o senhor de Mazarin, haverá um outro primeiro ministro e se não agradardes a êste, esperareis muito tempo a patente de oficial. A minha amizade nascente por vós obriga-me a dar-vos um conselho.

— Então, o rei não é rei? fêz Flor de Maio estupefato.

— Ao contrário, o rei é o senhor supremo, no nome, pelo menos; porém, se desse na veneta do senhor de Mazarin tirar-lhe as carruagens, el-rei sairia a pé. Na França, o verdadeiro rei é o ministro. Não há outro.

O espanto de Flor de Maio chegou ao seu auge ao ouvir estas palavras.

— Portanto, continuou o visconde, vou dar um bom conselho: granjeai amigos na côrte, e para êste fim, não desprezeis os mais humildes na aparência. Olhai, há um senhor, que nem sequer é gentil-homem, mas é mais poderoso que o próprio rei.

— Quem é? perguntou Flor de Maio.

— É o senhor Fouquet, o superintendente das finanças.

— Conheceis-lo?

— Muito, mas raras vêzes vou à sua casa.

— Por que?

O visconde sorriu com tristeza.

— Porque não sou cortesão, e não ambiciono nada neste mundo. Servi el-rei alguns anos, depois pedi a minha demissão. Vou à côrte pró-forma e só em respeito pelo meu nome, e mesmo que me oferecessem o bastão de marechal de França, talvez eu recusasse.

O senhor de Mailly pronunciou estas palavras com o desalentado acento de um homem que se desapegou para sempre das vaidades humanas. Flor de Maio teria sem dúvida reparado neste desalento e nesta tristeza, se neste momento um novo incidente não tivesse distraído a sua atenção.

Abriu-se uma porta ao fundo da sala, e entrara uma senhora, que ficou cheia de susto e ao mesmo tempo de curiosidade vendo o cavalheiro, ainda desmaiado, deitado sôbre uma marquesa. O visconde correu para ela dizendo:

— Como, estais em Paris, minha irmã?

Era com efeito a cônia, que chegara na véspera, e que, prevenida à saída do seu gabinete particular do que acontecera ao cavalheiro du Vernais, vinha informar-se do seu estado. À vista de Flor de Maio, ela estremeceu reconhecendo nêle o protetor da véspera; porém, mostrou-se impassível, tal é a arte que as mulheres possuem de disfarçar o pensamento e de representar a mais completa indiferença.

Sômente lançou um olhar eloquente e rápido para o moço, e êste compreendeu que ninguém devia saber o que se passara, nem mesmo o visconde, seu irmão. A cônia viu loço que era a causa do duelo.

Flor de Maio estava muito atrapalhado e certamente o teriam notado se um outro incidente não desviasse a atenção das pessoas que estavam na sala.

Coquelicot havia reconhecido a cônia, porém, como homem discreto, não dera mostras disso. Du Vernais, recuperando os sentidos, alongou em tórno de si o olhar admirado do homem que acorda de um largo sono, e soltou um grito, quando viu a irmã do visconde, que não tivera tempo para trocar uma só palavra com as demais testemunhas desta cena.

— Minha irmã, disse o senhor de Mailly, aproximando-se do ferido, este cavalheiro recebeu uma estocada, mas

teve a boa idéia de vir bater-se debaixo das vossas janelas; foi por isso que o trouxemos para vossa casa.

Ela respondeu com um meio sorriso algo desdenhoso, cumprimentou o cavalheiro com um meneio de cabeça, o qual lhe dirigia um olhar misturado de confusão e de arrependimento, e perguntou ao cirurgião se o caso era grave.

— Não sei, minha senhora, respondeu Du Vernais; não nosro desde que entrastes nesta sala.

— É um arranhão à-toa, disse o visconde, foi uma lesão bem merecida pelo nosso amigo, e que êle há de aproveitar.

Du Vernais fêz um trejeito de descontentamento, não via Flor de Maio que estava à distância.

— Com quem foi que o senhor du Vernais se bateu? perguntou a cõnega no tom meio leve, meio afetoso, que diz eloquentemente que o coração da mulher não está por forma alguma comprometido em questão amorosa.

Ela sabia-o, adivinhara-o, mas julgava-se obrigada a esta pergunta.

— Com êste senhor, respondeu o visconde, designando Flor de Maio.

Madame de Mailly, que fingira não ver o moço, voltou-se e dirigiu para Flor de Maio seus grandes olhos azuis. Flor de Maio, ao pêso dêste doce olhar, imaginou que morria. Com a perspicácia maravilhosa e rápida que têm as mulheres para verem e adivinharem tudo num relancear de olhos, madame de Mailly envolveu o moço no seu olhar claro e profundo, respondeu com um sorriso à sua cortesia respeitosa, e depois voltou a cabeça e olhou para Du Vernais.

Flor de Maio já estava julgado: a cõnega achara-o uma figura elegante, um rosto lindo; reparara-lhe nas mão finas, na delicadeza do corpo, e gostara da sincera perturbação dêle, porque adivinhou que era a causa dela.

Flor de Maio estava muito mais adiantado nas boas graças da moça, do que o cavalheiro du Vernais ao fim de três anos de homenagens e de assiduidade. Quanto a êste último, ouviu o nome do seu adversário, voltou-se arrebatadamente e lançou-lhe um olhar de ódio.



Duas horas antes, provocara Flor de Maio somente para se vingar da sua desdita da véspera; agora, adivinhava que o seu adversário ia amar madame de Mailly e o seu ódio tornava-se mortal.

— Flor de Maio cruzara o ferro com êle sem animosidade alguma e sem outro desejo senão de castigá-lo por sua insolência; porém, havia cinco minutos que os seus sentimentos se tinham singularmente modificado. Estava ali a cônica, a quem êle, Flor de Maio, amava, e du Vernais era um rival. Feliz, ou infeliz, êste rival tinha direito ao seu ódio. Além disto, percebia que um homem que se propunha a raptar uma senhora indefesa numa estrada real, não podia ser senão um miserável, e ao olhar de ódio que êste lhe lançou, respondeu com um olhar altivo e desdenhoso. Êstes dois olhares cruzaram-se como as lâminas de duas espadas, e os dois cavalheiros lastimaram talvez, neste momento, não estarem no campo com a espada na mão.

A cônica não achou conveniente informar-se do motivo do duelo, porém, sorriu novamente para Flor de Maio, como se quisesse provar a êle que não apoiara por forma alguma a sua contenda; e, cumprimentando os quatro gentis-homens, retirou-se.

— Com mil diabos! murmurou Coquelicot, onde é que eu vi êste cavalheiro du Vernais?

Flor de Maio tinha os olhos cravados na porta que acabava de fechar-se sôbre a jovem. Parecia que o coração tinha ido com ela; parecia mesmo que era um corpo sem alma.

— Senhores, disse, então, o visconde, dirigindo-se aos dois adversários, o motivo da vossa contenda era fútil e seria razoável e bom que dêsseis a mão um ao outro.

Flor de Maio, obedecendo a um movimento de generosidade, dirigiu-se para o cavalheiro, com a mão estendida; êste, porém, suspendeu-o com um gesto, e disse:

— Meu querido visconde, êste senhor ganhou a primeira partida, e julgo-o muito cavalheiro para recusar-me a desforra.

— Com a melhor boa vontade, respondeu Flor de Maio, lembrando-se de que o cavalheiro amava a cõnega.

— Como quizerdes, murmurou o visconde agitado. Du Vernais, meu bom amigo, vós não tendes generosidade; convidado êste senhor a harmonizar-se convosco de sorte que não possais jogar a negra e vós recusais. Adeus!

E o visconde tomou o braço de Flor de Maio, julgando inútil que dois homens irreconciliáveis se conservassem de frente um do outro.

— Amém! disse Coquelicot seguindo o seu jovem amo; e acrescentou mentalmente, se êle não fôr bem sucedido, é porque Deus não é justo, o que é materialmente impossível.

O senhor de Mailly, saindo do palácio da cõnega, dera algumas ordens para que o cavalheiro fôsse transportado para sua casa ao anoitecer; e chegando à rua, disse a Flor de Maio:

— Tendo chegado há pouco a Paris, não conhecendo ninguém aqui, deveis, portanto, estar disponível.

— Estou.

— Dais-me licença que vos leve para minha casa, e que vos ofereça o jantar?

Flor de Maio hesitou.

— Meu jovem amigo, insistiu afetosamente o visconde, fui ainda agora vosso padrinho, serei amanhã vosso amigo, talvez; seria pois fazer-me uma injúria recusar-vos a aceitar o meu oferecimento.

— Nesse caso, aceito, disse Flor de Maio.

E mandou Coquelicot para a hospedaria da "Cruz do Trahoir", e seguiu o visconde, para quem o impelia uma grande simpatia. O visconde de Mailly residia num palacete, situado na margem esquerda do Sena, quase em frente da "Cité" e no fim da rua Saint-Jaques. Havia muito que ali vivia s  , e raras vêzes vinha algum amigo visitá-lo.

Tinha dois criados, um já antigo na casa, outro de dezesseis anos de idade. A sua vida era das mais retraídas,

e raras vêzes aparecia nas festas da côrte. Raras vêzes, também, ia ver a sua irmã, madame de Mailly, que embora solteira, tinha título de madame, em virtude de ser cônega. O visconde tinha trinta anos, a cônega dezenove ou vinte. Órfãos em tenra idade, foram criados ambos por uma parenta velha, a marquesa de Prés Gilbert, que, nesta época ainda, servia de companhia à jovem cônega, e com ela morava no palácio da Praça Real.

O visconde servira, primeiramente, na guarda de Sua Eminência, o cardeal de Richelieu; depois, passara para os mosqueteiros do rei, nos quais servira dois anos. Um dia, enfim, demitira-se do serviço militar e desaparecera da côrte por espaço de muitos anos. A partir desta época, começara para êle uma existência misteriosa. Viajara, correrá a Itália e a Alemanha; segundo uns, só, segundos outros, em companhia de uma mulher, que ninguém conhecia no Palais-Royal, nem mesmo em Paris.

Voltara, depois, passando a vida da maneira que há pouco falamos.

O visconde era rico e passava por ser um homem triste, original e excêntrico. Só lhe conheciam um amigo, o cavalheiro du Vernais; e a êstê mesmo poucas vêzes falava, do que inferiam que se o visconde era amigo do cavalheiro, êste não era dêle. Algumas pessoas, que se supunham bem informadas juravam, além disso, que um laço misterioso unia os dois gentis-homens, e que se não fôsse a existência dêste laço há muito que a amizade estaria extinta.

Tudo isto, porém, não passava de vago boato; ao certo, ninguém sabia qual era a maneira de viver do visconde, a que causa deviam atribuir a sua tristeza, e por que singular capricho fechava rigorosamente a porta a todos.

Foi pois ao palacete da rua Saint-Jaques, à beira do rio, que o senhor de Mailly conduziu Flor de Maio. Eram perto de cinco horas, quando chegaram lá. O criado que veio abrir a porta mostrou algum espanto, vendo-o acompanhado por um gentil-homem, porque o visconde sempre vinha para casa só; porém, Flor de Maio não podia adivinhar

o motivo desta admiração do criado, porque ignorava os costumes do seu novo amigo.

Era preciso que o jovem blaisês houvesse inspirado uma simpatia muito viva ao visconde para que êle assim o introduzisse em sua casa; porém, êle falara de Blois, e êste nome tivera um poder mágico sôbre o senhor de Mailly. Êste último conduziu Flor de Maio para uma saleta, cujas três janelas abriam para o jardim.

O jardim era silencioso e perfumado; a sala era triste, escura, forrada com um estôfo escuro que amortecia a claridade que vinha de fora, e ornada com mobília gótica de carvalho, severa à vista e ao coração.

O visconde passava a vida nesta sala, e só a deixava para ir para o quarto de dormir, junto a ela. Era ali que tomava as suas refeições. A tristeza dêste lugar em opposição à alegria plácida do jardim, confrangeu dolorosamente o coração de Flor de Maio, e, apesar da sua pouca experiência, adivinhou que o visconde devia ter um grande pesar na vida, tal era a palidez, tal foi o desgosto que lhe transpareceu no rosto depois de entrar nesta sala.

— Meu amigo, disse o senhor de Mailly, adotei a moda inglêsa; janto às seis horas, são cinco, portanto, ainda temos de esperar uma hora, e, se vos apraz concederemos um ao outro plena e inteira liberdade. Enquanto escrevo algumas cartas, ide dar uma volta pelo jardim, onde vereis muitos arbustos raros qua trouxe da Itália.

— Estivestes na Itália?

— Estive, respondeu o visconde com tristeza.

Flor de Maio pegou o chapéu que tinha deixado sôbre uma cadeira e, obedecendo ao convite do visconde, foi para o jardim. Êste jardim, pelas suas grandes árvores, pelos seus jasmineiros e lilases, fêz Flor de Maio lembrar-se da Casa fechada, onde passara a sua infância e também sua querida irmã Bluete, porém ao mesmo tempo, ao lado desta querida imagem, ergueu-se outra sombra.

Era risonha e jovem, enquanto a outra era triste e prematuramente envelhecida. Ambas eram belas sem

dúvida; mas a primeira tinha o frescor das manhãs de maio, a outra, com a sua fronte pálida, e seus lábios sérios, parecia dizer que já havia passado os ardores do estio, que abatem o corpo e o espírito. Ao lado de Bluete, gravara-se no coração de Flor de Maio o retrato da cônica.

E êle caminhou pelas ruas sombrias e pelas veredas verdejantes, pensando nestas duas mulheres, na irmã que amava como mãe, na jovem que mal vira, mas que adorava; esqueceu o visconde e a sua tristeza, e, continuando a caminhar por entre as inúmeras alamedas do jardim, chegou a uma casinha cercada de grandes olmos, e cujas paredes estavam cobertas por uma rêde de hera.

Em redor da casinha, reinava uma desordem e um abandono, que contrastavam com o resto do jardim muito bem tratado. As venezianas das janelas estavam fechadas, e, segundo tôda a aparência, a casa era pouco frequentada. Por curiosidade e distração, Flor de Maio aproximou-se, e, através das venezianas, mergulhou um olhar indiscreto no interior do pavilhão.

E qual não foi o seu espanto, quando viu um lindo aposento mobiliado com um luxo e um gôsto apurado, forrado de sêda azul. No meio, sob as cortinas da mesma côr que o fôrro da sala, estava um lindo leito, tão lindo como o mais apaixonado amante poderia sonhar para a mulher amada; em derredor, estavam móveis elegantes, trabalhados maravilhosamente à moda dos escultores italianos; jardineiras cheias de flores, macios assentos guarnecidos de panos de ouro e forrados de veludo da côr das cortinas e do fôrro da sala.

Por certo, uma mulher habitara ou habitava ainda êste retiro misterioso. Mas, o que mais espantou Flor de Maio foi um grande quadro de moldura dourada coberto com um véu prêto. Era evidentemente um retrato, e, sob o tecido transparente do véu, adivinhava-se um retrato de mulher, embora não se pudessem distinguir as feições. Por outra singularidade, os espelhos de Veneza, colocados em frente das janelas, estavam também cobertos com crepe.

Flor de Maio esqueceu momentâneamente sua irmã e a cõega, e entregou-se a uma meditação inexplicável. Quem morava neste pavilhão? De quem era o retrato? De onde provinha, finalmente, esta nuvem de tristeza espalhada sôbre o semblante do seu amigo?

Procurava adivinhar tudo isto, com os olhos cravados nos menores objetos que havia na casinha, quando ouviu um rumor de passos na extremidade oposta do jardim, e, como um estudante apanhado em falta, fugiu e meteu-se por uma grande rua que ia direito à escada principal do palácio, na qual avistou o visconde.

— Para a mesa! bradou o senhor de Mailly com uma voz quase alegre, de onde vindes?

— Dei uma volta pelo jardim, respondeu Flor de Maio, corando.

O visconde não reparou nisto, e fê-lo entrar na sala que os nossos leitores conhecem, e em que estava o jantar na mesa. Num canto, sôbre um velador, Flor de Maio viu penas e muitos quadrados de papel que não tinham forma de carta, e que o visconde acabava de cobrir com uma letra miúda e apertada.

— É verdade, meu amigo, disse o senhor de Mailly depois de terem comido algumas iguarias e bebido alguns copos de vinho velho, dissestes-me que éreis de Blois?

— Sim, senhor, nasci em Blois.

— É uma linda cidadezinha, murmurou o visconde, onde se poderia viver feliz, creio eu.

E o visconde suspirou.

— Sim, disse Flor de Maio tornando-se pensativo, recordando-se de Bluete.

— Imaginai, continuou o visconde, que passei em Blois alguns dias, que foram os mais felizes da minha vida. Há bom tempo pelo menos doze anos.

— E nunca mais voltastes lá? perguntou Flor de Maio.

— Nunca.

Manifestara-se na voz do visconde, ao pronunciar esta palavra, uma leve alteração. Dir-se-ia que mentia.

Apressou-se, porém, êle a acrescentar:

— Sou realmente bem estouvado, porque ainda não vos perguntei o nome.

Flor de Maio sorriu.

— É verdade, disse êle, chamo-me o cavalheiro Flor de Maio de Chastenay.

O visconde sufocou um grito, e Flor de Maio admirado perguntou-lhe:

— O meu nome não vos é desconhecido?

— Não, não, disse o visconde, cujo rosto se cobrira repentinamente duma palidez nervosa, conheci vosso pai de nome; não foi capitão de cavalaria?

— Foi, sim, senhor.

— Meu pai era amigo dêle.

— É singular, disse Flor de Maio, meu pai me falou muitas vêzes dos seus companheiros de armas, e não me recordeo de lhe ter ouvido pronunciar o nome de Mailly.

— Tinham-se perdido de vista, murmurou o visconde. Até creio que para o fim estavam um tanto zangados por motivo da política; porém, acrescentou êle com veemência, os filhos hão de ser amigos, não é assim?

— Desejo-o de todo o meu coração.

Flor de Maio não reparou na crescente perturbação do visconde, à medida que êste olhava para êle. Ao mesmo tempo, o senhor de Mailly tornou-se mais afetuoso e expansivo; ainda há pouco dera o título de amigo a Flor de Maio; a partir dêste momento, mostrou-lhe uma espécie de ternura paternal.

— Escutai, disse êle, vou fazer-vos uma proposta singular. Nossos pais eram amigos; por que não nos recordaremos nós desta amizade estreitando-a entre nós o mais possível? Vivo só e aborrecido; queres aceitar um quarto em minha casa?

— Isso, balbuciou Flor de Maio, seria um grande abuso da minha parte.

— Não; far-me-eis um grande obséquo. Está portanto combinado que de amanhã em diante, salvo se el-rei vos hospedar no Palais-Royal, vireis habitar aqui.

Flor de Maio aquiesceu. Depois, conversaram como amigos velhos: o visconde iniciando o seu conviva nos mistérios da côrte, Flor de Maio escutando-o com atenção.

— Agora, meu amigo, disse o visconde, levantando-se da mesa, se quereis falar ao vosso escudeiro antes de ir ao Palais-Royal, não vos prenderei mais; vou continuar a minha correspondência.

— É muito volumosa, observou Flor de Maio, sorrindo.

— E fica sem resposta, disse o visconde tristemente.

— Então, a quem escreveis?

— A uma defunta, murmurou o senhor de Mailly com a voz angustiada.

E apertou a mão de Flor de Maio, despedindo-o, evitando assim qualquer explicação.

## CAPÍTULO V

### OS PRIMEIROS DUELOS

Flor de Maio saiu do palácio do visconde às oito horas. Não devia ir ao Palais-Royal senão às dez, por conseguinte, tinha duas horas livres. Lembrou-se de ir buscar Coquelicot à sua hospedaria da rua Arbre-Sec; um senhor de qualidade não podia apresentar-se decentemente sem lacaio ou escudeiro.

Por isto, atravessou a "Cité", decidido a tomar pela ponte de S. Miguel e a dirigir-se à rua da Arbre-Sec pela encosta da margem direita; porém, na Cité, muito tranquila e quase deserta algumas horas antes, o jovem blaisês encontrou uma onda de povo que se estendia e desenrolava em todos os sentidos. As mulheres gritavam, os homens murmuravam; aqui e ali, um orador improvisado arengava à multidão, trepado num marco.

Espalhara-se em Paris o boato da próxima morte do cardeal, e os velhos frondistas levantavam a cabeça insen-



sívelmente, buscando amotinar o povo contra o senhor Fouquet, superintendente das finanças, o qual, segundo diziam, seria o sucessor inevitável de Mazarin.

Flor de Maio tinha pressa; rompeu por entre a multidão. Trazia uma comprida espada, e os homens do povo, vendo-a, abriram-lhe campo e deixaram-no passar.

Flor de Maio atravessou a ponte de S. Miguel e alcançou a praça de Chatelet; aí, o mesmo rumor que na Cité, os mesmos gritos de alegria provocados pela agonia do cardeal, as mesmas imprecações contra o superintendente. O jovem blaisés seguiu pelo cais, e subiu até à Ponte Nova, sem se importar com a agitação do povo. Entretanto, à entrada da Ponte Nova, e na altura da rua de Monaie, a multidão era tão compacta, e tripudiava de maneira tão furiosa, que Flor de Maio compreendeu que devia ali passar-se alguma coisa mais extraordinária que na Cité e na praça do Chatelet. Com efeito, a multidão rodeava uma liteira no fundo da qual uma mulher soltava gritos e clamava por socorro. A liteira fôra posta no chão; o povo agarrara os condutores e gritava:

— Ao rio, a mazarina! Ao rio, a superintendente!

— Oh! disse consigo Flor de Maio, é uma senhora, e uma senhora de distinção certamente; Flor de Maio, meu amigo, não há remédio senão pegar a espada e livrá-la.

E o nosso herói, desembainhando a espada, gritou com tôda a força dos seus pulmões:

— Para trás! para trás!

O tom de autoridade de Flor de Maio, e mais ainda talvez a fôlha nua da espada, contribuíram poderosamente para lhe abrirem campo; e assim pôde chegar até à liteira, pela portinhola da qual viu sair a cabeça de uma dama de idade avançada, que agitava as mãos com desespero, e dizia:

— Meus bons amigos, enganai-vos, não conheço nem o senhor de Mazarin, nem o senhor superintendente; sou a marquesa de Pré-Gilbert, e moro com minha sobrinha, a cônega de Mailly.

Ouvindo êste nome, Flor de Maio soltou um grito, e de um salto aproximou-se da liteira, jogando no chão os

dois homens que retinham presos os condutores. Era a tia da cõnega, era preciso salvá-la.

— Para trás! patifes, imbecis! gritou êle de novo; o que estais aí dizendo de Mazarin e do superintendentel não conheceis esta senhora?

A súbita chegada de Flor de Maio abalara um pouco a resolução dos mais furiosos. Entre a multidão, ninguém tinha armas, e o moço tinha na mão uma espada com a qual ia distribuindo pranchadas para a direita e para a esquerda.

— Salvai-me, senhor! salvai-me! pedia a marquesa assustada. Venho de Chaillot onde vou fazer tôdas as tardes as minhas orações no convento das Ursulinas durante o mês de Maio e voltava sossegadamente para minha casa, quando êstes homens prenderam os meus criados, dizendo que eu era do partido do cardeal.

— Então, disse altivamente Flor de Maio, em volta do qual o círculo se fechara em distância, porque a ponta da espada intimidava muito, ainda que fôsse assim?

— Abaixo o Mazarin! respondeu a multidão.

— O senhor cardeal, continuou Flor de Maio, não é amigo d'el-rei?

— Abaixo o Mazarin! vociferou alguém atrás dêle.

Virou-se e viu uma espécie de aventureiro mal trajado, que trazia espada, e que se encaminhava para êle. A multidão, compreendendo que vinha em seu auxilio julgou prudente confiar-lhe aquella contenda, e afastou-se pouco a pouco, como se quisesse deixar a êstes dois homens de espada o cuidado de decidirem se jogariam ou não a marquesa de Pré-Gilbert no rio. Flor de Maio esperou-o de pé firme, e disse-lhe friamente:

— Que quereis?

— Quero, disse o recém-chegado, saber com que direito vos meteis nos negócios do povo.

— Perdão, interrompeu Flor de Maio, dizei-me primeiro a quem tenho a honra de falar?

— Chamo-me Aventurino; fui cabo de esquadra num corpo franco de cavalaria, e o cardeal licenciou-me. É por isto que quero mal ao cardeal e aos seus amigos.

— Eu, disse Flor de Maio, sou o cavalheiro de Chastenay, pajem d'el-rei, e, em nome d'el-rei, ordeno que vos retireis.

O prestígio da realeza estava nesta época em tôda a sua força e esplendor. A palavra rei tinha um poder mágico, e esta multidão, que vociferava contra o primeiro ministro, descobriu-se respeitosa, bradando: Viva o rei! e calou-se.

— Para trás! gritou Flor de Maio.

A multidão desviou-se, mas Aventurino ficou parado.

— Pois eu juro, disse êle, que nem vós nem esta liteira hão de passar.

E desembainhando a espada investiu contra Flor de Maio.

— Estou perdida! exclamou a velha marquesa atirando-se espavorida para o fundo da liteira, quando viu as espadas se cruzarem.

O combate foi rápido e terrível. O "rete" era um espadachim consumado; porém Flor de Maio defendia a tia daquela que amava, e Deus protege os namorados. A espada do "rete" tocou o ombro do rapaz, a do rapaz penetrou no peito daquele e estendeu-o ao comprido no chão ao pé da liteira.

Então a multidão, que ainda há pouco era pelo "rete", passou para o partido do vencedor e bradou novamente:

— "Viva o rei"!

Depois pegaram na liteira e levaram-na triunfante até à Praça Real, escoltada por Flor de Maio, a quem a marquesa apertou a mão com efusão.

Alguns burgueses mais pertinazes tinham ficado em volta do "rete", que soltava blasfêmias nas vascas da morte. Uns sustentavam que o ferimento era mortal; outros queriam transportá-lo para a casa mais próxima e chamar um cirurgião, quando, de repente, um homem rompeu por entre os que cercavam o ferido, e sôbre êste se inclinou precipitadamente.

O recém-vindo trajava como Aventurino; como êle, tinha nítido acento italiano e eram tão parecidos que se podia jurar que eram irmãos.

— Corpo di Bacco! exclamou o recém-vindo, meu irmão está morto! Oh! vendetta! vendetta!

E debruçando-se, os olhos chamejantes, espumando de raiva, applicou o ouvido à bôca do moribundo, e perguntou:

— Quem te matou?

— Um pajem do rei, respondeu Aventurino com voz sufocada.

— Como se chama êle?

— O cavalheiro de... de...

Mas uma golfada de sangue o acometeu e êle expirou. O nome do cavalheiro não lhe pudera sair dos lábios.

O italiano ergueu-se feroz, silencioso, os olhos em brasa; não dirigiu uma só pergunta aos circunstantes, mas pôs a mão no coração do morto e disse lentamente:

— Dorme em paz, irmão, serás vingado!

Depois, pôs o cadáver às costas, retirou-se e perdeu-se numa dessas vielas escuras, próximas à igreja de São Germano l'Auxerrois.

Enquanto isto se passava, Flor de Maio, escoltando a liteira da marquesa, chegara à Praça Real, e parara na porta da casa para onde algumas horas antes tinham transportado o cavalheiro du Vernais, o qual acabava de sair de lá, quando a marquesa entrou. O povo retirou-se, saudando respeitoso, e Flor de Maio ficou ao pé da marquesa, sem saber se devia se retirar, pois era grande o desejo de entrar e de tornar a ver a formosa cônega.

— Ah! senhor, exclamou a marquesa, saindo da liteira, e pegando-lhe nas mãos com ternura, nunca esquecerei o favor que me prestastes. Se não fôsseis vós, estaria perdida.

— O meu procedimento é muito simples, senhora, respondeu modestamente Flor de Maio, e quanto ao reconhecimento de que falais, nenhum me deveis, minha senhora, porque eu sou muito obrigado ao visconde de Mailly.

— A meu sobrinho? exclamou a marquesa; conheceis-lo?

Neste momento, chegou a cônega e saudou Flor de Maio com um sorriso.

— Não foi a vós, disse ela, que meu irmão serviu de padrinho esta manhã, e não fostes vós quem feriu o cavalheiro du Vernais?

— Sim, minha senhora, respondeu Flor de Maio, corando.

— Como! exclamou a marquesa, conheceis êste senhor?

— Vi-o cinco minutos esta manhã, ao pé da cama do ferido.

E a cônega corou levemente ao proferir esta mentira. Mas, de repente, soltou um grito e empalideceu. Viu o gibão de Flor de Maio salpicado de sangue no ombro.

— Oh, meu Deus! murmurou ela, estais ferido!

— Isto não vale nada... é apenas um arranhão, excusou Flor de Maio, a quem a súbita palidez da cônega tornava o mais feliz dos homens.

A marquesa apressou-se a dar ordens. Mandou chamar o cirurgião, e a cônega conduziu Flor de Maio ao seu próprio oratório, ajudando-o a tirar o gibão e rasgou-lhe a camisa com mão trêmula para aquilatar a gravidade do ferimento. Flor de Maio estava louco de felicidade, e esquecia a sua dor para não ver senão a fada encantadora que assim lhe prodigalizava os seus desvelos. O cirurgião, o mesmo que tratara du Vernais algumas horas antes, declarou que o ferimento era um simples arranhão, e que não impediria Flor de Maio de servir-se do braço.

— Entretanto, disse a marquesa com uma terna insistência, o repouso não seria prejudicial ao cavalheiro. Vamos mandar-vos preparar um aposento.

— É impossível, minha senhora! respondeu Flor de Maio, sorrindo.

E contou em poucas palavras a história da sua jornada, a sua entrevista com Mazarin agonizante, a maneira como fôra acolhido pelo rei, e a ordem que Sua Majestade lhe dera para estar às dez horas da noite no Palais-Royal, enfim a rixa que tivera com o cavalheiro du Vernais, o seu duelo, e a sua ligação quase espontânea com o visconde.

— Vejo, disse a cõnega, dissimulando a sua perturbação com um sorriso, que já sois quase da família. Meu irmão é vosso amigo, minha tia e eu vos devemos a vida...

— Mas, interrompeu Flor de Maio, levado por um sentimento de secreto ciúme, se tenho alguns direitos à vossa benevolência, também os tenho, creio eu, ao vosso rigor.

— Em quê? exclamou a cõnega.

— Em ter ferido o cavalheiro du Vernais.

— Ora! disse madame de Mailly com um gesto de desdém. Para que armou êle uma pendência convosco?

— Mas êle possui a vossa amizade, prosseguiu Flor de Maio.

Um sorriso zombeteiro deslizou pelos lábios da cõnega.

— É verdade, e não sei realmente qual é o pretexto dessa amizade. Porque, o cavalheiro é um fátuo, atrevido e brigão, e não conheço olhar mais hipócrita e mais falso do que o dêle.

Madame de Mailly acompanhou estas palavras com um olhar que parecia dizer:

— Estais satisfeito? Ainda tereis ciúmes?

Flor de Maio compreendeu êste olhar. A cõnega virou-se para a tia:

— É certo que meu irmão, que já tem tantas coisas singulares na sua vida, não podia ter uma excêntrica e mais extraordinária do que a sua amizade por du Vernais.

— Talvez, arriscou timidamente Flor de Maio, seja uma amizade de infância...

— Enganai-vos. Data de poucos anos. Meu irmão encontrou-o na Itália, pouco depois tornaram-se a ver em Paris, e êle, segundo diz meu irmão, prestou-lhe um grande favor.

Flor de Maio estava satisfeitíssimo pela maneira como a cõnega falava de du Vernais. Infelizmente, o tempo corria, e era chegada a hora de ir ao Palais-Royal. Flor de Maio pôs o gibão e despediu-se, pedindo licença, com as faces rubras, para, daí a dias, fazer uma visita de agradecimento

à marquesa. No momento em que êle saía do gabinete da cônega, a jovem disse-lhe com certa perturbação:

— Talvez ignoreis um uso da côrte de França?

Flor de Maio interrogou-a com o olhar.

— É costume a irmã, mãe, ou na falta dessas pessoas, uma senhora de amizade de um novo pajem ou official, oferecer-lhe um cordão para os copos da espada.

Flor de Maio estremeceu; a cônega continuou:

— Viestes só para Paris, e por certo ignorais isto. Minha tia, portanto, há de permitir-me que repare êste esquecimento e que vos ofereça, para a vossa espada, um cordão que eu ainda ontem destinava a meu irmão, mas que vos pertence com mais direito, depois do favor que me prestastes.

E ela abriu a gaveta de uma papeleira, tirou um belo cordão de ouro e sêda com duas borlas, e atou-o com as suas belas mãos aos copos da espada do jovem blaisês que tremia de entusiasmo. Ora, se o amor leva algumas vêzes à mudez os mais ousados, em compensação solta a língua dos mais tímidos, e Flor de Maio, longe de balbuciar um agradecimento confuso, respondeu claramente e com um sorriso resolutivo:

— Constituíis-me na obrigação, senhora, de pôr aos vossos pés o primeiro troféu que a minha espada conquistar.

— Está dito, respondeu ela sorrindo, e mostrou-lhe, com um olhar, a velha marquesa que dormitava na sua poltrona, e apontou para um lenço de fina cambraia salpicado de sangue.

Fôra com êste lenço que a jovem cônega estancara gôta a gôta o sangue da ferida de Flor de Maio, enquanto se fazia o primeiro curativo. O moço sentiu-se quase desfalecer, e enquanto a cônega guardava preciosamente aquela recordação, desapareceu.

Mas um e outro tinham trocado um supremo e último olhar, e com êste olhar, os dois jovens tinham ao mesmo tempo trocado os corações.

Flor de Maio dirigiu-se para a hospedaria da Cruz do Trahoir, cambaleando, como um homem que tivesse perdido

a razão; depois, foi pouco e pouco sossegando, e tomou a atitude conquistadora do homem a quem a fortuna sempre sorri.

Numa hora, o tímido e sincero Flor de Maio achava-se metamorfoseado; êle, o tímido rapazinho de Blois, tornara-se pajem fanfarrão e espirituoso, ferrabraz de dezoito anos que de nada absolutamente duvida, e marcha com resolução à conquista do mundo, certo da vitória.

— Hei-de tornar a vê-la, oh! se hei-de! disse com os seus botões e com a arrogância de um capitão de lansquenets, hei-de ser amado por ela, ainda que tenha de lhe escalar o balcão, ainda que tivesse de tomar, eu sòzinho, uma cidade de assalto.

Foi com estas belas disposições, que êle encontrou Coquelicot. O bom escudeiro estava filosófica e melancolicamente sentado à porta da hospedaria, fumando um grande cachimbo flamengo, segundo o uso da soldadesca que contraíra êste hábito nas guerras dos Países-Baixos. Vendo Flor de Maio, correu para êle e apertou-lhe expansivamente as mãos.

— Ah! meu querido amo, permiti-me, agora que estamos aqui sós, que vos felicite por aquela excelente estocada.

— Qual? perguntou Flor de Maio com amável vaidade.

— Como, qual?

— Sim, qual? porque foram duas.

— Duas? exclamou Coquelicot.

— E mesmo três, acabou Flor de Maio, mostrando com sangue-frio alguns salpicos de sangue no gibão.

— Bateste-vos, sem eu estar lá!

— Meu pai, redarguiu o pajem, que foi um grande capitão, dizia que não passava de um menino quem nunca matou um homem em duelo.

— E... disse Coquelicot ansioso.

— Não era bastante ter ferido du Vernais. Não passava de três quartas partes de homem. Quis ser homem.

— Mas, enfim... que fizestes?



— Matei um antigo cabo de esquadra, que me impedia a passagem, e atreveu-se a ser desaforado com um pajem d'el-rei.

— Como se chamava?

— Chamava-se Aventurino.

— Conheci êsse homem.

— Oh! meu Deus, talvez fôsse teu amigo?

— Qual amigo! há dez anos que não o via e era um grande patife. Mas, insistiu Coquelicot, julgando esta oração fúnebre mais que suficiente para o retre Aventurino, como foi que aconteceu isso?

Flor de Maio contou-lhe resumidamente o que acontecera, e depois, como todo namorado precisa de um confidente, pintou-lhe com entusiasmo a sua flama nascente pela cônega. Coquelicot prestou ao pajem a maior atenção; quando êste acabou de falar, o veterano deu seguidamente duas enormes tragadas de fumo, que depois expeliu em espirais, e disse com triste sorriso:

— Recapitulemos: às dez horas da manhã, entrastes, com maré e vento contra, em casa do senhor cardeal; ao meio dia, destes a primeira estocada; às duas horas admirastes uma mulher, às cinco tivestes um amigo, às oito matastes um homem, às nove ficastes loucamente apaixonado. O diabo não teria melhor empregado um dia.

— Então? perguntou Flor de Maio.

— Então! senhor cavalheiro, acabou Coquelicot, acho que vos estreais lindamente no terreno da côrte e das aventuras, e se assim continuardes, daqui a dois anos ou heis de estar no outro mundo ou sereis marechal de França; ou heis de ter sido assassinado por ordem de um marido ciumento, ou tôdas as duquesas do Palais-Royal hão de morrer de amor por vós.

— A profecia agrada-me, murmurou Flor de Maio.

— Mas, contudo, continuou Coquelicot, não deveis esquecer, senhor pajem d'el-rei, que Sua Majestade vos espera no Palais-Royal, às dez horas, e que são nove e três quartos. Ora, bem sabeis que el-rei não deve esperar.

— É justo, disse Flor de Maio; vamos ao Palais-Royal.

Ajeitou a capa, inclinou o chapéu sôbre a orelha esquerda, e tomou o caminho do Palais-Royal, que ficava perto da rua da Arbre Sec. O nobre edificio tinha nesta época uma porta especial para os gentis-homens de serviço, e que dava para a rua que mais tarde devia chamar-se de Valois. Foi nesta porta que Flor de Maio se apresentou, guiado pela velha experiência de Coquelicot.

— Aonde ides? perguntou um guarda.

— Falar a el-rei, respondeu Flor de Maio, sem pestanejar.

— El-rei não recebe ninguém a estas horas.

— Exceto os seus pajens.

— Sois pajem d'el-rei?

— Sim, camarada.

— Como vos chamais?

— O cavalheiro de Chastenay.

— Não conheço nenhum pajem com êsse nome.

— É bem possível, porque começo esta noite as minhas funções.

E Flor de Maio passou diante do guarda estupefato, subiu a escada, seguido por Coquelicot, e chegou ao primeiro andar, onde, achando-se na antecâmara de Sua Majestade, mandou chamar por um porteiro o senhor Laporte, criado particular d'el-rei. O senhor Laporte veio imediatamente.

— Senhor, disse-lhe Flor de Maio, que já tinha adquirido tôda a ousadia do seu emprêgo. Sua Majestade dignou-se admitir-me hoje entre os seus pajens; sou o cavalheiro de Chastenay.

— Muito bem, respondeu o senhor Laporte. Sua Majestade ordenou-me que vos introduzisse no seu gabinete assim que chegásseis. Acompanhai-me.

Flor de Maio fêz um sinal a Coquelicot de que o esperasse, e seguiu o senhor Laporte, que o conduziu por um corredor escuro, empurrou uma porta, e segredou-lhe ao ouvido:

— Esperai que Sua Majestade repare na vossa presença.

O senhor Laporte retirou-se, tornou a fechar a porta, e Flor de Maio olhou pasmado em tórno de si. Estava numa vasta sala, fracamente iluminada por uma lâmpada colocada no meio da mesa cheia de maços de papéis.

Junto da mesa, dois homens, sentados em frente um do outro, compulsavam minuciosamente esta papelada, trocando às vêzes algumas palavras em voz baixa. Um dêstes homens era moço, e bem que estivesse de costas para Flor de Maio, êle o reconheceu logo.

Era el-rei.

O outro teria uns quarenta anos; era quase calvo, tinha aspecto comum e severo; uma grande ruga atravessava-lhe a testa e dava à sua pesada fisionomia uma expressão de dureza. Mas brilhava a lealdade nos seus olhos pardos e redondos, e às vêzes os seus lábios iluminavam-se com um sorriso misturado de finura e franqueza, que parecia agradar muito a Sua Majestade. Êste personagem era o senhor Colbert, intendente do senhor Júlio de Mazarin, neste momento agonizante.

— Senhor Colbert, dizia el-rei, sois certamente o mais hábil financeiro do meu reino, e muito agradeço ao cardeal ter-vos recomendado à minha real pessoa, mas sois ao mesmo tempo um homem muito honrado, porque com a desordem que reina nas finanças do Estado, na posição que ocupais, terieis feito uma fortuna considerável se houvésseis querido.

— Como os amigos do senhor Fouquet, o superintendente das finanças de Vossa Majestade, respondeu Colbert, cujo olhar cintilou.

— Precisamente. Mas, paciência, senhor, que a justiça será feita.

— Ê certo, sire, prosseguiu Colbert, e vendo as notas que lhe submeti, Vossa Majestade poderá verificar; é certo que continuando a proceder da forma por que tem procedido até aqui, o senhor Fouquet, que já é o homem mais rico do reino...

Colbert parou de propósito. Luís XIV levantou a cabeça e deixou cair de seus olhos êsse faisca fulgurante

que revelava o grande rei futuro neste monarca de vinte e dois anos.

— Paciência, senhor Colbert, paciência.

— O senhor Liodot e o senhor d'Eymeri, continuou Colbert, fizeram em dez anos uma fortuna escandalosa.

— Dentro de três dias serão enforcados, disse friamente o rei.

— O senhor Fouquet, prosseguiu o implacável Colbert, fortifica Belle-Isle no mar, e faz dela uma temível fortaleza para si.

— Encerrá-lo-ei na Bastilha.

— Na Bastilha! sire...

— Por que não?

— Mas êle é superintendente.

— Senhor, disse o rei com serenidade, o senhor de Mazarin me deu hoje um conselho excelente.

— Sim? exclamou Colbert.

— Sire, me disse êle, quando eu morrer, não torneis a querer primeiro ministro.

— E então? perguntou o financeiro.

— Seguirei o conselho do cardeal.

— Então quem há de governar o reino?

— Eu! disse simplesmente o rei.

Colbert estremeceu; adivinhara Luís XIV todo inteiro.

— Isso leva-me a pensar, continuou Sua Majestade, que não havendo primeiro ministro, não há nenhuma necessidade de superintendente.

Colbert olhou para o rei.

— Bastará um contador geral das finanças, senhor Colbert.

O rei carregou com intenção estas palavras, e Colbert, imóvel e frio na aparência, sentiu o coração intumescer-se de ambição.

— Senhor, acrescentou friamente o rei, quero gente nova. Morrendo o senhor de Mazarin, hei de eu mesmo escolher os meus ministros e empregados.

Houve um momento de silêncio. Flor de Maio estava num suplicio. O rei fez um movimento, o pajem julgou que o monarca o visse, porém Luís XIV estava absorto nos seus pensamentos.

— Seria necessário ter um plano de Belle Isle, disse êle de repente.

O olhar de Colbert brilhou.

— Senhor Colbert, prosseguiu o rei, mandaremos referendários à Bretanha.

— El-rei manda, respondeu o futuro síndico geral; mas para obter as provas de que el-rei precisa, seria necessário um dêsses mensageiros hábeis e seguros que não despertam a atenção. O senhor Fouquet tem amigos, espíões, pessoas suas em tôdas as estradas. Um referendário, um ajudante das guardas, um homem conhecido na côrte por pertencer a Vossa Majestade, nenhum faria vinte léguas fora de Paris sem ser assassinado.

Uma fâisca de cólera passou pelos olhos do rei:

— Senhor, quero que dentro de um ano as estradas do meu reino estejam tão seguras para todos os meus vassallos como a praça pública das grandes cidades, e que nelas só sejam prêsos ladrões e assassinos.

Depois, refletindo, o rei disse:

— Disseram-me que o senhor Fouquet tem na Bretanha ramificações infinitas; se julgasse a sua liberdade ameaçada, revolucionaria esta provincia com quatro linhas da sua mão dirigidas à nobreza.

— É a verdade, sire, disse Colbert, e o agente mais ativo, mais popular que o superintendente tem enviado à Bretanha por diversas vêzes, é seu irmão, o abade Fouquet.

— Ah! disse el-rei, e onde está o abade Fouquet?

— Segundo as informações que hoje mesmo recebi, ainda se acha em Paris, mas está para partir.

— Para a Bretanha?

— É incontestável, bem que os seus preparativos de partida tenham um ar de mistério. Dirige-se certamente a Ancenis, onde o senhor Fouquet tem trezentos picadores.

— Trezentos picadores! mais do que tem o rei de França?

— É que o rei de França nunca se serve dêles senão para a caça.

O rei franziu as sobrancelhas:

— E o senhor Fouquet, acabou Colbert, fá-los-á, quando lhe convier, seus guardas de corpo.

O rei fêz um movimento na cadeira.

— Isso é demasiada imprudência! exclamou êle.

— O abade, prosseguiu Colbert, vai sem dúvida levar à nobreza bretã instruções e promessas. Quem sabe se o superintendente não sonha a sucessão do senhor de Mazarin?

— É preciso que êsse homem seja prêso, disse Luís XIV, e que os papéis de que êle é portador não cheguem aos bretões.

Colbert pareceu refletir.

— O mais simples, disse êle, seria armar uma ratoeira nos arredores de Ancenis. Repeti-lo-ei porém a Vossa Majestade, é preciso para isso um homem desconhecido na côrte e na casa real, e um emissário assim é difícil encontrar.

— Pois eu hei de achar, senhor Colbert, ficai certo d'isso.

Neste momento, el-rei voltou-se e viu o pajem imóvel e de chapéu na mão. Luís XIV franziu a testa.

— Como, senhor, disse êle, estáveis aí?

— Sim, sire, respondeu Flor de Maio, e sem querer, surpreendi um segrêdo de Estado. O senhor Laporte, quando me mandou entrar, recomendou-me que esperasse que Vossa Majestade me interrogasse.

Luís XIV cravou em Flor de Maio seu olhar penetrante e claro:

— Sois gentil-homem, não é assim?

— Sim, sire.

— Então, deve bastar-me a palavra de um gentil-homem; dai-me a vossa palavra em como já vos esquecestes do que acabais de ouvir.

— Pela minha honra, e pelo meu brasão, o juro! disse o pajem com serenidade.

Luis XIV continuava a olhar para êle atentamente.

— Senhor, sois valente. . .

— Penso que sim, sire.

— Pois eu tenho a certeza, replicou el-rei; batestes-vos hoje, ao meio-dia, na praça Real com um certo cavalheiro do Vernais, pessoa do senhor Fouquet, penso eu?

E el-rei interrogou Colbert com o olhar. O financeiro folheou algumas notas, e disse:

— Du Vernais, official demitido, jogador, cheio de vícios, afeiçoado ao superintendente que paga as dívidas que êle contrai e lhe confia vis missões.

— Muito bem, disse Luis XIV. E o feristes na coxa. O mal não é grande, pois que o tal du Vernais é um triste gentil-homem; mas previno-vos que vou tornar a pôr em vigor os decretos do falecido rei meu pai, contra o duelo. O sangue dos meus gentis-homens pertence à França e só o podem derramar num campo de batalha. Fôstes ferido? prosseguiu el-rei.

— Não, sire.

— Então, de onde são essas gôtas de sangue que vejo no vosso gibão?

O pajem corou levemente.

— Foi segunda cutilada, sire; recebi-a às oito horas da noite.

— Como! exclamou o rei com um gesto de impaciência em que todavia transparecia uma leve satisfação, dois duelos num dia, e na vossa idade! . . .

— Ah! Sire, replicou ousadamente o pajem, insultavam o senhor cardeal, e queriam lançar no rio duas senhoras de distinção.

E Flor de Maio contou ao rei a cena da Ponte Nova. Luis XIV guardou um momento de silêncio; depois, olhando para o cavalheiro de Chastenay:

— Como sois tão pródigo do vosso sangue, suponho que vos prestaríeis a derramar algum no meu serviço.

— Até a última gôta, sire.

— Ouvistes-me ainda agora falar de um mensageiro que quero mandar à Bretanha?...

— Sim, sire.

— Quereríeis ser êsse mensageiro?

— Por que não? respondeu o pajem com um desembaraço que muito agradou ao rei, e arrancou um sorriso aprovador do austero Colbert.

— Conheceis muita gente em Paris? continuou o rei.

— Ninguém, sire, com exceção do visconde de Mailly.

— Já é muito, fêz Colbert. O visconde é amigo do superintendente, e está ligado com o cavalheiro du Vernais.

— Ah! disse el-rei.

— Certamente, sire, replicou o financeiro, explicando o seu pensamento; por isso é que os espiões do senhor Fouquet são numerosos: êste senhor chegou ontem a Paris, parte amanhã; as pessoas do seu conhecimento, o visconde, por exemplo, reparam nesta partida súbita, e dá-se o rebate.

— Isso é muito justo, disse el-rei; mas como há de se fazer?

— Sire, replicou o financeiro, para grandes males grandes remédios. O mais prudente seria mandar o visconde passar oito dias na Bastilha.

— Não, senhor, porque isso seria injusto.

— Então, disse Colbert, suceda o que suceder.

Luís XIV ficou por um momento pensativo.

— Mais valeria pedir-lhe a sua palavra.

— Dessa forma, sire, mais vale ainda empregá-lo.

Esta idéia agradou muito a Flor de Maio.

— Sire, disse êle, o senhor de Mailly, Coquelicot e eu, prenderíamos o senhor abade Fouquet, sem o auxilio do senhor governador da Bretanha.

E vendo que o rei o escutava, acrescentou:

— Quando três homens possuem um segrêdo, êsse segrêdo corre risco de descobrir-se como uma garrafa de vinho velho que se destapa; pelo menos, esta era a opinião do meu finado pai, que tinha experiência.



Colbert olhou para o pajem de través.

— Ora, prosseguiu o pajem, sentindo-se no seu elemento desde que se tratava de um perigo a enfrentar, permita-me Vossa Majestade que diga ao senhor de Mailly e ao meu escudeiro, que parto em seu serviço, e que corro risco de vida, porque êles me acompanharão sem perguntarem onde vou. São homens que sabem amar o rei e servi-lo. Respondo por êles. Ofereço ao rei três corações e três espadas.

Luís XIV continuava a refletir, e, refletindo, observava esta fisionomia franca e ousada, espirituosa e fina do jovem pajem, como se quisesse adivinhar nela o porvir inteiro de Flor de Maio. Começava a revelar-se o rei, que mais devia entender de homens, bastando-lhe para isso um só olhar. Colbert e Flor de Maio respeitaram o meditar do rei; enfim, Sua Majestade replicou:

— Senhor Colbert, escrevei duas linhas ao senhor governador de Anjou, e dizei-lhe que o mensageiro que as entrega é de minha inteira confiança, e que faça por êle tudo quanto a minha ordem lhe manda.

Colbert escreveu, o rei assinou.

— Agora, acrescentou êle, voltando-se para Flor de Maio, na idade de dezoito anos não se pode ficar pajem por muito tempo e uma patente de tenente num dos meus regimentos valeria mil vêzes mais.

Uma fâisca de orgulho passou pelos olhos de Flor de Maio.

O pajem deu um passo à retaguarda; el-rei reteve-o com um sinal.

— Senhor Colbert, disse êle, tende a bondade de abrir aquêlo cofrezinho que está ali sôbre aquêlo bufete. É o meu cofre particular. Tirai de lá duzentas moedas, entregai-as ao senhor de Chastenay. Seria coisa inaudita, um gentil-homem viajar à sua custa, a serviço do rei de França.

Colbert executou a ordem de Sua Majestade, que deu a mão a beijar ao jovem senhor de Chastenay, e despediu-o.

— Sire, disse então Colbert, êste rapaz há de ir longe; é inteligente e valente. Vossa Majestade fará bem em o empregar, em o conservar sempre ao seu serviço.

— Estou pensando nisso, respondeu simplesmente o rei sorrindo.

## CAPÍTULO VI

### COQUELICOT ASSOMBRA-SE

O senhor de Chastenay, saindo do gabinete do rei, encontrou Coquelicot sôzinho e filosofando na antecâmara, onde o tinha deixado. Estava êle melancolicamente sentado num banco, encostado à parede, com os olhos semi-cerrados, como um homem que sonha num mundo muito diferente daquele em que vive.

— Olá, amigo, vamo-nos embora e depressa.

— E aonde vamos nós a estas horas, senhor cavalheiro? perguntou Coquelicot pasmado do modo aflito de seu amo.

— Ora, vamo-nos embora.

— Mas, para onde?

— Vamo-nos deitar, provàvelmente.

— Ora esta, disse ingênuamente Coquelicot, desculpai-me, senhor, mas pensava que os pajens d'el-rei e seus escudeiros dormiam no paço.

— Os meus quartos ainda não estão prontos.

E, depois desta breve resposta, o senhor de Chastenay continuou a andar, e arrastou Coquelicot para a escada dos gentis-homens de serviço, que desceu quatro a quatro. Foi só na rua de Valois que, rompendo a sua mudez, o senhor Chastenay se chegou ao ouvido do seu escudeiro:

— Os nossos cavalos estão ainda um tanto cansados, não é?

— Como?

— Ainda farão dez léguas?

- Mas vamos partir?
- Amanhã, ao romper do dia.
- Mas, aonde vamos?
- É segredo meu.

Coquelicot recuou um passo. Estava pasmado da firmeza do senhor de Chastenay.

— Quero dizer, acrescentou êste, é segredo do rei. Portanto não me pertence.

Coquelicot meneou a cabeça de alto a baixo em sinal de aprovação, e disse:

— Os cavalos estão cansados, mas são bons; vamos longe?

— Também é segredo meu.

— Muito bem, murmurou Coquelicot à parte; vejo que o meu amo se tornou num instante um personagem importante, pois el-rei, que nunca o tinha visto esta manhã, lhe confia agora uma missão secreta.

— Agora, continuou o senhor de Chastenay, vamos à rua Saint-Jacques à casa do visconde de Mailly.

— O visconde está deitado, são onze horas.

— Êle se levantará.

O senhor de Chastenay tinha resposta para tudo.

— Bom! fêz filosoficamente Coquelicot; ainda aos cinquenta anos se aprende alguma coisa. Ontem, meu jovem amo parecia-se muito com uma mocinha bonita, ignorante e tímida; hoje, tem o gesto desembaraçado, a palavra decidida, tornou-se um personagem. Ê verdade que entre ontem e hoje o senhor cavalheiro se apaixonou. E depois disto me digam que o amor torna a gente estúpida! Acho, ao contrário, que dá um grande talento!

Batiam neste momento onze horas em São Germano l'Auxerrois. O senhor de Chastenay e o seu escudeiro tinham tomado pela rua Saint-Honoré, depois pela de Arbre-Sec, e caminhavam a passos largos ao longo do rio, ganhando a ponte de São Miguel. Coquelicot monologava sobre o amor e sobre as singularidades do acaso que de um simples gentilhomem de província faziam de repente um mensageiro do

rei de França; o senhor de Chastenay julgava estar sonhando, e recapitulava os numerosos acontecimentos do dia.

Ora, como o amor tem lugar em todos os sonhos, e como a ambição o anima em lugar de o prejudicar, o nosso herói, prevendo um magnífico futuro sobre o êxito da sua arriscada empresa, e chamando-se intimamente de senhor tenente, pôs-se a pensar na bela jovem da Praça Real, e levou muitas vezes os seus lábios às borlas do cordão atado por suas niveas mãos aos copos da sua espada.

E pensando nela, confessou a si próprio com tristeza que ia deixar Paris e que partiria sem a ver. Mas o senhor de Chastenay estava em maré de grandes empresas.

— Quero tornar a vê-la, disse êle consigo.

Se o honrado Coquelicot tivesse ouvido o seu amo, teria certamente encolhido os ombros, porque eram onze horas da noite, e, às cinco horas da manhã Flor de Maio devia estar montado. A menos que o diabo o não fizesse, era impossível achar um pretexto decente e razoável para apresentar-se na Praça Real a tais horas. Não ousaríamos afirmar que o senhor de Chastenay, que era um moço religioso, contasse com o diabo neste caso; porém, achava-se feito pajem, e um pajem duvida porventura de coisa alguma?

O senhor de Chastenay buscava pois o pretexto, quando chegou à porta do senhor de Mailly. O guarda-portão ainda não estava deitado. Abriu à primeira pancada.

— Teu amo ainda está de pé?

O guarda-portão perturbou-se.

— Fala, disse o senhor de Chastenay num tom breve, quero vê-lo imediatamente.

— Senhor, respondeu timidamente o guarda-portão, o senhor visconde está, como é seu costume tôdas as noites, no pavilhãozinho do jardim, onde nunca ninguém o vai incomodar.

— Ora! pensou o senhor de Chastenay, lembrando-se de tudo quanto vira através das vidraças, o visconde é o homem mais misterioso que eu conheço, e muito dese-

jaria saber o que é que êle faz no pavilhão. — Depois acrescentou em voz alta: — Não importa! vai preveni-lo. E' da parte d'el-rei.

Ao nome do rei, o guarda-portão não hesitou mais, e foi chamar seu amo, enquanto Flor de Maio e Coquelicot esperavam na saleta de armações escuras em que o visconde costumava passar o dia. Chegou o visconde. Estava muito pálido e mostrou grande surprêsa em ver o senhor de Chastenay.

— Vim incomodar-vos, desculpai-me.

— A noite está tão boa, disse o senhor de Mailly num tom que se esforçou por tornar descuidado e ligeiro, que estava a tomar a fresca no jardim. Mas, meu caro cavalheiro, ofereci-vos a minha casa; vós a aceitastes. Não vos esperava senão amanhã, mas muito folgo que viésseis já hoje. Um amigo tem a minha porta aberta a tôda hora.

— Meu caro visconde, respondeu o senhor de Chastenay com a mesma familiaridade, há três horas que não vos vejo, já entrei em exercício.

— Exercício de pajem?

— Sim, de pajem viajante.

O visconde abriu muito os olhos.

— El-rei tem provávelmente tenção de fazer uma viagem a Anjou, porque me manda preparar os seus aposentos.

— E partis?

— Ao romper do dia.

— Obrigado, nesse caso, por terdes vindo apertar-me a mão.

— Esperai, interrompeu o senhor de Chastenay, não é só isso.

— Meu Deus, assustais-me.

— Militastes, não é assim?

— Nos mosqueteiros.

— Desagradou-vos o serviço d'el-rei?

— Não, mas desgostos domésticos me obrigaram a deixá-lo.

— Pois eu o tomo. El-rei quis certamente experimentar-me: deu-me de saída um segrêdo a guardar, mil inimigos

poderosos a ganhar, uma punhalada a arriscar; trata-me como favorito logo no primeiro dia.

— Que dizeis, cavalheiro, um segrêdo aos dezoito anos?

— Um segrêdo com os meus dezoito anos e que há de ser bem guardado, juro à fé de gentil-homem.

— E punhaladas?

— Quanto à arma, nada posso afiançar; punhal, pistola ou arcabuz, não sei o que me espera, nem isso me dá cuidados. Então, que vos parece, meu querido visconde? Entre esta manhã no serviço, e esta noite em campanha. Força é confessar que o rei Luís XIV entende de homens.

— De homens, disse o visconde sorrindo docemente. Pobre criança! não te deixarei correr mundo sòzinha. Esperai-me, cavalheiro, que eu vos sigo. Guardareis o segrêdo do rei, mas seguir-vos-ei como a vossa sombra, se algum perigo houver, seremos dois a recebê-lo.

— Obrigado, aceito por el-rei e por mim.

— Que me importa a mim? disse o visconde, falando consigo mesmo; não vale mais morrer protegendo essa criança do que morrer aqui da minha dor? e passou a mão pela frente, como para repelir uma recordação penosa. Aonde ides, meu belo pajem, disse êle, ou antes, aonde ides vós, meu capitão?

— Meu caro, disse o senhor de Chastenay com a maior serenidade, confessar-vos-ei que o mundo está um pouco transtornado. Vós tendes trinta e cinco anos, Coquelicot cinquenta e eu dezoito. Seria, pois, eu, na aparência, que deveria ignorar o fim da viagem e seguir os conselhos dos meus mestres em experiência. Pois não é assim, sou eu que comando e dirijo a expedição, porque tal é a vontade de Sua Majestade; e bem sabeis, visconde, que a vontade de Sua Majestade deve ser a nossa. Prontos sempre a servir el-rei, e que São Diniz nos proteja!

O visconde olhava para o senhor de Chastenay, e pensava em perguntar sèriamente se acaso êle teria perdido o juízo. O pajem tirou do bôlso o bilhete de Colbert.

— Conheceis esta letra? perguntou êle.

O visconde viu-se obrigado a reconhecer que o novo pajem não estava louco, e inclinou-se.

— Agora, continuou o pajem, preciso que me deis a vossa palavra de que ninguém, em Paris, saberá da vossa bôca aonde ides.

— Eu vô-la dou.

— Amanhã, ao romper do dia, montareis a cavalo e esperar-me-eis à porta de Saint-Jaques.

— Muito bem; mas por que é que não há de se partir daqui?

— Por que? disse o pajem que tinha um pensamento secreto, porque três cavaleiros às quatro horas da manhã desbertam a atenção dos burqueses. E, repito-vos, a nossa missão é secreta. Adeus, visconde, boa noite. As quatro horas, na porta Saint-Jaques.

— Lá estarei, disse o visconde pensativo.

E o pajem deixou o visconde sob pretexto de ir dormir duas horas e preparar-se para a sua partida. Mas, na realidade, o nosso herói tinha outra coisa a fazer, porque quando chegou com Coquelicot à extremidade oposta da ponte de S. Miquel, disse para o escudeiro:

— Agora, meu bom amigo, entra na hospedaria da rua de Arbre-Sec, manda dar ração aos cavalos, fecha as nossas malas e ajusta as nossas contas. Depois do que, dormirás, querendo, até eu voltar.

— Até voltardes?

— Certamente.

— Então aonde ides ainda?

— Ora essa! disse o pajem com orgulho, vou fazer-te agora um belo discurso para provar que um gentil-homem que se respeita não poderia dispensar-se de ir meditar um pouco sob o balcão da sua dama? Vou à Praça Real.

— Olá! exclamou Coquelicot de bôca aberta, penso, senhor cavalheiro, que envelheceste dez anos em poucas horas. Se isto continua, endoidecerei em oito dias, tal é a mudança que fazeis a olhos vistos.

O pajem respondeu com uma gargalhada, e, deixando Coquelicot estupefato, tomou, correndo, o caminho da Praça

Real, que não era então o que é hoje, isto é, um plácido bairro habitado por bons burgueses que se deitam às dez horas, e escutam com satisfação o passo cadenciado das patrulhas que velam sobre o seu repouso. Nesta época, era habitado pela nobreza; os grã-senhores aí tinham os seus palácios, algumas belas impuras o seu templo de amor; soltavam-se suspiros amorosos sob as suas janelas, e os senhores espanhóis, vindos na comitiva da rainha Ana, aí tinham introduzido com êxito o gôsto pelas serenatas.

Era, também, o terreno invariavelmente escolhido para os numerosos duelos que se travavam e a patrulha nunca lá, pondo em prática êste provérbio: "Nunca se devem estorvar, nem os namorados, nem as pessoas que se batem em duelo".

Quando o pajem chegou lá, a praça estava deserta. Por milagre, nenhum gentil-homem dedilhava as cordas de uma guitarra ou esperava um rival com a espada na mão. Portanto, estava o pajem senhor do terreno.

O senhor de Chastenay viera à Praça Real sem saber como nem sob que pretexto poderia entrar em casa da cônega, mas obedecendo a uma esperança tão vaga como insensata. No momento em que transpunha as grades, que estavam abertas tôda a noite, seus olhos encontraram uma luz, que brilhava brandamente, através das cortinas de sêda, no primeiro andar de um quarto.

O' felicidade! êste quarto era o da formosa cônega, e felicidade mais inesperada ainda, o pajem, recordando-se da topografia interior do palácio, lembrou-se de ter visto, de noite, uma árvore grande e copada que subia até às janelas do oratório onde a jovem o introduzira para lhe curar o ferimento. Ora, a janela que tinha a luz ficava justamente em frente da árvore; portanto, a luz vinha do oratório e quem podia estar no oratório, a estas horas, a não ser a cônega?

A imaginação do pajem tornara-se tão fértil havia algumas horas, que fêz tôdas estas reflexões num abrir e fechar de olhos, e formou prontamente um plano de ataque.



O plano era arriscado: tratava-se, nada menos, para o pajem, de introduzir-se de noite em casa de madame de Mailly.

O pajem aproximou-se da árvore, mediu com o olhar seu tronco nodoso, o comprimento de seus ramos, e viu com alegria que um dêles se aproximava horizontalmente da janela a uma distância de perto de dois metros.

O salto era arriscado, e se o pajem errasse a janela, era evidente que quebraria as costelas. Havia, além disso, outro inconveniente: se, em rigor, se podia saltar do ramo para o parapeito da janela, era impossível saltar do parapeito para o ramo. Como, pois, admitindo que o senhor de Chastenay entrasse no oratório e aí não fôsse recebido como um ladrão noturno, voltaria pelo mesmo caminho? O pajem refletiu em tudo isto, e estava coçando a orelha como um homem muito enleado, quando sentiu passos atrás de si. Voltou-se rapidamente, e achou-se em frente de um homem de meia idade, vestido como um burguês, de rosto risonho e agradável, e que o cumprimentou com uma familiaridade respeitosa, dizendo-lhe:

— Boa noite, meu gentil-homem.

— Boa noite, amigo, respondeu o pajem impaciente.

— O ramo está muito longe da janela, continuou o desconhecido, respondendo assim de viva voz às reflexões mentais do pajem.

— Como? disse êste estremecendo.

— Digo que o ramo está muito longe...

— O que é isso que aí me estais dizendo, meu amigo? perguntou o pajem um tanto perturbado por se ver tão bem descoberto.

O desconhecido sorriu:

— Perdão, meu gentil-homem, disse êle, mas vejo que Vossa Senhoria não me conhece.

— Assim é, disse o pajem.

— Chamam-me o tio Matias, continuou o desconhecido.

— Pois, senhor Matias, muito folgo de vos conhecer.

O desconhecido sorriu novamente:

— E' preciso que Vossa Senhoria seja da provincia disse êle, porque se assim não fôsse...

— Então, se assim não fôsse?

— Sabería que posso ser-lhe útil.

— Então, qual é a vossa profissão, senhor Matias?

— Sou alugador de escadas e de guitarras.

— Como?

— Moro aqui perto, debaixo da arcada oposta. Tenho loja de guitarras, para os namorados tímidos que se divertem e se limitam ao amor sentimental, e alugo uma boa escada de quase três metros aos namorados mais atrevidos, que acham valer mais escalar o balcão da sua amante do que suspirar debaixo, fazendo ouvir uma romanza.

— Que sorte! exclamou o pajem entusiasmado, sois um homem precioso, senhor Matias.

— Vossa Senhoria lisonjeia-me. De mais a mais, acrescentou o judeu, sou discreto, podeis acreditá-lo. No dia seguinte, já não me lembro nem do gentil-homem a quem aluguei a escada, nem da janela onde ela se encostou. Tem-me até acontecido alugar duas ou três vêzes a mesma escada na mesma noite e para a mesma janela, a dois ou três gentis-homens diferentes sem que uns nada soubessem dos outros.

— Diabo! murmurou o pajem, a quem isto agradava muito menos. O cavalheiro du Vernais também alugaria escadas?

— Ora, continuou Matias, tenho duas espécies de escadas. Alugo as de três metros por duas moedas, as de seis, por um escudo.

— Oh! disse o pajem, isso é engraçado. Penso que as mais compridas deviam custar mais caro.

— Vossa senhoria está enganado. As escadas de três metros não chegam senão aos primeiros andares, enquanto que as de seis chegam ao segundo.

— Então?

— Então, o primeiro andar é geralmente ocupado por senhoras, e o segundo é destinado às suas criadas; é pois

razoável que se pague mais para os primeiros do que para os segundos.

Este raciocínio pareceu tão profundo ao senhor de Chastenay que não achou objeção que lhe fazer, e disse a Matias.

— Pois bem, preciso de uma escada de três metros.

— Tinha-o adivinhado, meu gentil-homem, porque há dez minutos que vos sigo, e olhai, aqui está a escada.

E o velhaco estendeu a mão para as arcadas, ao pé das quais a escada em questão estava posta horizontalmente. Depois, levantou-a, aplicou-a sem ruído contra a parede, e cortejou o pajem, e disse-lhe:

— Boa sorte, meu gentil-homem! Assobiai antes de descerdes. Eu fico aqui de sentinela.

E Matias afastou-se. O pajem adiantara-se muito para recuar. Firmou a escada, pôs resolutamente o pé no primeiro degrau, e subiu com denôdo ao assalto da janela, como se fôra ao de uma cidade.

O nosso herói não se enganara. Era com efeito a janela do oratório de madame de Mailly que tinha luz, e ela, como êle tinha suposto, aí estava, apesar de ser tarde. Estava sentada em uma grande poltrona, com a cabeça caída para trás, os olhos semi-cerrados, meditando. Meditando como o faz uma moça de vinte anos que já conhece a vida em que mal acaba de entrar, e que tem a presciência do amor, sem ter ainda amado. Nesta época, a jovem a quem votos temporários davam o título de cônega, achava-se por isso mesmo mais independente, mulher mais completa, se esta palavra se pode empregar, do que as outras moças da sua idade. O título religioso era uma guarda, e dava direito à qualificação de madame.

Uma cônega, sem que a sua reputação sofresse, podia receber visitas, sair sôzinha de cadeirinha ou de coche, ir aos bailes da côrte ou às recepções do rei, e aceitar enfim as homenagens respeitosas de um cavalheiro aspirante à sua mão. Neste último caso, se as homenagens eram aceitas, a cônega dirigia-se ao senhor arcebispo de Paris, para a desobrigar dos votos, e casava.

Madame de Mailly, que tinha então dezenove ou vinte anos, era uma das senhoras mais belas, mais requestadas, mais ardentemente desejadas por quantos gentis-homens possuíam a moda de Paris e a côrte. Se Matias não fôsse discreto, teria podido enumerar ao pajem quantas guitarras havia alugado por motivo dela; mas, quanto a nós, que somos historiador, diremos em voz alta que nunca até ali tinha alugado uma escada para encostar às janelas da cônega.

Madame de Mailly estava habituada às homenagens, e pouco caso fazia delas. A despeito dos esforços dos seus adoradores, conservava-se cônega, e falava nada menos do que em pronunciar um pouco mais tarde votos irrevogáveis.

Tinha para isso duas razões: a primeira, era que o seu coração se conservava mudo e não tinha ainda estremecido por pessoa alguma, por mais gentis que fôsem os seus adoradores. A segunda razão era mais séria ainda: seu irmão, o visconde, não era casado, mas só tinha trinta e cinco anos; mais dia menos dia havia de casar para não deixar extinguir o seu nome, então o dote da cônega, sujeito às duras leis do direito de morgado, seria dos mais resumidos.

Mas havia algumas horas que as resoluções da cônega tinham sido um tanto abaladas. O seu coração, que diziam ser de mármore, agitara-se, seu rosto plácido colorira-se; seus lábios, que a gárridice armava com tentador sorriso, tornaram-se de repente sérios. Havia algumas horas que madame de Mailly não era a mesma mulher; estava pensativa, meditava.

Pensava deliciosamente em todos os acontecimentos daquele dia, e um sentimento estranho apoderava-se dela. Até ali, o cavalheiro du Vernais não lhe tinha inspirado senão uma zombeteira indiferença e, um pouco altiva, estava indignada da audácia que êle tinha tido na véspera, e experimentava uma espécie de ódio por êle. Talvez que se lembrasse de que o cavalheiro du Vernais poderia ter morto o senhor de Chastenay.

E a noite adiantava-se. A velha marquesa de Pré-Gilbert tinha, havia muito, ido para o seu aposento, onde dentro em pouco adormecera a ler um romance de made-moisele de Scuderi, a favorita de madame de Rambouillet, e a cônega continuava no seu oratório, com a cabeça deitada para trás, as suas belas mãos descansadas nos braços da poltrona, e os olhos pensativos voltados para aquela janela entreaberta que dava para a Praça Real.

De repente, um leve ruído fê-la estremecer; levantou vivamente os olhos e abafou um grito de susto. Um homem estava de pé no parapeito da janela, e êste homem punha um dedo sôbre os lábios para recomendar silêncio.

O terror impediu-a de gritar. O seu primeiro movimento foi levantar-se e fugir. Mas não teve tempo, porque o homem saltou resolutamente para o quarto.

E madame de Mailly ficou imóvel de pasmo. Reconhe-cera o pajem.

Sabe-se com que temeridade o nosso herói executara o seu projeto. Enquanto estivera às voltas com obstáculos materiais, a sua audácia fôra crescendo; porém, superados êstes obstáculos, e achando-se na presença daquela que amava, em sua casa, depois da meia-noite, sentiu esvaecer-se a sua ousadia, e tornou-se trêmulo e tímido e envergonhou-se do seu louco procedimento vendo esta mulher pálida e estupefata que olhava para êle com uma espécie de terror.

Durante alguns segundos, olharam-se sem se atreverem a trocar uma palavra. O senhor de Chastenay começando a recear ter para sempre comprometido a causa do seu amor pela sua audácia; a cônega perguntando a si mesma se êste temerário que entrara em sua casa como um ladrão noturno era aquêlê jovem cavalheiro a quem devera a vida algumas horas antes. Afinal, o pajem dominou a sua comoção; encaminhou-se para ela, ajoelhou-se, e murmurou humildemente:

— Perdoai-me.

Quando o homem suplica, a mulher torna-se imediatamente forte. O senhor de Chastenay estava de joelhos,

madame de Mailly achou-se logo senhora de si; e como a arma mais terrível da mulher é a dissimulação, sorriu para ocultar a sua perturbação. O seu sorriso porém nada tinha de altivo, era apenas motejador, e o pajem compreendeu que já estava perdoado.

— Oh! senhor de Chastenay, apressou-se a dizer a cônega, querendo ser a primeira a falar, explicar-me-eis o que é que vos obriga a procurar refúgio em minha casa? Destes por aí mais alguma cutilada, e desta vez anda a polícia em vossa busca? Se assim é, vou depressa esconder-vos, olhai, aqui neste gabinete.

E a cônega sorria ainda.

Felizmente, o pajem recuperara todo o seu sangue-frio.

— Tranquilizai-vos, minha senhora, disse êle, ninguém me persegue; venho simplesmente fazer-vos uma visita.

— Uma visita!

— Sim, minha senhora.

— Depois da meia-noite?

— Ora esta! disse negligentemente o pajem, desculpai a minha distração, minha senhora, não julgava que fôsse tão tarde.

— Bravo! disse madame de Mailly, soltando uma gargalhada; tomastes igualmente a janela pela porta? Nesse caso, em lugar de vos esconder e pôr ao abrigo da polícia, mandarei buscar um cirurgião para vos sangrar, porque certamente tendes alguma perturbação cerebral.

A gargalhada da cônega teria inevitavelmente desapparecido um namorado ordinário e produzido sôbre êle o efeito de um balde d'água derramada sôbre uma cabeça em ebulição; porém, o nosso herói não era um namorado comum, e respondeu com a maior placidez:

— Perdoai-me, minha senhora, mas eu parto amanhã, ao romper do dia. El-rei encarregou-me de uma missão secreta; e não podia sair de Paris sem vos ver uma última vez.

— Oh! senhor embaixador, disse a cônega, que fizestes da vossa dignidade? Um enviado do rei de França sobe à

minha janela! O que não dirá Sua Majestade Cristianíssima?

— Ah! suspirou o pajem, é porque eu tinha importantes coisas para vos dizer.

— Será algum segrêdo de Estado?

— Não é isso.

— Será alguma coisa ainda pior?

— Talvez, para mim, pelo menos.

A cônica continuava a sorrir:

— Vejamos, senhor, explicai-vos, de que se trata?

— Do estado do meu coração, murmurou o pajem muito sèriamente.

E tornou a lançar-se de joelhos, pegou na mão de madame de Mailly, que não teve coragem de a retirar, e levantando para ela um olhar suplicante:

— Sabeis que vos amo?

A declaração era direta, madame de Mailly não pôde deixar de corar, e retirou apressadamente a mão.

— Perdoai-me, minha senhora, disse-lhe vivamente o pajem; por espaço de uma hora, estive na vossa presença, e conheci que vos amaria eternamente, e quando el-rei me ordenou que partisse, tive um acesso de loucura, pareceu-me que partir sem vos ver, sem levar de vós uma palavra de esperança, um olhar de despedida, seria o mais cruel de todos os suplicios, então dirigi-me para aqui e, não me atrevendo a entrar pela porta, escalei a janela. Se sou culpado, castigai-me, mas não me repulseis.

Por um momento comovida e dominada pelas pulsações precipitadas do seu coração, madame de Mailly reconquistou sôbre si mesma êsse império absoluto que torna tão fortes as mulheres. O sorriso reapareceu em seus lábios, e disse ao pajem:

— Sabeis que estais louco?

— Sim, disse êle com um adorável misto de ousadia e de simplicidade, louco de amor.

— Que idade tendes?

— Dezoito anos.

— Eu tenho dezenove; por conseguinte devo ter mais experiência do que vós porque sou mais velha.

— Ah! fêz o pajem, olhando para ela admirado, é bem possível...

— Assim é, senhor. Ora, continuou a jovem lançando-lhe um terno olhar, ainda está para nascer o primeiro homem que não diga que há de amar eternamente.

— E então?

— E são tão inconstantes, senhor doidinho, como o bom tempo no outono, as borboletas na primavera, e o mar azul nos trópicos.

— Eu não sou assim.

— Isso dizem todos.

— Experimentai o meu amor, a minha constância, e vereis.

A atitude do senhor de Chastenay era suplicante, o seu gesto eloquente, a sua voz doce e persuasiva; madame de Mailly começava a arrepender-se um pouco de não ter chamado socorro.

— Amo-vos, murmurou êle em voz baixa.

— Ama-vos, murmurou igualmente uma voz secreta ao ouvido da cônega; e o coração palpitava, e ela estava pronta para responder:

— Também eu.

E depois, era meia noite; era no mês de Maio, pela janela aberta entravam as perfumadas brisas, e o silêncio misterioso de uma noite de verão é propício às confissões de dois corações moços e amantes. Madame de Mailly e o senhor de Chastenay olhavam-se e não se falavam, êle de joelhos, ela em pé e inclinada para êle. Enfim, dominou-se:

— Então ides para a guerra?

— Para a guerra, sim, respondeu o pajem.

— Por muito tempo?

— Não sei.

— Pois, disse ela com um adorável sorriso, voltai depressa, talvez que vos acredite.

Êle soltou um grito de alegria e quis tornar e pegar-lhe na mão. Ela retirou-a e disse-lhe:



— Se quereis que eu acredite no vosso amor, e que depois experimente a vossa constância, é preciso primeiro que mereçais o vosso perdão.

— Então, eu sou criminoso?

A cônica apontou para a janela.

— Pensais, disse ela sorrindo, que o padre santo vos deva um chapéu de cardeal pela bela maneira como entrastes em minha casa?

— Tendes razão; que preciso fazer para obter êsse perdão?

— Voltar imediatamente pelo mesmo caminho. Adeus.

O senhor de Chastenay era muito cortês para não obedecer imediatamente; cumprimentou a jovem com o olhar e o gesto, saltou para o parapeito da janela, e pôs um pé na escada. Então, desarmada pela sua submissão, ela deu um passo e estendeu-lhe a mão.

O senhor de Chastenay levou-a aos lábios, nela depôs um beijo ardente, depois a mão foi retirada, a janela fechou-se e a luz foi apagada.

Em rigor, o senhor de Chastenay poderia acreditar que tinha tido um sonho.

O tio Matias estava esperando em baixo ao pé da escada:

— Vossa senhoria é feliz.

— Como assim? disse o senhor de Chastenay arrebatadamente chamado à realidade pela voz cautelosa do judeu.

— A patrulha acaba de passar, mas não viu nada; eu tinha prudentemente tirado a escada.

— Senhor Matias, respondeu o pajem, cheio de reconhecimento, sois um homem de talento.

— Vossa senhoria lisonjeia-me.

E o pajem, puxando da bolsa, acrescentou:

— Aqui estão duas moedas pela escada e três pelos vossos bons préstimos e prudência.

Matias cortejou até ao chão e pensou que o pajem era algum príncipe de sangue, que andava incógnito.

— O Deus de Israel e de Jacó dê larga vida a Vossa Senhoria, e me conserve tão bom freguês.

— Obrigado pelo desejo, amigo; mas creio bem que a segunda parte não há de se verificar.

— Oh! meu Deus! disse o alugador de guitarras assustado, acaso romperíeis com a dama?

— Ao contrário.

— Então, espero que Vossa Senhoria ainda há de tornar a necessitar da minha escada.

— Não o creio.

E como Matias olhasse para êle admirado, o pajem prosseguiu com fatuidade:

— Creio que para o futuro hei de entrar mesmo pela porta.

E lá se foi cantando, deixando o judeu pasmado de tanta ousadia em tão verdes anos.

## CAPÍTULO VII

### COQUELICOT TEM UM ENCONTRO

Coquelicot rumou para a hospedaria da "Cruz do Trahoir", refletindo profundamente na metamorfose do amo, e pasmado do seu novo cometimento.

— Se o senhor cavalheiro fôr vivo daqui a três meses, há de ter feito fortuna. Pelo pouco caso que faz da pele, a temeridade com que se aventura, nem um homem de ferro poderia resistir. Como êle há de fazer para entrar em casa da irmã do visconde?

Enquanto Coquelicot fazia esta reflexão, passava diante do pórtico de São Germano l'Auxerrois. O largo estava deserto; nenhum burguês retardado, nenhum gentil-homem em excursão amorosa julgara conveniente vir ali respirar o ar fresco da noite, contemplando as arcadas góticas da igreja velha, e as paredes próximas do Louvre.

Todavia, os olhos de Coquelicot, aquêles olhinhos redondos e perspicazes que tudo descobriam, avistaram sob o pórtico um homem imóvel como uma dessas estátuas de pedra que a idade média colocava em nichos nas paredes exteriores das catedrais.

— Olá! pensou, será algum ladrão ou namorado? Já que o meu amo é tão amigo de aventuras, eu também não as hei de desprezar.

E Coquelicot aproximou-se. O homem não se moveu, também não deu mostras de ter visto o escudeiro. Coquelicot aproximou-se mais; o desconhecido conservou a sua imobilidade de estátua.

— Olá, amigo! disse Coquelicot, dando mais um passo, que estais aí fazendo?

— Que vos importa? respondeu àsperamente o homem do pórtico.

— Lá isso é verdade, disse Coquelicot, indo direito a êle, tendes razão, pouco me importa, mas eu pensei que pudesse vos ser útil.

Coquelicot notou aí que o desconhecido apertava um punhal na mão crispada, e, como Coquelicot fôsse um homem prudente, verificou se a sua espada saía facilmente da bainha. Mas, continuando a aproximar-se, achou-se em frente do desconhecido, cujo rosto era iluminado por um raio da lua.

— Aventurino! exclamou êle recuando um passo, com um pensamento mau e supersticioso.

Um sorriso, em que bem se pintava o desespero melhor que qualquer outro sentimento, passou pelos lábios do desconhecido.

— Não sou Aventurino, disse êle.

— Então, disse Coquelicot, és o seu fantasma?

E Coquelicot falava convencido de que tinha diante de si a sombra do "rete" que Flor de Maio havia, algumas horas antes, mandado para o outro mundo.

— Sou seu irmão, disse o homem do punhal com voz surda.

Tais palavras produziram em Coquelicot um efeito excelente. Julgava ver a sombra de Aventurino morto, e, supersticioso, como todos os homens, cuja educação foi muito desprezada, ficara tomado de temor; porém, quando soube que tinha de tratar, não com um morto, mas com um vivo, recuperou o seu sangue-frio, a sua coragem descuidosa, e esse desprezo pelos acontecimentos comuns que constituía a sua força. Ao mesmo tempo, compreendeu que era muito feliz em não ter positivamente afirmado ao irmão de Aventurino que este último estava morto; porque, admitindo que este tivesse conhecimento do acontecido, era fornecer-lhe um indício precioso sobre o assassino, e dar lugar a mil perguntas.

— Sim, replicou o irmão de Aventurino, enquanto Coquelicot fazia tôdas estas reflexões; pareço-me muito com meu irmão, e não me admiro de que me tomásseis por êle; decerto o conhecestes?

— Servimos ambos no mesmo corpo do exército. Era eu sargento do Real-Navarra, quando êle era cabo de esquadra dos "retres" nas guerras dos Países-Baixos.

— Há muito que não o vêdes?

— Vai para dez anos, pelo menos.

O italiano suspirou.

— Mas, perguntou sinceramente Coquelicot, falais sempre do vósso irmão de maneira lamentosa e como se êle já não fôsse vivo; ter-lhe-ia acontecido alguma desgraça?

— Com efeito morreu, murmurou o italiano com ar feroz.

— Morreu!

— Sim, morreu, mataram-no, vararam-no de lado a lado.

— Ora essa! exclamou Coquelicot fingindo uma viva dor; como? onde? quando?

— A dois passos daqui, esta noite, pelas oito horas.

— Corpo di Baco! murmurou lastimosamente o escudeiro, querendo lisonjear o italiano, servindo-se das im-

precações da sua língua materna; mas quem foi que o matou?

— Quem me dera sabê-lo! exclamou o italiano, levantando um braço, e apertando enfurecido o cabo do seu punhal, se soubesse! mas não sei, e é preciso que saiba o nome dêle a todo o custo. Sangue pede sangue!

— Diabo! pensou Coquelicot, isto completa as aventuras românticas do meu amo. E' evidente que um grande amor não pode deixar de vir acompanhado de um grande ódio.

E Coquelicot redarguiu em voz alta, fingindo sempre a mais funda aflição:

— Certamente, é preciso sabê-lo; é que sangue pede sangue. Pois havemos de sabê-lo, havemos de vingar Aventurino.

— Então éreis amigo dêle? disse o italiano, estendendo-lhe espontâneamente a mão.

— Mas, respondeu Coquelicot imperturbável, creio que o meio de encontrar o assassino, não é estar a meditar ao luar junto ao pórtico duma igreja velha.

— Ah! respondeu Pepe, é que nós os napolitanos, quando temos uma morte a vingar, costumamos entrar numa igreja, para pedir a Nossa Senhora que nos ajude.

— Boa precaução, não tem dúvida! Então saís da igreja?

— Não, está fechada; estou à espera que amanheça e que abram a porta.

— Neste caso, tendes que esperar muito.

— Bem sei; mas aonde quereis que eu vá? Cheguei hoje mesmo a Paris, onde não conheço senão um homem; levei o cadáver de meu irmão para um casebre que aluguei na rua des Prouvaires, e tenho mêdo de ficar junto de um cadáver.

Estas derradeiras palavras fizeram brotar no cérebro de Coquelicot uma idéia singular.

— Partimos amanhã, dissera êle entre si; se eu deixar êste patife em Paris, encontrar-se-á com du Vernais, não

tardará a descobrir que foi Flor de Maio quem matou Aventurino, e êles ambos urdirão uma vingança, cujo resultado será a morte de meu amo. O melhor é levá-lo conosco e assim não desconfiará, pelo menos até nosso regresso, que o assassino de seu irmão é precisamente o gentil-homem a quem sirvo.

Como se vê, êste raciocínio não era por forma alguma desprovido de prudência, e Coquelicot fêz logo dêle a base de um plano de procedimento que resolveu pôr imediatamente em execução.

— O inimigo que se tem debaixo da mão, pensava êle, deixa de ser perigoso.

Voltou-se, portanto, para Pepe:

— Vinde comigo. A minha casa fica perto, amanhã trataremos de vingar vosso irmão.

— Como vos chamais? perguntou o italiano cheio de reconhecimento.

— Chamo-me Coquelicot, e sou escudeiro do cavalleiro de Chastenay, que tem muito prestígio na côrte, e poderá nos ajudar neste caso.

— Aceito, senhor Coquelicot.

O escudeiro deu o braço ao italiano, e levou-o para a hospedaria da Cruz du Trahoir, no botequim da qual mandou vir uma garrafa de vinho velho de Borgonha.

— Agora, disse êle, depois de sentar-se em frente do italiano, palestremos.

— Estou pronto a ouvir-vos, senhor Coquelicot.

O escudeiro tomou a atitude de um homem importante, encostou os cotovelos à mesa, e, bebendo o conteúdo do seu copo:

— Sabeis se o homem que matou Aventurino é peão ou gentil-homem?

— Gentil-homem, respondeu o italiano.

— Diabo! o caso é grave.

— Por quê?

— Porque a gente não pode se vingar de um gentil-homem como se vinga de um peão.

Pepe não deu outra resposta senão mostrar a ponta aguda do seu punhal. Mas Coquelicot encolheu os ombros:

— Ora adeus! sangue por sangue e vida por vida, é uma vingança bem triste.

— Que quereis dizer com isso?

— Que se pode achar coisa melhor.

— E' verdade, murmurou o italiano; procurarei.

— Ora, prosseguiu Coquelicot, cuja lógica era concisa, aí está precisamente para o que é necessário proteção.

— Hei de tê-la.

— De quem?

— Do cavalheiro du Vernais.

Coquelicot estremeceu; porém dominou-se logo e perguntou com negligência:

— Quem é êsse cavalheiro?

— Um homem muito poderoso na côrte.

— E que mais?

— Dizem que é amigo do superintendente.

— Do senhor Fouquet?

— Exatamente.

— Como o conheceis?

— Não o conheço, mas Aventurino o conhecia.

— Ah!

— O cavalheiro devia-lhe a vida.

— Oh! pensou Coquelicot, parece que a memória me volta e que vou me lembrar do lugar em que vi o tal cavalheiro.

E redarguiu com indiferença:

— E' coisa singular.

— Há de haver uns dez anos, foi na Flandres, talvez que lá estivésseis?

— Continuai, disse Coquelicot, escutando atentamente.

— O cavalheiro, segundo Aventurino me contou, fôra humilhado e enxovalhado pelo senhor de Turene, general em chefe, e queria vingar-se.

— Ah! exclamou Coquelicot, voltando-lhe a memória.

— Resolveu pois, continuou o italiano, passar-se para o inimigo com os despachos importantes que o senhor de Turene havia lhe confiado para o general de uma outra divisão; e, quando se pôs a caminho, em lugar de tomar o caminho de Valenciennes onde a divisão estava acantonada, tomou à esquerda e dirigiu-se para Mons, onde comandava o duque d'Alba. Infelizmente para êle, a duas léguas do acampamento, encontrou dois soldados, um "retre" e um infante. Ambos pressentiram a traição do cavalheiro, e o "retre", que era meu irmão, quebrou-lhe o braço com um tiro de pistola e lançou-o abaixo do cavalo.

— Sois um traidor, disse-lhe Aventurino, e poderia conduzir-vos ao senhor de Turene, que vos mandaria enforcar; mas como é triste ver enforcar um oficial, vou salvar-vos. O meu camarada e eu guardaremos segrêdo, e diremos que vos salvamos com grande custo de uma emboscada espanhola.

"E para dar mais verossimilhança à história, Aventurino meteu uma bala na cabeça do cavalo do fugitivo, e reconduziu-o ao campo apeado. Ora a prova de que meu irmão e o soldado de infantaria guardaram segrêdo é não ter sido enforcado o cavalheiro, e estar ainda oficial.

— E' verdade, disse Coquelicot; mas estais bem certo de que o fugitivo se chamava du Vernais? Por que eu, que era o soldado de infantaria que acompanhava Aventurino, me lembro perfeitamente de que êsse gentil-homem se chamava de La Morlière.

— Como! disse o italiano, éreis vós?

— Eu mesmo, e pensei, como Aventurino, que era triste ver enforcar um oficial.

— O senhor de La Morlière, disse Pepe que estava perfeitamente informado, era herdeiro de seu tio o cavalheiro du Vernais, o qual lhe deixou o seu nome, e todos os seus bens.

— Oh! diabo! pensou Coquelicot, isto vem às mil maravilhas; em vez dum inimigo, o meu amo tem dois.

E falou em voz alta:

— Então, que tencionais fazer?



— Ir ter com o cavalheiro e pedir-lhe que auxilie a minha vingança, em paga da discricção de meu irmão.

— Ah! disse Coquelicot, ainda acreditais no reconhecimento?

— Se recusar, ameaçá-lo-ei de contar tudo.

Coquelicot encolheu os ombros:

— Isso foi há dez anos e não há provas, senão o meu testemunho; o cavalheiro mandar-vos-á apodrecer na Bastilha e Aventurino não será vingado.

O italiano mordeu os lábios e tomou uma atitude feroz:

— Que hei de fazer então?

— Escutai, disse confidencialmente Coquelicot: estou ao serviço dum gentil-homem que tem grande prestígio; apresentar-vos-ei a êle, e se lhe agradardes, talvez vos preste grandes favores. Entretanto, vinde comigo, deitar-vos-eis na minha cama, e dormireis algum tempo, porque estais muito cansado.

O italiano seguiu Coquelicot, que o levou à casa onde estava com seu amo.

Tinha ela dois quartos, um grande destinado ao cavalheiro, outro pequeno onde dormia o escudeiro. Foi aí que Coquelicot fêz entrar Pepe, que se atirou mesmo vestido sôbre a cama e dentro em pouco adormeceu. Coquelicot ficou no primeiro quarto, e depois de ter fechado a porta de comunicação, fêz as seguintes reflexões:

— Coquelicot, tu tiveste muito juízo em trazer Pepe para aqui. Quando se tem um inimigo, mais vale dar-lhe a cama e tê-lo ao pé da gente do que conservá-lo à distância. Da mesma çajadada soubeste quem era o cavalheiro du Vernais, de quem te hás de lembrar em ocasião oportuna.

Passos, que ressoaram na escada, interromperam o monólogo do escudeiro; êstes passos pararam à porta, que se abriu, e o senhor de Chastenay entrou.

— Ótimo! disse alegremente o moço, que vinha satisfeitíssimo, acabei maravilhosamente o meu dia!

Coquelicot pôs um dedo na bôca:

— Silêncio!

E com o dedo indicou a porta do segundo quarto, onde se ouvia o rressonar sonoro do italiano.

— Quem é que está ali? perguntou o senhor de Chastenay admirado.

Os roncoss pararam de súbito. Coquelicot continuou a pôr o dedo na bôca, e o senhor de Chastenay ficou imóvel e estupefato.

O italiano acordara em sobressalto ouvindo falar, depois experimentara uma singular sensação, e a voz do senhor de Chastenay, pôsto que nunca a tivesse ouvido, fizera-lhe sentir uma dessas comoções estranhas e inexplicáveis que se experimentam vendo um homem que um laço misterioso o prende a nós. Depois, escutara, levado por um vago instinto de curiosidade; as vozes, porém, tinham-se calado. Então, nas trevas, Pepe surpreendeu um raio de luz que se filtrava através de uma das fendas do tabique, e, arastando-se como uma serpente, applicara um ôlho sôbre a fenda por onde a luz passava. Vira depois Coquelicot pôr um dedo nos lábios, e o moço gentil-homem pedir por sinais a explicação dêste mistério. E vendo o senhor de Chastenay, a sensação estranha que Pepe experimentara ao som da sua voz mais ainda crescera.

O cauteloso italiano foi outra vez para a cama, tornou a ressonar, mas não dormia, escutava. Entretanto Coquelicot, ouvindo de novo o ressonar sonoro da pessoa que estava no segundo quarto, não quis deixar mais tempo o senhor de Chastenay na incerteza, e disse-lhe a meia voz:

— Na minha cama está um homem que, se vos conhecesse, vos enterraria um punhal no coração.

O senhor de Chastenay estremeceu:

— Quem é êsse homem?

— E' um italiano.

— Não conheço italianos.

— E' o irmão de Aventurino.

— E então?

— Fôstes vós que o matastes, e seu irmão quer vingá-lo.

Pepe, ouvindo estas palavras, tirou o punhal de baixo do travesseiro.

— Felizmente, continuou Coquelicot, êle não vos conhece.

E Coquelicot contou como encontrara Pepe, a conversa que teve com êle, o que soubera relativamente a du Vernais, e enfim a inspiração que tivera de trazer o italiano consigo.

— Agora, está ali, a dois passos e dorme. Vejamos o que nos resta fazer. Um inimigo assim, senhor cavalheiro, é mais perigoso que dez gentis-homens juntos; não se bate, assassina. Ora, é melhor apanhar o lobo do que ser apanhado por êle, e estou com muita vontade de mandar o nosso dorminhoco para o outro mundo.

— Isso, não! protestou o senhor de Chastenay.

— Então, replicou Coquelicot, é preciso levá-lo conosco. Não sei aonde vamos, mas suponho que, onde quer que seja, a espada há de trabalhar. Um bandido como Pepe serve de muito nesta espécie de expedição; por que não o levaremos nós?

— Pois o levemos, disse o senhor de Chastenay.

Coquelicot abriu o gibão e mostrou ao cavalheiro as coronhas luzídias de duas pistolas.

— Daqui a duas horas, disse êle, quando partirmos, propor-lhe-ei que nos siga; se recusar, meto-lhe uma bala na cabeça.

— Não vejo nisso nenhum inconveniente, respondeu o senhor de Chastenay.

— Se nos acompanhar, mais tarde trataremos disso, e acharemos um meio decente para nos vermos livres dêle.

— Mas, observou o senhor de Chastenay, êle tem cavalo?

— Não, mas o estalajadeiro tem um que queria me vender aparelhado, e que lhe foi deixado em pagamento por um oficial que esteve hospedado em casa dêle.

— Então, vai acordar o estalajadeiro, compra-lhe o cavalo, manda tratar dos nossos, e volta às três horas em ponto. E' uma hora, ainda me restam duas para dormir.

E o pajem, enquanto Coquelicot obedecia, deitou-se na cama e dentro em pouco se achou entregue a êsse sono profundo da mocidade, contra o qual o amor não tem poder. Era o momento que Pepe aguardava. Saltou da cama, foi

pé ante pé à porta, e com o punhal na mão dispôs-se a abri-la. Veio-lhe, porém, à idéia um pensamento infernal.

— Coquelicot tinha razão, sangue por sangue é uma triste vingança, mais vale esperar. Hei de achar coisa melhor.

Um sorriso infernal passou pelos lábios do "retre", que tornou a deitar-se, sem largar o cabo do punhal. Duas horas depois, Coquelicot foi acordá-lo. Pepe pôs-se a esfregar os olhos, fingindo que acordava naquele momento.

— Olá! amigo, disse-lhe o escudeiro, eu e meu amo partimos; vamos a Angers arranjar os aposentos de Sua Majestade, el-rei. Parece-me que o assassino de Aventurino não deixará de acompanhar a côrte. Se queres tomar um bom conselho, vem conosco.

E assim falando, Coquelicot metera a mão entre o gibão, disposto a dar um tiro no "retre" se êle recusasse.

Mas o italiano respondeu, mostrando-se contente:

— Acompanho-vos de muito boa vontade, porque é preciso que eu me vingue!

Alguns minutos depois, o senhor de Chastenay, Pepe e Coquelicot chegavam à ponte de São Miguel.

À saída da Cité, o pajem ordenou aos seus dois companheiros que tomassem pela rua do Inferno, enquanto êle subia pela rua de Saint-Jaques, a fim de não despertar a curiosidade pública.

## CAPÍTULO VIII

### COQUELICOT ELEVA-SE À ALTURA DAS CIRCUNSTÂNCIAS

Quando o pajem chegou à porta de Saint-Jaques e saiu dos muros de Paris viu um cavalheiro parado na estrada. Era o visconde. O senhor de Mailly estava só; julgara inútil levar consigo lacaios, por não saber nem o lugar para onde ia, nem a missão que ia desempenhar.

Ao mesmo tempo, Coquelicot e o "retre" chegavam ao lugar designado. Os dois gentis-homens trocaram um apêrto de mão, colocaram os cavalos a par e passaram para diante, de maneira que deixassem entre êles e os dois companheiros uma distância que permitisse conversar sem ser ouvidos.

O pajem disse, então, em poucas palavras e em voz baixa quem era Pepe, e o motivo por que Coquelicot julgara prudente levá-lo de Paris. Julgou, porém, ao mesmo tempo, conveniente silenciar sôbre a sua visita noturna à Praça Real e o seu amor pela cônia, limitando-se a enumerar sucintamente os outros acontecimentos da noite.

— De sorte que, disse-lhe o visconde, minha tia deve-vos a vida?

— Ora! disse o pajem num tom cortês, eu é que lhe sou devedor de muito mais.

E, mudando de assunto:

— Agora, posso vos dizer aonde vamos.

— Podeis? Então, aonde vamos?

— Primeiro a Angers.

— E depois?

— Talvez a Nantes. Isso dependerá dos acontecimentos.

— Muito bem. Dir-me-eis também que acontecimentos são êsses?

— Ainda não. El-rei não o quer.

A resposta não tinha réplica.

— Mas, acrescentou o pajem, não temos necessidade de nos apressarmos. Faremos jornadas pequenas, tomando pelo caminho os nossos refrescos, porque faz calor, e, se quiserdes tomar o meu conselho, andaremos de manhã e de noite, e dormiremos de dia.

Era tão ajuizada a idéia do pajem que o visconde não achou que lhe retrucar, e fêz-se o que êle dissera. Os quatro cavaleiros, vestidos com muita simplicidade, caminharam a passo, fizeram alto ao meio-dia, almoçaram numa estalagem, tornaram a montar a cavalo ao pôr do sol, e andaram até à meia-noite. No dia imediato e nos seguintes, fizeram outro tanto.

Chegando a Angers ao fim de seis dias, o pajem fêz uma visita ao governador da provincia, que era muito dedicado ao rei, e se chamava de La Vauguyon.

— Senhor governador, disse êle entregando-lhe a carta de Colbert, conheceis êste sêlo e esta letra.

O governador inclinou-se.

— Pode ser, continuou o pajem, que eu precise dos vossos serviços dentro de poucos dias.

— Estou às vossas ordens.

— Nesse caso, mandai-vos-ei o meu escudeiro, que se chama Coquelicot, e dar-me-eis uns vinte soldadinhos, que marcharão sob o seu comando.

— Muito bem.

— Pode também ser que eu chegue aqui uma noite com um preso para quem vos peidrei uma casa decente, mas bem gradeada.

— Tenho no castelo d'Angers, respondeu o governador, uma torre que um exercito não seria capaz de tomar.

— Melhor para vos.

— Como? disse o senhor de La Vauguyon, não entendendo.

— Sim, senhor, continuou o pajem, completando o seu pensamento, porque é provavel que se o preso se evadisse, sua majestade vos orerecesse um quarto na Bastilha.

E cumprimentou o governador, despedindo-se. Enquanto o pajem estava em casa do governador de Angers, Coquelicot, segundo as ordens que recebera de seu amo, fazia nestes termos o seu sermão a Pepe:

— Meu bom amigo, nós esperávamos primeiro parar em Angers, porém meu amo teve a idéia de ver terras, enquanto el-rei não chega, e vamos fazer uma viagem de recreio. O cavalheiro é um tanto espadachim, e, mais dia menos dia, é possível que tenhamos de dar ou levar alguns tiros e cutiladas.

— Isso me convém, respondeu o "retre" lacônicamente.

— Ora, prosseguiu Coquelicot, nesse caso serás convenientemente retribuído; e só de ti dependerá ganhar honradamente vinte moedas.

— Hei de ganhar, senhor Coquelicot, respondeu Pepe, fingindo a mais desmedida ambição.

À noite, voltaram a pôr-se a caminho, e fizeram seis léguas sem parar. Coquelicot, com a sua perspicácia de raposa velha, acabara por adivinhar que se tratava de uma prisão, nem mais nem menos; mas não sabia de quem.

O senhor de Chastenay parava de preferência para almoçar ou dormir nas estalagens que ficavam na estrada. Raras vêzes, entrou nas cidades ou nas aldeias. À medida que iam se aproximando da fronteira bretã, os nossos viandantes viam, de três em três léguas, casinhas de recente construção. Eram mudas da posta que o superintendente, que ia muitas vêzes à Bretanha, tinha mandado fazer para o seu serviço particular. A estas mudas, estava inevitavelmente anexa uma estalagem.

O pajem assim que chegava a uma delas, tratava logo de beber um copo de vinho, e de informar-se com a simplicidade de um provinciano, da comitiva com que viajava o senhor Fouquet. O estalajadeiro, muito ufano com a honra que lhe faziam, interrogando-o, prestava os esclarecimentos mais minuciosos, de sorte que o nosso herói soube logo que o senhor Fouquet costumava andar com uma comitiva real, no que era imitado por seu irmão, o abade. Um dia antes, um batedor preparava as mudas. Um segundo batedor apenas o precedia quatro horas. Enfim, o coche do superintendente, puxado por seis cavalos, chegava com a rapidez de uma flecha, mudava em três minutos e continuava seu caminho, deixando atrás de si um turbilhão de pó.

O senhor abade Fouquet viajava da mesma maneira, só com a diferença de trazer quatro cavalos no coche em vez de seis. Êstes últimos esclarecimentos foram colhidos a três léguas da fronteira bretã numa aldeia chamada Ingrande. O pajem agradou-se tanto do lugar que perguntou ao estalajadeiro se lhe poderia dar quartos para êle e para os seus companheiros.

O estalajadeiro, muito contente, pôs à disposição dos viajantes a estalagem tôda.

— Qual é a cidade bretã mais próxima? tornou o pajem a perguntar.

— Ancenis, informou o estalajadeiro.

— É aí que o senhor Fouquet tem uma casinha para quando vai às suas caçadas, não é?

— É, sim, senhor.

— Que pena! fêz o pajem num tom de sinceridade, que pena eu não conhecer o senhor Fouquet, nem o seu mordomo!

E continuou dirigindo-se ao estalajadeiro:

— Disseram-me maravilhas do palácio do senhor Fouquet; tinha vontade de vê-lo.

— Não há nada mais fácil, disse o estalajadeiro.

— Verdade?

— O mordomo do palácio vem aqui frequentemente; terá muita honra em receber a visita de Vossas Senhorias. Mas exageraram. Não é palácio e sim uma simples casa que o superintendente tem, para quando vai à caça; não mora nela. Contudo, demora-se nela algum tempo quando vai a Belle-Isle.

— É? fêz o pajem negligentemente.

— E embora êle pouco goste de caça, continuou o estalajadeiro, tem lá grande número de picadores e de tratadores de cães.

— É? fêz outra vez o pajem.

E cumprimentando o estalajadeiro com afabilidade, foi tomar posse dos quartos que lhe tinham preparado. A estalagem era espaçosa; nesta ocasião, eram os nossos viajantes os únicos hóspedes que nela se achavam, de sorte que estavam muito à vontade.

O visconde e o pajem ocuparam, no primeiro andar, dois quartos contíguos; Pepe e Coquelicot tiveram um quarto com duas camas, no segundo andar. Coquelicot, que desconfiava um pouco do italiano, não estava descontente de o ter debaixo da mão.

Até aí o pajem tinha julgado inútil comunicar o seu plano ao visconde e a Coquelicot; porém, pensou, neste dia, que era chegado o momento, e depois de um farto almôço



em que Pepe bebeu mais do que devia, ordenou a êste último que fôsse tratar dos cavalos, e propôs aos seus dois companheiros que fôessem dormir um pouco a sêsta à sombra de uns carvalhos que havia a cem passos da estalagem.

O pajem judiciosamente pensava que as paredes quase sempre têm ouvidos. O visconde e Coquelicot seguiram-no, encostaram-se como êle a uma árvore e êle disse então ao primeiro:

— Achais bonita esta terra, e saudável o ar que se respira aqui?

— Acho, disse o senhor de Mailly.

— A estalagem é boa, o vinho bom, o dono da casa delicado e atencioso. Seria bom passarmos alguns dias aqui, que vos parece?

— O chefe da nossa expedição, respondeu o senhor de Mailly, sois vós, meu caro senhor de Chastenay, só nos cumpre obedecer. Contudo, começo a adivinhar. . .

— Sim! então o que adiviniais?

— Que se trata de uma prisão.

— Há muito tempo que eu o ativinhei, disse Coquelicot, piscando um ôlho.

— Também eu, redargui o visconde; mas o que ainda ignoro é quem será o prêso.

— Pois eu desconfio.

— Deveras, senhor Coquelicot? disse o pajem franzindo a testa; el-rei não gosta de ser adivinhado.

O visconde olhou para o pajem com um ar de ternura; sentia-se renascer neste moço destemido e ousado, que de nada duvidava, e falava com a firmeza de um velho capitão. E disse:

— Ajudar-vos-ei, de Chastenay, ainda que se trate de prender o senhor Fouquet. Gosto do superintendente, mas vós recebestes ordens d'el-rei, e eu sou gentil-homem.

O pajem cravou os olhos nêle. Viu-se adivinhado, mas compreendeu ao mesmo tempo que de Mailly era a honra personalizada, e que nada tinha a temer de tal confidente. Coquelicot que era todo ouvidos, não se conteve:

— Prender o superintendente, às portas d'Ancenis, quase nas suas terras! Sabeis, senhor cavalheiro, que o superintendente não viaja senão com um exército?

— E vós, senhor Coquelicot, disse o pajem, lêstes a história grega?

— Não costumo ler, disse Coquelicot, que não julgou a propósito explicar porque.

— Pois bem, meu caro, respondeu o cavalheiro, os persas eram dez mil, e Leônidas venceu-os nas Termópilas com trezentos homens.

— A resposta é tão louca como heróica.

— Bem sabeis que o verdadeiro sábio é um louco; só êle teve bom êxito.

E depois de soltar êste velho paradoxo, o senhor de Chastenay dirigiu-se a Coquelicot, dizendo-lhe:

— Meu caro amigo, parece que o senhor superintendente tem picadores demais no seu castelo dos arredores d'Ancenis. Estou louco para visitar o castelo, mas não conheço o mordomo; seria bom que, assim que amanhecesse, montásseis a cavalo e fôsseis lhê pedir a necessária licença.

— Estou compreendendo, disse Coquelicot. Irei e verei.

— Ao mesmo tempo, continuou o pajem, vou mandar Pepe a Angers; e estará aqui de volta esta noite, ainda que para isso tenha de rebentar um cavalo.

— Que vai êle fazer a Angers? perguntou o visconde.

— Vai levar um bilhete meu ao senhor de La Vauguyon.

E o pajem tirou da algibeira uma carteirinha, de onde rasgou uma fôlha, na qual escreveu a lápis as linhas seguintes:

“Meu querido primo — Deveis lembrar-vos do vosso priminho de Chastenay, que há dois dias foi vos visitar e que reclama o vosso auxílio; perdeu no jôgo, e não tem com que pagar; espera na estalagem de Ingrande o que vós lhe prometestes.”

E o senhor de Chastenay assinou.

No dia seguinte, ao amanhecer, Coquelicot partiu para o palácio de Ancenis e Pepe para Angers. O pajem disse ao visconde:

— Enquanto eles não voltarem, não temos absolutamente nada que fazer; depois, veremos o que é necessário. Agora toca a comer e a beber à farta.

— Está feito, respondeu o visconde descuidoso.

— Meu caro amigo, acrescentou o pajem, preciso agora pedir-vos perdão.

— Perdão de quê?

— De vos ter associado a uma empresa em que nada tendes absolutamente a ganhar.

— Que tem isso! disse o senhor de Mailly, num tom melancólico, eu andava aborrecido, isso me distrairá.

E tornou a cair no profundo cismar que lhe era habitual e cuja causa o senhor de Chastenay jamais se atrevera a perguntar, bem que desconfiasse que provinha de um grande desgosto amoroso.

Durante este tempo, Coquelicot ia caminhando a trote, em direção à casa de caça do senhor Fouquet.

Esta casa, de que hoje nenhum vestígio resta, ficava no fundo de um pequeno vale cercado de grandes bosques muito abundantes de caça, e distava perto de duas léguas da aldeiazinha d'Ancenis. De recente construção, não tinha nem o sombrio aspecto dos castelos feudais, nem a arquitetura grandiosa dos edifícios da Renascença. Era uma espécie de casa à italiana, cercada de um tabuleiro de grama cingida por um riacho irrequieto, e fronteira à mais deliciosa paisagem que se possa imaginar.

— Este palácio, murmurou Coquelicot batendo à grade do parque, dificilmente aguentaria um assédio, bastaria eu para tomá-lo.

Veio abrir-lhe a porta um criado bem trajado, mas não fardado, que lhe fez uma profunda cortesia, mas que depois teve um gesto de espanto e soltou um grito:

— Como, sois vós, Coquelicot?

— Então! respondeu o escudeiro muito satisfeito, sois Barnabé, o meu velho companheiro de armas?

— Éle mesmo, meu sargento.

— Mas, por que diabo estais aqui? Destes baixa?

— Há um ano, meu sargento, e vim para a casa do senhor superintendente na qualidade de picador. E vós, senhor Coquelicot, por que é que vos achais aqui?

— Eu, respondeu o veterano com ingenuidade, fiz outro tanto; achava-me quase com os meus cinquenta, a militança ia-me pesando, procurei uma casa para servir, mas não fui tão feliz como vós, porque em lugar de entrar ao serviço de um gran-senhor como o superintendente, sou apenas laçao de um fidalgo blaisês que tem quanto muito umas dez mil libras de renda.

— E' pouco, disse o picador desdenhosamente.

— Ora, prosseguiu Coquelicot, o meu jovem amo viaja, quer ver terras e instruir-se; propõe-se a percorrer a Bretanha, como já percorreu o Anjou, e chegamos ontem a Ingrande. Aí soubemos que o senhor Fouquet possui um palácio nos arredores d'Ançenis, e o cavalheiro de Chastenay, pois assim se chama o meu amo, curioso como todos os rapazes, porque tem dezoito anos apenas, lembrou-se de visitá-lo, por ter ouvido contar maravilhas relativamente às numerosas residências do senhor Fouquet.

O picador sorriu.

— Nada mais fácil, e embora não haja aqui grandes coisas para ver, vosso amo podia ter-vos acompanhado .

— Meu amo é um tanto tímido, e mandou-me adiante para pedir licença ao mordomo.

— O mordomo partiu esta manhã para Belle-Isle, respondeu o picador.

— Está lá o superintendente? perguntou Coquelicot ingênuamente.

— Não está, respondeu Barnabé, pois a guarnição está aqui.

— E virá cedo?

— Não vem, ou se vier, não será antes de um mês bem puxado, porque as casas não estão preparadas.

Esta resposta transtornou as idéias de Coquelicot.

— Pensava que o mordomo ia a Belle-Isle esperar o senhor superintendente!

— Qual, fêz Barnabé que não parecia brilhar pela discrição, não esperamos senão seu irmão.

— Senão seu irmão, pensou Coquelicot; bem pequena façanha é prender o abade Fouquet; prender um abade numa estrada, triste coisa é para um gentil-homem como meu amo! E alto: Como é que sabeis que o senhor abade está para chegar?

— Esta noite veio um estafeta de Paris a tôda brida e trouxe uma carta para o mordomo. Como dormistes em Ingrande, deveis ter visto o estafeta passar.

— E' bem possível, respondeu Coquelicot; mas deitei-me às nove horas, e quando se dorme não se vê nada.

Coquelicot dizia consigo ao mesmo tempo:

— Se êste estafeta tivesse passado por Ingrande, eu teria sabido. Tomou uma estrada desviada, portanto o abade passará escondido. Deve estar prevenido.

Depois, disse em voz alta:

— Mas, então, meu caro Barnabé, o senhor abade Fouquet há de passar por aqui?

— Certamente.

— E parará?

— E' provável, mas não sei ao certo.

Coquelicot que, ao mesmo tempo que fazia as suas reflexões, se apeara e seguira o criado, tomou um tom misterioso e confidencial:

— Meu velho Barnabé, lembrai-vos de certa cutilada que eu aparei no momento em que iam abrir-vos a cabeça de meio a meio?

— Oh! se me lembro! senhor Coquelicot; e sempre vos conservarei por isso um vivíssimo reconhecimento.

— Pois talvez que me pudésseis provar o que dizeis.

— Eu? Falai, falai, senhor Coquelicot.

O veterano riu com um sorriso ingênuo:

— Não me demoro. Meu amo tinha outras vistas na visita que desejava fazer ao palácio.

O picador olhou para Coquelicot com um olhar curioso.

— O cavalheiro, continuou o antigo sargento de Barnabé, prevendo a próxima passagem do senhor superintendente, veio a Ingrande na esperança de lhe falar na estrada. Quer lhe pedir uma graça a que dá a maior importância. Trata-se de obter a sua proteção relativamente a um processo que vai ser julgado em Blois daqui a quinze dias, e cuja perda comprometeria tãda a sua fortuna.

— Senhor Coquelicot, não poderei dizer-vos ao certo a época em que passará o senhor superintendente, mas seu irmão há de se achar com certeza aqui dentro de poucos dias, e seu irmão tem todo o valimento para com êle.

— Mas, como é que há de se ver o senhor abade?

— Muito fácil; vosso amo que fique em Ingrande e espere que o senhor abade chegue; o seu correio há de passar na véspera.

— Excelente! exclamou Coquelicot, a idéia é muito boa e havemos de aproveitá-la.

— Agora, acrescentou o picador, se tendes vontade de ver os canis e as salas do museu de caça, vinde comigo; é tudo quanto há aqui digno de ver.

Coquelicot seguiu o picador, que mostrou complacientemente tãdas as coisas, desde os canis até às salas de armas.

— Com efeito, disse Coquelicot, que com tantas armas, parece mais um acampamento!

— Pertencem elas aos criados do senhor superintendente.

— Então, são muitos.

— Uns trezentos, mais ou menos.

— Nesse caso, o palácio é um quartel.

— Quase.

— Diabo! E que fazeis então aqui todo o ano?

— Caçamos todos os dias.

— Na ausência do senhor superintendente?

— Pois então...

— E que mais?

— Que mais? disse o picador, retorcendo o bigode com ar belicoso, fazemos exercício.

— Olá! para que serve isso?

— Parece, disse Barnabé, piscando os olhos, parece que o senhor tem idéias de...

— De quê?

— De pedir a el-rei que lhe conceda uma guarda de honra.

— Diabo! isso só é dado aos príncipes de sangue.

— Ora, adeus! O senhor superintendente é mais rico que todos os príncipes de sangue; quer ter uma guarda, e há de tê-la. E depois que êle teve esta idéia, não toma para o seu serviço senão antigos militares, na maior parte experimentados e pagando-os bem; é o senhor abade quem os recruta; e o senhor abade, apesar da sua sotaina, entende da coisa.

Coquelicot estava encantado.

— Olhai, sargento, disse Barnabé, confidencialmente, teríeis muito juízo se entrásseis para o serviço do senhor superintendente.

— Veremos, disse o escudeiro ingênuamente, a ocasião faz o ladrão. Se as condições fôsem boas, pode ser que...

— Boa paga, bom fardamento...

— Ah! tendes fardamento?

— Ainda não, mas não tarda. Parece que os vestiremos no dia em que o senhor abade passar por aqui para ir a Belle-Isle, e que o acompanharemos a cavalo.

— Olá! pensou Coquelicot começando a fazer mais caso da empresa de seu amo, uma escolta de trezentos homens a cavalo é uma excelente idéia, e se o irmão do superintendente chegar até aqui sem obstáculo, o meu caro amo poderá renunciar ao seu planozinho de prisão.

Depois, Coquelicot redarguiu:

— Então, de Belle-Isle voltais para aqui, não é assim?

— Penso que não, ficamos lá.

— Para que?

— De guarnição.

— De guarnição? então é uma praça forte, e não um lugar de recreio?

— E' uma coisa e outra; o senhor superintendente quer que ela seja erigida em principado independente, e, como para êsse lugar não faziam nenhum mal peças e mosquetes, há lá uma e outra coisa em quantidade.

— Ah! murmurou Coquelicot à parte, começo a reconhecer que el-rei teve uma boa inspiração, querendo mandar prender o senhor abade Fouquet; um abade como êste não vale menos que um general.

Conversando, percorriam o palácio e suas dependências; por tôda parte, encontravam criados vestidos de picadores, mas todos veteranos, de compridos bigodes, e sob a sua libré inofensiva tinham um porte militar.

Coquelicot julgou inútil fazer mais perguntas.

— Meu bom amigo, disse êle, depois de ter aceitado um copo de vinho e um pedaço de pão, meu amo é um fidalgo que procura em que se empregar; se o senhor superintendente lhe oferecesse umas dragonas na sua guarda, aceitá-las-ia com a melhor vontade, segundo penso.

— Pois sim, veremos. Adeus, até à vista.

E Barnabé seguiu respeitosamente o estribo para o seu antigo sargento, que lhe apertou a mão e picou as esporas, tal era a pressa que tinha de se afastar dos trezentos guardas do senhor Fouquet. Coquelicot voou como uma flecha pela estrada da suposta casa de caça até Ingrande, e fêz em duas horas as sete ou oito léguas que dela a separavam.

Chegou à noitinha, e encontrou o senhor de Chastenay conversando à porta da estalagem com o visconde; todos três se afastaram alguns passos, e foram para o bosque.

— Então? perguntou o senhor de Chastenay.

— Safa! murmurou Coquelicot, metemo-nos em boa! Se nos sairmos bem, era uma vez.

E contou o que vira e ouvira. O pajem escutou-o sem o interromper, e depois disse:

— A menos que o governador da Bretanha não tenha um exército disposto para o nosso golpe, é evidente que se o



senhor abade Fouquet chegar a Ancenis sem impedimento, irá tranquilamente para Belle-Isle, onde se fechará com a sua guarnição. Depois, aí parlamentará com o morrão aceso, e o superintendente não terá nada que temer em Paris no caso de adversidade.

— Também assim o penso, disse o visconde.

— E' pois absolutamente necessário, falou Flor de Maio, que seja prêso aqui, e que nos apoderemos dos seus papéis, e que êles possam comprometer bastante o superintendente para que lhe instaurem um processo; os soldados d'Anjou estarão aqui amanhã .

— E se o abade passar esta noite?

— Qual! disse Coquelicot, se um correio costuma precedê-lo vinte e quatro horas!

Flor de Maio pareceu refletir.

— De duas coisas uma, murmurou êle, finalmente; ou o abade Fouquet saiu de Paris sem o menor receio, ou viaja com seus trinta criados armados e montados, dos quais alguns homens destemidos fâcilmente davam conta, ou então partiu como fugitivo, e neste caso passará incógnito, e se apressará a ir para Ancenis, onde sabe que estará ao abrigo de qualquer perseguição.

— E' exato, observou o senhor de Mailly.

— E neste último caso, acrescentou Coquelicot, quem vos disse que êle passará por Ingrande? Acaso passou por lá o estafeta da noite anterior?

Mas, pronunciando estas palavras, Coquelicot bateu na testa como um homem, cujo cérebro é atravessado por uma inspiração maravilhosa.

— O senhor visconde e o senhor cavalheiro são muito novos para se lembrarem da Fronda; mas, se se lembrassem, contar-lhes-ia como o senhor de Mazarin saiu de Paris, onde tinha muitos receios pela sua segurança pessoal.

— Ouvi-o dizer, disse o visconde, mas não me recordo.

— Pois eu digo, continuou gravemente Coquelicot; o senhor de Mazarin fêz anunciar a sua partida muitos dias antes. Uma noite, houve grande azáfama no Palais-Royal;

os coches de Sua Eminência foram tirados da cocheira, cusebaram-lhes as rodas, os postilhões experimentaram os chicotes, e Paris inteiro soube que o cardeal partiria ao romper da manhã. A meia-noite, o correio pôs-se a caminho para mandar preparar as mudas e anunciar a próxima passagem de Sua Eminência. Ora, êste correio era o próprio cardeal em pessoa. Quanto ao coche, que foi agarrado nas barreiras, não tinha dentro senão um capitão das guardas, o qual cortejou os frondistas, e lhes anunciou que o senhor de Mazarin tinha sôbre as suas carruagens seis horas e vinte léguas de dianteira.

O visconde e Flor de Maio olharam-se.

— Que se deve concluir daí? perguntou êste último.

— Uma coisa muito simples, respondeu Coquelicot. Não se manda prender um superintendente das finanças sem motivos muito sérios. Os motivos até agora não têm aparecido, e o senhor Fouquet ficará muito sossegado em Paris. Mas pode-se mandar prender seu irmão sob um pretexto qualquer alegando que foi um engano. Ora, se o abade fôr portador de papéis e ordens que comprometam, é bem certo que terá tomado precauções, e terá pressa de chegar à fronteira bretã; quem nos diz que êle não imitasse o senhor de Mazarin?

— Sendo assim, disse Flor de Maio, o senhor abade Fouquet poderia dentro em pouco estar dentro do castelo d'Angers.

— E quem vos disse, observou Coquelicot que veremos passar o correio? Vimos o estafeta que chegou a Ancenis a noite passada?

— Diabo! murmurou o visconde, isso complica singularmente a situação. O estafeta evitou Ingrande, portanto há outra estrada mais direta, que, sem dúvida, evita Angers e a deixa à esquerda.

— Não há, respondeu Coquelicot; mas eu fiz a campanha na Bretanha, e, se não me falha a memória, há, daqui a duas léguas e do lado d'Angers, um caminho que atravessa a estrada real e deve ganhar uma hora sôbre esta última para chegar a Ancenis.

— Há, nesse lugar, alguma casa, estalagem, um lugar qualquer que possa servir de esconderijo?

— Não há senão um grande carvalho ôco, e cuja cavidade poderia obrigar duas pessoas.

Flor de Maio bateu palmas de contente.

— Nesse caso, o senhor Fouquet é nosso.

— Como? perguntou o cético Coquelicot.

— Meu bom amigo, continuou o pajem, não se dorme tão bem num buraco de uma árvore como na cama. No entanto, será preciso que vos contenteis com êste aposento até nova ordem.

— Entendo, senhor cavalheiro.

— Ah! entendeis?...

— Sem dúvida. Lá me irei esconder de noite, passando o dia num bosque vizinho. Se passar algum cavaleiro, pô-lo-ei a pé, depois de matar o seu cavalo.

— Isso é que é falar bem.

— E vós, continuou Coquelicot, tomando de repente a importância de um general organizando uma emboscada, ficareis aqui com o senhor visconde à espera dos soldados do governador de Anjou.

— E se o correio não fôr o abade Fouquet?

— Eu conheço-o muito bem. Só o vi duas vêzes na minha vida, mas não foi preciso mais. Se o correio não fôr o abade em pessoa, pedir-lhe-ei a bolsa ou a vida, e deixá-lo-ei ir a pé para a primeira posta, que é esta em que estamos.

Coquelicot tinha resposta para tudo. Flor de Maio e o visconde inclinaram-se, e ajustou-se pôr em prática tudo quanto êle aconselhara. Ao anoitecer, Coquelicot marchou para o seu novo domicílio. Saiu furtivamente da estalagem de Ingrande, e dirigiu-se para o campo a pé e de mosquete ao ombro, como um homem que vai caçar lebres.

Mas o veterano tinha servido muito tempo na infantaria para deixar de ter pernas de ferro; corria como um veado, e fêz as três léguas que o separavam do carvalho ôco em menos de hora e meia. Era profunda a noite, quando chegou ao lugar convencionalado,

Fazia uma dessas noites escuras e calmas, em que o menor ruído longínquo chega perceptível ao ouvido menos apurado. O silêncio era sômente perturbado pelo cantar dos grilos, e o campo estava deserto.

O lugar em que Coquelicot acabava de parar tinha um aspecto selvagem. Grandes bosques estendiam-se de ambos os lados, e descreviam uma espécie de travessa em volta do carvalho gigantesco e secular que o veterano ia fazer de esconderijo e observatório. Julgando pela posição dos astros, no que Coquelicot era entendedor, eram onze horas da noite.

O escudeiro entrou na cavidade da árvore, onde pôs uma pedra à maneira de banco, e tomou a posição menos incômoda. Engatilhou a espingarda e as pistolas, e esperou, com os olhos cravados ora na estrada que conduzia a Angers, ora no lugar em que se bifurcava, semelhando um caçador que espera de noite que apareça a caça. Durante uma hora, o mais profundo silêncio reinou em volta dêle.

— Não virá hoje, disse consigo, e eu estou com muita vontade de dormir um pouco. Além disso, eu acordo ao menor ruído, porque tenho o sono leve, e com o dedo no gatilho espero o meu homem.

Coquelicot jamais deixava de levar à prática as resoluções que tomava. Deixou, pois, imediatamente, pender a cabeça para o peito e fechou os olhos empregando para adormecer um meio que aprendera com um oficial espanhol, e que êste lhe dera como infalível. Êste meio, muito simples, consistia em contar mentalmente e com os olhos fechados de um até quinhentos. Se chegava a êste número, é que havia insônia. Ora, para ter insônia, é preciso, ou meditar um crime, ou sonhar com uma herança ou estar apaixonado. Coquelicot não tinha nenhuma destas condições, e pôs-se a contar. No número cinquenta começou a bocejar, balbuciou os noventa e nove, e já não tinha força para pronunciar cento e vinte, quando um ruído longínquo o fêz estremecer.

Coquelicot parou de contar. Reabriu os olhos, cravando-os com atenção na estrada que estendia nas trevas sua fita branca. A vista do soldado era aguda; no entanto, não

descobriu nada. Nenhum ponto móvel aparecia no horizonte, e contudo ouvia-se como o galopar de um cavalo.

Coquelicot continuou a olhar, e depois soltou uma exclamação de alegria. Acabava de surgir um ponto negro no extremo oriental da fita branca, e este ponto negro avançava à medida que se tornava mais distinto o estrépido que Coquelicot tinha ouvido.

— Prometo, murmurou êle, uma vela a Santo Huberto, advogado dos caçadores, se fôr esta a caça que espero.

E Coquelicot engatilhou as duas pistolas como tinha engatilhado o mosquete, e ficou com elas ao alcance da mão, pondo-se ao mesmo tempo de joelhos, e escondendo prudentemente o cano do mosquete na cavidade da árvore. O ponto negro avançava e crescia sucessivamente. Sucessivamente também, o estrépido se tornava mais nítido, e os olhos penetrantes de Coquelicot reconheceram enfim um cavaleiro correndo a tôda brida. Coquelicot estava imóvel, nem respirava.

O cavaleiro continuava a galopar, e vinha direito à árvore, que estava, como se sabe, no ponto de junção dos caminhos.

— Alto! bradou súbito Coquelicot.

O cavaleiro estacou o cavalo, que se pôs quase em pé, e com um gesto rápido, levou as mãos aos coldres, dos quais tirou uma pistola, ao mesmo tempo que seus olhos procuravam nas trevas a pessoa que lhe ordenara fizesse alto.

Mas, também ao mesmo tempo, o cano do mosquete abaixou-se, um clarão iluminou a noite, uma detonação seguiu o clarão, e o cavalo, ferido na cabeça, caiu com o cavaleiro. O cavaleiro estava desmontado; mas desembaraçou-se com rapidez, pôs-se em pé, e, como o clarão do tiro lhe indicara que o seu agressor estava escondido na cavidade do carvalho, fêz pontaria, e descarregou sucessivamente as suas duas pistolas.

— Com mil raios! exclamou Coquelicot, saindo para fóra da árvore, escapei por um triz.

E, jogando fora o mosquete, correu com a pistola apontada para o cavaleiro, agora indefeso, porque não tinha tempo de tornar a carregar.

— Não sois feliz, meu gentil-homem, pois me chamuscastes só o cabelo em vez de me esmigalhar a cabeça.

O cavaleiro cruzou os braços:

— Não sou gentil-homem.

— Então, quem sois?

— Um pobre correio.

— A quem pertenceis?

— Ao senhor superintendente.

A noite estava muito escura para que Coquelicot pudesse ver o rosto do homem; mas lhe disse ousadamente:

— Sereis por acaso o senhor Fouquet?

E a mão de Coquelicot estendia-se para uma bolsa de caça que o cavaleiro trazia a tiracolo. O cavaleiro estremeceu, e com um gesto rápido, salvou a bolsa das mãos de Coquelicot.

— Estais brincando comigo, disse êle com a voz alterada. Mas o que quereis de mim? Quereis ouro?

E meteu a mão na algibeira para tirar uma bolsa. Coquelicot suspendeu-o com um gesto e pegou-lhe na mão.

— Oh! para um pobre correio tendes a mão bem delicada. Eu preferiria esta bolsa e o que ela contém.

A mão do desconhecido tremeu na de Coquelicot.

— Esta bolsa não contém senão papéis sem importância.

— Vejamos primeiro o vosso rosto, prosseguiu Coquelicot; depois veremos a bolsa.

E levantando o cano de uma das suas pistolas, atirou para o alto. O clarão que precedeu à detonação, iluminou por um segundo o rosto do correio, e Coquelicot soltou um grito:

— Olá, senhor abade, tendes uma dessas fisionomias que a gente nunca esquece! Já vos vi duas vêzes; portanto não admira que na terceira vos reconheça.

— Desenganai-vos, eu não sou abade! retrucou o cavaleiro com firmeza.

— Ide dizer isso a outro, senhor abade, que a mim é tempo perdido.

— Pois bem, se fôsse, ousaríeis me prender, eu que sou irmão do senhor superintendente?

— Certamente que o sois, e ousarei vos prender.

— Que quereis de mim?

— Ora! que se quer do homem mais rico de França?

O abade Fouquet, porque era êle, respirou:

— Estou às voltas com um ladrão, pensou êle, o perigo não é grande. E redarguiu em voz alta: Já vos disse que esta bôlsa não contém ouro; mas fixai a quantia que desejardes que vos será religiosamente paga.

— Como?

— Dez mil libras?

— E' pouco, senhor abade.

— Vinte, trinta mil?

— Nada! eu prefiro essa bôlsa.

— Nunca! exclamou o abade, antes a morte.

— Eu não quero matar-vos.

— Nesse caso, deixai-me seguir meu caminho.

— Isso dependerá daquele que tomardes; porque aqui há dois: um conduz diretamente a Ancenis, outro passa por Ingrande. Qual dêles tomais?

O abade hesitou:

— Tomarei por Ingrande, porque aí acharei outro cavalo.

— Então, acompanho-vos; mas dai-me a bôlsa, por que senão meto-vos uma bala na cabeça.

O abade compreendeu que Coquelicot seria inexorável, e passou-lhe a bôlsa. Coquelicot apanhou o mosquete, pendurou-o no ombro, e mantendo sempre a pistola na altura da frente do abade Fouquet:

— Vamos, porque a noite se adianta.

Pelo tom de autoridade com que Coquelicot falava, o abade compreendeu que êle era homem muito capaz de lhe dar um tiro na cabeça, se procurasse fugir, e resignou-se a caminhar ao lado dêle. Coquelicot alongou o passo, e afastaram-se do velho carvalho, junto do qual jazia o cavalo morto, tendo o veterano tido a precaução de examinar os coldres. Por espaço duma hora, caminharam sem trocar uma só palavra, o prêso cismando no motivo que teria

aquêlê homem para o prender, Coquelicot pensando na dragona que Flor de Maio ia obter.

— Senhor, disse enfim o abade, ignoro quem sois e o que me quereis, mas permiti-me que vos diga que jogais comigo um jôgo arriscado.

— E' o único meio de ganhar, respondeu Coquelicot.

— Se sois um ladrão, vou satisfazer-vos: fixai vós mesmo o meu resgate, e por maior que êle seja, meu irmão o pagará, dou-vos a minha palavra de honra. Não sereis perseguido, também vô-lo afianço.

— Senhor, replicou Coquelicot, não sou ladrão, e tôda a minha vida fui soldado.

— Então, para que me prendestes?

— Oh! meu Deus! disse singelamente o escudeiro, para agradar a meu amo, e nada mais.

— Quem é vosso amo?

— É um jovem gentil-homem blaisês, chamado senhor de Chastenay.

— Não o conheço.

— Também êle nunca teve a honra de ver Vossa Senhoria.

— Então, por que êle me manda prender?

— E' segrêdo dêle.

— Mistério! suspirou o abade.

— Vossa Senhoria se entenderá com êle.

— Mas onde está êle?

— Espera-nos em Ingrande, na estalagem da posta.

Coquelicot tornou a cair na sua mudez. Um suor frio escorria pelas frentes do abade, que sabia o perigo da sua missão; saíra de Paris furtivamente como noutro tempo o senhor de Mazarin, e começava a pensar que era prêso por ordem d'el-rei.

Todavia, o lugar solitário em que a prisão tivera lugar, e a pouca pompa, que a cercava, ainda o tranquilizavam; era impossível que o rei de França pusesse em emboscada um homem, só, tendo seis companhias de mosqueteiros ao seu serviço.



— Senhor abade, disse-lhe Coquelicot, estendendo a mão e mostrando-lhe a cem passos uma casa branca, ali está a estalagem. O estalajadeiro é um tanto tagarela. Terei o desgosto de dar um tiro em Vossa Senhoria se acaso lhe pedir auxílio.

— Está bem, respondeu o abade, serei mudo.

— Vossa Senhoria tem muito juízo.

E Coquelicot fêz passar o seu prêso por detrás da casa, e assobiou de um modo particular.

## CAPÍTULO IX

### A RESPOSTA DO SENHOR DE LA VAUGUYON, GOVERNADOR DE ANJOU

Ao assobio de Coquelicot, Flor de Maio e o visconde, que estavam dormindo vestidos, saltaram prontamente da cama; o último abriu a janela e olhou.

— Olá! disse êle a Flor de Maio, alerta! cavalheiro, alerta! Temos novidades, Coquelicot não vem só!

E pegando com uma das mãos num candeeiro que os dois gentis-homens tinham deixado aceso, o visconde afivelou a espada com a outra, e dirigiu-se para a porta que Flor de Maio deixara entreaberta.

A estalagem tinha duas portas, uma de dois batentes, ornada com o tradicional ramo de azevinho, que abria diretamente para a cozinha, o cômodo mais importante da estalagem. O cozinheiro e os moços que dormiam junto das fornalhas teriam inevitavelmente acordado se Coquelicot batesse nesta porta. Coquelicot, porém, detestava o barulho.

A segunda entrada da estalagem era uma portinhola que dava para as cocheiras e cavalariças. Não tinha senão um guarda, que era o próprio estalajadeiro; porém, êste que de ordinário dormia no primeiro andar, cedera o seu quarto

aos dois gentis-homens, e fôra para o segundo, deixando a casa sob a guarda de suas boas espadas. Foi por aí que Coquelicot introduziu o seu prêso.

O visconde estava no alto da escada, com uma das mãos nos copos da espada, e a outra segurando o candeeiro para alumiar. Flor de Maio descera alguns degraus.

— Senhor cavalheiro, disse Coquelicot, em voz baixa, apresento-vos o senhor abade Fouquet, irmão do superintendente.

Flor de Maio fêz uma cortesia. O abade olhou para Flor de Maio, e ficou admirado da mocidade do gentil-homem, a cuja ordem estava prêso.

— Sêde benvindo, senhor, disse Flor de Maio, e tende a bondade de aceitar a nossa hospitalidade. É a de uma estalagem péssima, mas bem sabeis o provérbio: ninguém pode dar...

— Mais do que tem, completou o abade com um sorriso altivo.

E, seguindo Flor de Maio, entrou no quarto ocupado pelos dois gentis-homens, os quais fecharam prudentemente a porta. Foi aí que o abade olhou para o visconde e não conteve a surpresa:

— Vós aqui, Mailly! Neste caso, explicar-me-eis o que não posso compreender, a violência inaudita de que acabo de ser vítima. É evidente que há engano.

Flor de Maio voltou-se para Coquelicot:

— Êste senhor é o senhor abade Fouquet?

— Em carne e osso.

— Então, não há engano, replicou friamente o pajem, enquanto o visconde guardava silêncio.

— Mas, enfim, senhores, insistiu o abade, não sei com que direito, nem em nome de quem vos atreveis a mandar prender no meio de um bosque como o fazem os salteadores um homem da minha qualidade e da minha importância.

— Senhor, respondeu Flor de Maio, não posso de modo algum dar-vos os esclarecimentos que pedis. Não posso senão declarar formalmente que estais prêso à ordem do senhor visconde de Mailly, que aqui está presente, e à minha,

— Repito-vos, senhor, continuou o abade, deve haver engano.

O visconde meneou negativamente a cabeça:

— Estais enganado, era a vós mesmo que esperávamos.

O abade estava muito pálido, e debalde procurava a chave dêste terrível enigma, olhando alternativamente para Flor de Maio, para o senhor de Mailly e para Coquelicot. Todos três estavam impassíveis e mudos.

Então, o abade entregou-se ao seu natural violento e fogoso:

— Ah! prendeis-me! e sabeis quem eu sou? Pois desgraçados de vós, porque mandarei enforcar-vos!

— Senhor, respondeu Flor de Maio, tomai cuidado, que talvez o sejais primeiro que nós.

O abade estremeceu.

— Isso dependerá, acrescentou friamente o visconde, da importância dos papéis que contém esta bolsa.

O abade quis continuar com o seu furor; mas Flor de Maio suspendeu-o com um gesto:

— Senhor abade, sois meu prisioneiro, não me façais tornar a repetir esta palavra feia. O vosso cárcere será provisoriamente êste quarto. Sereis tratado com as maiores atenções, dou a minha palavra de honra; somos gentis-homens e sabemos o que é devido ao infortúnio e a um homem tal como vós! Mas devo prevenir-vos de que não sairei dêste quarto; de que se aqui entrar o estalajadeiro ou algum dos criados, não podereis dirigir-lhe nem uma palavra, e que à primeira tentativa que fizerdes para vos socorrerdes dêles, serei obrigado a dar-vos um tiro.

— Então, não sabeis, exclamou o abade fora de si, que a poucas léguas daqui há um exército pronto a morrer em minha defesa, uma província inteira que se levantaria como um só homem ao nome de meu irmão? Tomai cuidado!

— Senhor, replicou friamente o pajem, sabemos tudo isso.

— Eu mesmo tive a honra de visitar o castelito d'Ance-nis, disse zombeteando Coquelicot, que há um quarto de

hora se torcia para dar o seu parecer. O irmão do senhor abade tem um verdadeiro exército de picadores, a quem assentaria muito bem a farda de guardas de corpo.

O abade mordeu os lábios; estava adivinhado.

— Ah! disse êle, sabeis isso e atreveis-vos...

— Senhor, disse Flor de Maio, quando se tem a honra de servir el-rei, é evidente em primeiro lugar que se é valente, e depois que se é inteligente. Ora, imagino que não supondes que se os vossos futuros guardas de corpo viessem sitiar esta casa lhes abríamos as portas sem dar um tiro. E se a tomada da casa fôsse certa, saberíamos matar-vos antes de sermos mortos.

O abade não respondeu. A partir dêste momento, pareceu resignado. Sem dizer palavra, obedeceu às ordens dos seus guardas, e deitou-se vestido sôbre a cama de Flor de Maio, onde o cansaço físico, vencendo a tortura moral, o fêz adormecer, mas com um sono febril e cheio de visões mais negras.

Ao amanhecer, acordou, e olhou tranquilamente em tórno de si. Viu o senhor de Mailly sentado junto da janela, sôbre cujo friso interior tinha pôsto um par de pistolas engatilhadas. O senhor de Mailly cumprimentou o irmão do superintendente e perguntou-lhe se tinha dormido bem, acrescentando com um sorriso cortês:

— Tinheis bem precisão de descanso; mas o descanso é insuficiente se uma restauração mais sólida não o acompanha. A que horas desejais almoçar?

— À vossa hora, respondeu o abade com igual polidez.

— Então, às dez. O senhor de Chastenay e eu seguimos a moda inglêsa.

Flor de Maio dormia sôbre a cama do visconde. Acordou às nove horas, cumprimentou também o abade, tomou o lugar do senhor de Mailly junto da janela, e pôs as pistolas ao seu lado. Quanto a Coquelicot, durante o sono do abade e a vigília do visconde, tivera um trabalho.

Subindo para o seu quarto, ouvira mexer e tossir no quarto do estalajadeiro, e, para cortar pela raiz qualquer futuro comentário, entrara, tendo a precaução de fechar a

porta à chave. O estalajadeiro era um velho gordo e bochechudo, que tinha grande respeito aos homens de espada, pela razão muito simples de ter sido bedel da catedral de Tours e de cair desmaiado quando via uma arma de fogo ou a fôlha nua de uma espada. Recebeu, pois, a visita de Coquelicot com uma timidez respeitosa, e perguntou-lhe, humilde, o fim da sua visita.

— Ouvistes algum barulho, mestre João? perguntou o escudeiro.

— Sim, penso que sim. Fostes vós, quando voltastes, creio.

— Eu e um novo hóspede, mestre João.

Despertou-se o instinto cúpido no antigo bedel:

— Será algum gentil-homem?

— Quase.

— Rico?

— Sim, e conhecido do meu amo .

— Então, podeis estar descansado, senhor Coquelicot, que trataremos bem dêle.

— Para isso é que me dei ao incômodo de vos acordar, senhor João.

— Devo levantar-me? será preciso preparar-lhe ceia? Esperai, senhor Coquelicot, esperai! daqui a três segundos estou convosco.

— Não vos incomodeis, mestre João. O gentil-homem já ceou.

Coquelicot piscou um ôlho e olhou para o estalajadeiro.

— Sois discreto?

— Ora essa! exclamou o estalajadeiro.

— Todo homem da vossa profissão deve sê-lo, prosseguiu Coquelicot, mormente quando recebe cem luíses. . .

Os olhos de mestre João, deslumbrado, brilharam como carbúnculos.

— E além disso, continuou Coquelicot, tenho a abso-luta certeza de que lhe enfiariam no corpõ cinco polegadas de espada ou a bala de uma pistola, se êle desprezasse os cem luíses. . .

O antigo bedel estremeceu.

— Pois, prosseguiu o sargento, vou confiar-vos um segredo, mestre João. O gentil-homem de quem vos falo não é um gentil-homem.

— Será algum arrematador de impostos? balbuciou o estalajadeiro, tornando a estremecer.

— Não, é uma mulher.

— Uma mulher! repetiu o estalajadeiro num tom que procurou tornar jovial.

— Uma bela dama que achou o cavalheiro Flor de Maio mais novo e mais bonito do que seu velho marido.

— E aqui veio encontrar-se com êle esta noite, não é assim?

— Justamente. Ora, muito bem sabeis, mestre João, que se algum dos vossos criados souber do segredo, sabê-lo-á a estalagem tôda, amanhã tôda a aldeia de Ingrande, e dentro em oito dias tôda a provincia.

— Calar-me-ei, senhor Coquelicot.

— De hoje em diante, não tornareis a entrar no quarto do senhor cavalheiro. Não espreitareis pelo buraco da fechadura, e dispensar-vos-eis de escutar às portas. Por êste preço, a minha durindana não sairá da bainha.

— Hum! gemeu o antigo bedel, a quem a palavra de durindana ocasionou um novo calafrio, e os cem luíses?

— Tê-los-eis quando nos formos embora.

— Está bem, senhor Coquelicot, serei mudo.

— Então, boa noite.

E Coquelicot retirou-se, deixando o estalajadeiro entregue à dupla perspectiva de uma boa cutilada, ou de um lucro de cem luíses. Dez minutos depois, sentado na cama, ouviu ressoar o passo de um cavalo à porta da cavalaria. Era Pepe que vinha d'Angers a galope, e trazia a Flor de Maio uma resposta verbal. A resposta era concebida nos termos que Pepe repetiu textualmente:

“O governador de Anjou faz os seus cumprimentos a seu primo Flor de Maio, e vai mandar-lhe com que pagar as suas dividas de jôgo.”

Coquelicot desceu, ajudou Pepe a meter o cavalo na cavalaria, levou-o depois a vinte passos fora da estalagem,

e quando Pepe lhe transmitiu a resposta do senhor de La Vauguyon, disse-lhe:

— Tu, amigo Pepe, amavas muito teu irmão Aventurino?

— Oh! se amava! disse o italiano, levantando os olhos para o céu.

— E desejas muito vingar-te?

— Mais do que a minha vida!

— Então, é necessário servir fielmente o senhor de Chastenay, e êle te ajudará.

Um amargo sorriso, que por motivo da escuridão da noite, escapou à perspicácia de Coquelicot, crispou os lábios de Pepe.

— E que devo eu fazer para isso? perguntou êle.

— Amanhã eu te direi. Vai deitar-te.

Pepe retirou-se e fêz a seguinte reflexão:

— Esta minha ida a Angers, esta expedição misteriosa, êste capricho do cavalheiro se meter numa estalagem má, enfim a perspectiva que Coquelicot me fêz entrever de um combate em que haveria cutiladas a dar e a receber; tudo isto me faz supor que o assassino de meu irmão está metido em grande emprêsa, e se eu pudesse pescar alguma coisa, traí-lo-ia imediatamente. Hei de vingar Aventurino!

Se Coquelicot surpreendesse o sorriso que, então, passou pelo rosto pálido do italiano, ter-lhe-ia metido uma bala na cabeça.

## CAPÍTULO X

### REAPARECE O CAVALHEIRO DU VERNAIS

Exceto o estalajadeiro, ninguém na estalagem ouviu o menor ruído durante a noite precedente. A estalagem retomou, pois, a sua fisionomia costumada desde pela manhã e

às dez horas serviu-se o almôço ao senhor abade Fouquet. Os dois cômodos ocupados por Flor de Maio e o visconde ficavam contíguos e comunicavam-se, como dissemos. O mais distante, para o qual era necessário passar pelo outro, foi o destinado por Flor de Maio para o prêso.

Coquelicot foi convertido em criado particular; pôs a mesa no segundo cômodo e êle mesmo serviu o almôço, indo receber os pratos das mãos do estalajadeiro no último degrau da escada. Era expressamente proibido ao abade pronunciar uma palavra cada vez que a porta se abria.

Depois do almôço, o visconde sucedeu a Flor de Maio. Ao meio-dia, Coquelicot tomou lugar por seu turno na cadeira junto da janela e das pistolas. Não tinham bastante confiança em Pepe para o deixarem só com o prêso.

Mas tinham-no pôsto a par de parte do segrêdo; e Coquelicot vigiava-o bastante para evitar qualquer desvio de sua parte. Mas o que Pepe quisera também saber e não sabia era o nome do personagem guardado à vista, e êste último nunca pronunciava uma palavra quando êle entrava.

Além disso, o aventureiro tinha o gênio e o espírito tortuoso; sabia meditar a sua vingança com sossêgo, assegurá-la por todos os meios, e nunca a comprometer por um passo impensado. Coquelicot fizera-lhe as convenientes recomendações a respeito do prêso, e êle guardava-as escrupulosamente. Flor de Maio chegava algumas vêzes à janela, e interrogava com o olhar a fita branca da estrada, manobra que o visconde não compreendia, e que lhe pediu a expli-  
cação.

— Estou à espera dos soldados do governador de Anjou.

Apesar da prostração que tinha se apoderado dêle, o abade, que estava deitado sôbre a cama do visconde, voltado contra a parede, não pôde deixar de estremecer, e pôs-se a escutar.

— Não podem tardar, acudiu o visconde.

— Não, certamente; mas basta que se demorem uma hora para transtornar tudo.

— Como assim?

— Flor de Maio inclinou-se ao ouvido do visconde.



— Sabeis a história do senhor de Mazarin?

— Sei.

— Como o senhor abade, corria na frente do seu coche.

— E daí?

— Daí, o coche e os criados não estão longe. Os criados são talvez muitos, hão de parar, talvez que venham a saber que o correio não passou, talvez que reconheçam o cavalo morto e deixado na estrada, e então basta um indício, uma desconfiança, para a estalagem ser cercada e atacada, a fim de soltarem o prêso.

— E' exato, murmurou o senhor de Mailly.

Neste mesmo momento, ouviu-se galopar um cavalo, era o segundo correio, aquêlê que precedia o coche só uma hora ou duas. O correio passou como uma flecha pelo carvalho. Viu o cavalo morto; porém, um camponês tinha tirado os arreios, de sorte que não veio à idéia do estafeta que tal cavalo fôsse o do abade.

— Eh! lál gritou o correio, saltando do cavalo diante de mestre João pasmado, venham os cavalos.

— Cavalos, para quem?

— Para o senhor abade Fouquet, irmão do senhor superintendente.

— Então, êle vem aí?

— Que! disse o correio estupefato, não vistes o primeiro correio? O que passou entre as onze horas e a meia-noite?

— Por aqui não passou nenhum.

— Estais doido?

— Dou-vos a minha palavra, juro-vos que não passou nenhum.

Esta conversação tinha lugar na porta da estalagem. Flor de Maio e o visconde tinham-se debruçado na janela para verem o correio. O abade escutava com ansiedade. Mas teve tempo, durante o pouco espaço que os gentis-homens estiveram à janela, para rasgar de uma carteira que tinha consigo uma fôlha, na qual escreveu estas duas linhas:

“Estou prêso em Ingrande, guardado por três homens, soltai-me. — O abade Fouquet.”

Como faria chegar o bilhete aos seus? Não sabia, mas crevera ao acaso, e contava com uma circunstância imprevisita. Voltara-lhe a esperança de ser sôlto. Além disso, tinha refletido que em Ancenis se saberia muito bem que êle não tinha aparecido, que, desconfiado então da verdade, um pequeno exército se poria em marcha para o salvar; mas para isso seria necessário que os soldados de Anjou não chegassem antes do coche.

Enquanto o abade assim tomava ânimo, e tinha prudentemente escondido sob o travesseiro a fôlha que arrancara da carteira, Pepe escutava, do fundo da cavaleriça onde estava cuidando do seu cavalo, o diálogo do estalajadeiro com o correio.

A sagacidade do italiano não podia enganar-se. O correio por quem perguntavam, era o prêso de Flor de Maio. Mas, quem era êle? A beleza de suas mãos, a finura da sua roupa, diziam eloquentemente que era um homem de distinção. Pepe achara o rastro, e ia segui-lo com paciência, e saber que partido poderia tirar dêle para a sua vingança.

— Então, não o vistes passar? insistiu o correio.

— Quem sabe se êle tomou o atalho que há a três léguas, e foi secretamente para o castelo?

O correio montou um cavalo descansado e partiu, enquanto os criados aprontavam à pressa os cavalos do coche e os destinados às pessoas da comitiva do senhor abade Fouquet. Pepe ouvira as últimas palavras do correio.

— Ah! pensou êle, o homem que desapareceu tinha pressa de chegar. Quem sabe se não era algum amigo ou o próprio irmão do superintendente, prêso por ordem do rei? Oh! neste caso, acrescentou o italiano com um diabólico sorriso, a minha vingança seria soberba! salvaria o senhor abade Fouquet, e, como nunca se perdoa a um oficial a fuga dum prêso de Estado, o senhor de Chastenay poderia muito bem ter terríveis contas a ajustar com o carrasco, na praça de Grêve.

E Pepe saiu da cavaleriça, entoando uma cantiga bá-quica, e subiu para o quarto de Flor de Maio, que não tinha perdido uma só palavra do colóquio entre o estalajadeiro e

o correio. Flor de Maio, o visconde e o escudeiro estavam conferenciando.

— E' evidente, dizia o visconde, que os criados de coche, sabendo que o correio não passou, irão a tôda brida até Ancenis, e se não chegarem os soldados de Anjou, teremos de sustentar uma defesa desesperada.

— O mais claro de tudo isso, disse Flor de Maio, é que o senhor abade Fouquet poderá muito bem estar morto daqui a uma hora, porque é evidente que não o entregaremos vivo.

O prêso estremeceu; correu-lhe pelas frentes um suor frio, mas não se moveu.

— Esperai, disse Coquelicot, que eu arranjo tudo já.

E como Pepe entrasse, fêz-lhe sinal para que ficasse no lugar dêle, saiu e foi ter com o estalajadeiro.

— Uma palavra, disse êle.

— Falai, respondeu mestre João, admirado.

Coquelicot levou-o para um canto:

— Vem aí o coche do senhor abade, não é?

— Vem, sim, senhor, em menos duma hora estará aqui.

— Talvez vos peçam notícias do correio.

— Não o vi.

— Enganais-vos, mestre João.

O estalajadeiro recuou um passo.

— Repito-vos, não passou nenhum correio esta noite.

— Pois eu, disse Coquelicot resolutamente, afirmo-vos que vos enganais; passou um à meia-noite, destes-lhe um cavalo descansado, e êle continuou seu caminho.

— Estais louco, senhor Coquelicot.

— Vós é que o estaríeis, mestre João, se não fornecêsseis aos criados que vêm com o coche os esclarecimentos exatos que acabo de vos dar.

— Mas...

— Nada de mas, eu e Pepe não vos deixaremos um minuto. Se não responderdes pela afirmativa, às perguntas que vos fizerem, meter-vos-emos uma bala na cabeça; no caso contrário, os cem luíses serão duplicados.

— Obedecerei, gemeu o antigo bedel, estremecendo.

E chamou os criados:

— Olá, rapazes! Agora me lembro de que o correio passou esta noite, mas vós estáveis a dormir como uns porcos, e foi êste senhor que o ouviu.

— E como, disse tranquilamente Coquelicot, na encruzilhada do carvalho, rebentou o cavalo em que vinha, tomou outro a uma légua daqui, e nesse mesmo continuou seu caminho.

A explicação era verossímil; os palafreiros aceitaram-na. Então, Coquelicot chamou à fala Pepe, o qual se apressou a descer.

— Vês êste patife, disse êle em voz baixa, mostrando-lhe o estalajadeiro; meter-lhe-ás uma bala na cabeça, se êle ousar afirmar que o correio não passou.

— Sim, disse Pepe ficando ao pé de mestre João, que murmurava:

— Tudo isto é bem extraordinário!

Ora, durante os poucos minutos que Pepe tinha passado no quarto do abade, aproveitara um momento em que os dois gentis-homens tinham a cabeça meia voltada, para dirigir ao prêso um olhar significativo. Êste olhar queria dizer: "Quero salvar-vos."

O abade comprehendera, e metendo a mão debaixo do travesseiro, tirara a fôlha rasgada da carteira, e, fazendo sinal a Pepe, pedira-lhe um copo d'água. Pepe apresentara-lhe o copo, e metera-lhe na mão o bilhete.

Tudo isto fôra feito com uma destreza tão grande, e com tamanha prontidão, que nem Flor de Maio nem o visconde haviam dado por tal. Pepe apressou-se a sair, quando Coquelicot o chamou, mas na escada teve tempo para abrir o bilhete, e de lê-lo.

— Ah! murmurou êle, tenho a vingança certa!

Ora, enquanto Pepe estava de guarda ao estalajadeiro, Flor de Maio, acompanhado por Coquelicot, dizia ao abade:

— Não sei, senhor, o que vai acontecer, e se os vossos criados atacam ou não a estalagem para vos soltarem, e nos tirarem os vossos papéis; mas dei a minha palavra a el-rei de vos entregar vivo ou morto, e se formos sitiados, e se

nos tornar impossível todo o meio de salvação, terei o desgosto de matar-vos.

O abade tremeu; sabia que Flor de Maio era capaz de executar o que dizia. Levantara-se, todavia, no horizonte, uma nuvem de pó.

Chegava o coche, e às portinholas galopavam uns trinta cavaleiros bem montados e armados. Vinha com a rapidez do relâmpago, e parou à porta da estalagem. Os cavaleiros estavam prontos, esperando na estrada.

Flor de Maio, escondido atrás dos postigos semi-cerrados da sua janela, observava sem ser visto, e contava os homens do superintendente. Súbito soltou um grito:

— Du Vernais!

— Du Vernais! o cavalheiro? exclamou o visconde; isso é impossível!

— Olhai.

O visconde chegou à janela, e reconheceu o cavalheiro saindo do coche, mancando ainda um pouco, por não estar ainda fechada a sua recente ferida, e, dirigindo-se ao estalajadeiro:

— Olá! bom homem, dai-me notícias dum correio que esta noite havia de passar por aqui e do qual achamos morto o cavalo a três léguas daqui?

Pepe estava ao lado de mestre João, que se recordava da terrível recomendação de Coquelicot.

— O correio passou, disse êle.

— A cavalo?

— Sim.

— E são e salvo?

— Sim, senhor.

E o estalajadeiro tremia, assim falando. Mas Pepe exclamou de repente:

— E' falso! o correio não passou. Êsse correio era o senhor abade Fouquet; está prêso lá em cima, naquele quarto.

E com um dedo, Pepe indicou a janela, atrás da qual estavam o visconde e Flor de Maio pasmados desta traição, e mostrou ao cavalheiro o bilhete de Fouquet.

— Ah! traidor! exclamou uma voz.

Súbito, viu-se um clarão atrás dos postigos, uma bala sibilou e Pepe caiu no chão coberto de sangue. Mas a advertência era tardia; o cavalleiro du Vernais entrincheirara-se de um salto atrás do coche, e bradara:

— Acudi, guardas do senhor de Fouquet! acudi!

Num instante, a casa foi invadida por trinta homens armados, e não restou a Flor de Maio, ao visconde e a Coquelicot outro partido senão se entrincheirarem e venderem caro a vida.

— Coquelicot, meu amigo, disse Flor de Maio, desembainhando a espada, se arrombarem a porta, mete uma bala na cabeça do senhor abade.

A porta era sólida, podia resistir dez minutos; o senhor de Mailly e Flor de Maio, estavam ambos tranquilos, com a espada numa mão e a pistola na outra.

— Abri! Abri! gritaram de fora, abalando a porta de carvalho guarnecida de ferro.

O abade estava muito pálido, assim como um homem que vai morrer.

— Prepara-te, Coquelicot, dizia ao mesmo tempo Flor de Maio.

Coquelicot apontou para o prêso.

— Senhor, exclamou êste dominado pelo instinto supremo de conservação, uma palavra, uma só...

— Falai, o que quereis?

— Se eu mandasse retirar esta gente, conservar-meis a vida?

— Conservava.

— Então abri, abri.

— Pois sim, disse Flor de Maio, mas toma bem sentido nele, Coquelicot, se um só homem der um passo e transpuser o limiar desta porta, faze fogo.

Coquelicot não respondeu, deu um passo à frente, e encostou o cano da pistola no peito do abade. Então Flor de Maio abriu os dois batentes da porta, e o cavalleiro du Vernais, que vinha na frente dos assaltantes, recuou um

passo vendo o visconde seu amigo, e o abade, cuja vida neste momento estava prêsa a um fio.

— Não ataqueis senão morro! gritou o abade Fouquet com voz sufocada.

— Descansar armas! disse du Vernais com a autoridade do comando.

Os poucos criados que seguiam o cavalheiro recuaram como êle próprio recuara. Então, Flor de Maio olhou para du Vernais e disse-lhe com placidez.

— Se dais mais um passo, matareis o irmão do superintendente.

O cavalheiro enfiou a espada na bainha.

— Obrigado, du Vernais, obrigado pelo vosso zêlo; disse o abade; mas é inútil, êles apossaram-se dos papéis e não os restituirão; se quiserdes soltar-me não me levareis senão morto. Retirai-vos!

Du Vernais inclinou-se. De repente, o visconde com um grito correu à janela:

— Os soldados do governador! Aí estão os soldados!

Ouvia o estrépido sonoro de um trôço de cavalaria.

— Vinde! gritou o visconde, vinde, homens d'el-rei! cercai a casa e que ninguém saia daqui!

O cavalheiro du Vernais empalideceu e quis fugir; mas então Flor de Maio deu um passo para êle:

— Estais prêso em nome d'el-rei!

— Prendeis-me, a mim? Que crime cometi eu?

— Tentastes soltar um prêso de Estado.

Du Vernais lançou os olhos em tórno de si como um homem louco. Uma janela dava para o campo; correu para ela e transpô-la de um salto, sem que o visconde nem o cavalheiro pudessem impedir êste ato de temeridade. Flor de Maio debruçou-se nervoso no parapeito da janela, e viu du Vernais estendido no chão, gravemente ferido. No mesmo momento, cercaram-nos os soldados de Anjou. Tôda a resistência era inútil. O cavalheiro entregou a espada e os homens do superintendente deixaram-se desarmar sem dar um tiro.

— Ponham o coche, exclamou então Flor de Maio; o senhor abade Fouquet parte para Angers, onde o governador da província lhe reservou uma casa digna dêle.

E Flor de Maio, mostrando ao oficial que comandava os soldados de Anjou o pergaminho assinado por Colbert, disse-lhe:

— Respondeis-me, senhor, por todos êstes homens: se um só se escapar para ir a Ancenis, correreis grande risco de levar baixa de pôsto.

O oficial inclinou-se. Em dois minutos, o coche teve cavalos descansados, e o abade nêle tomou lugar ao lado do cavalheiro du Vernais.

O cavalheiro du Vernais parecia mais tranquilo. Entrando para o coche, lançou o olhar para uma janela das lojas. Pepe ensanguentado, mas ainda com vida arrastara-se até esta janela, e trocou com êle um olhar de inteligência.

— O superintendente está salvo! murmurou du Vernais.

A carruagem partiu a tôda brida. Junto das portinholas, galopavam o visconde e Flor de Maio.

Algumas horas depois, a carruagem rodava nas ruas de Angers, e entrava no pátio do palácio. O governador, o senhor de la Vauguyon, veio receber o prêso.

— Senhor governador, disse Flor de Maio, a vossa cabeça responde pelo senhor abade Fouquet.

— Ficai descansado, respondeu o senhor de la Vauguyon, o prêso só sairá daqui para ir à Bastilha com uma escolta de duzentos mosqueteiros.

— Confio-vos igualmente o senhor du Vernais.

— Benvindo seja! respondeu o senhor de la Vauguyon com um sorriso motejador.

Os dentes do cavalheiro rangeram de cólera.

— Senhor, disse êle a Flor de Maio, sabeis que me deveis uma desforra.

— Dar-vô-la-ei, senhor.

— Quando?

— Quando saídes da Bastilha.



— Por que não já?

— Por que podeis matar-me e a minha vida neste momento não me pertence. Tenho de dar conta da minha missão a S. M. El-rei.

Flor de Maio foi ter com Coquelicot e com o visconde.

— Meu amigo, disse êle a êste último, vós ficareis aqui, em Angers, até ao dia em que el-rei decidir da sorte do vosso prêso.

— E vós? perguntou o visconde.

— Eu vou a tôda brida para Paris, levar a el-rei a nova da prisão do senhor abade Fouquet, e entregar-lhe os papéis.

Flor de Maio tomou Coquelicot à parte:

— Sabes o caminho para Blois?

— Sim, senhor.

— Irás a Blois.

— Então eu não acompanho o senhor cavalheiro?

— Não, respondeu Flor de Maio com um sorriso; há em Blois um ente que é metade da minha vida, quero que saiba que o seu Flor de Maio está no caminho da fortuna. Irás pois a Blois, pedirás que te indiquem onde é a Casa-fechada, como chamam lá a minha casa, e perguntarás pelo velho Antônio a quem entregarás esta carta; depois, esperarás que te convidem a entrar. Se te receberem, ficarás em Blois o tempo que quizeres, e depois irás ter comigo. Mas lembra-te de que a pessoa que vais ver é desconhecida e morta para o mundo inteiro.

Uma hora depois, Flor de Maio e Coquelicot montaram a cavalo, deixando o senhor de Mailly em Angers. A porta da cidade abraçaram-se; o pajem do rei tomou à esquerda pela estrada de Paris, Coquelicot tomou à direita para Blois, onde chegou na manhã seguinte, depois de ter caminhado tôda a noite.

Perguntou pela Casa-fechada, e a gente do bairro não ficou pouco admirada da aparição de um cavaleiro naquela ruazinha, à porta da casa misteriosa que desde a partida de Flor de Maio, se tornara ainda mais silenciosa. Coquelicot bateu à porta e apeou-se. O postigo de ferro abriu-se e

emoldurou o rosto enrugado e os cabelos brancos do velho Antônio.

— Que quereis? perguntou êle, àasperamente.

Coquelicot apresentou-lhe a carta que não levava sobrescrito.

— Venho da parte do senhor Flor de Maio.

— Então, esperai, exclamou o velho, cujo rosto refletiu um raio de alegria.

E, com a carta na mão, correu para o fundo do jardim, onde Bluete estava sentada, triste e pensativa, pensando talvez no seu querido Flor de Maio, e nesse passado misterioso e triste que devorara o repouso do seu porvir, e a sepultara viva. Bluete abriu a carta tremendo, reconheceu a letra de Flor de Maio e soltou um grito de alegria. Era a primeira vez que tinha notícias dêle depois que se separaram.

— Quem trouxe esta carta?

— Um homem que está à espera lá fora.

— Vai buscá-lo, disse ela com uma comoção crescente.

E enquanto o velho Antônio corria a executar as ordens de sua ama, ela leu com avidez a carta de Flor de Maio. Mas de súbito empalideceu, escapou-lhe a carta das mãos, e caiu moribunda, despedaçada, semi-morta sôbre o banco de onde se levantara um minuto antes.

— Êle! êle! sempre êste demônio! murmurou ela.

Flor de Maio contava singelamente a sua irmã os diversos episódios da sua viagem, e da sua chegada a Paris e um nome que a carta continha arrancara a Bluete esta exclamação estranha. Era o nome do cavalheiro du Vernais.

Ao mesmo tempo que Coquelicot se dirigia para Blois, Flor de Maio galopava sem descanso pela estrada de Paris. Rebentou três cavalos, fêz cem léguas em vinte horas e chegou ao cair da tarde às portas de Paris.

Só parou à porta do Palais-Royal, no fundo da escada de serviço militar que dava para a rua de Valois. Pediram-lhe a senha. Não a sabia, mas respondeu mostrando o passe de Colbert.

— Serviço d'el-rei.

Os guardas deixaram-no passar; os pajens e os criados fizeram outro tanto, e êle entrou como uma bala no mesmo gabinete, onde dias antes recebera as instruções de Luís XIV. Como naquele dia, el-rei trabalhava só com Colbert.

Vendo Flor de Maio todo empoeirado e ainda de botas e esporas, deixou escapar um gesto de surpresa.

— Perdoai-me, sire, apresentar-me ante Vossa Majestade neste estado, mas não quis perder um minuto.

— Falai, de onde vindes?

— D'Angers, sire.

— E então? O senhor abade Fouquet?

— Está prêso, disse Flor de Maio.

— Em que lugar?

— Em Ingrande, na fronteira bretã.

— Quem o prendeu?

— Eu, disse, Flor de Maio modestamente.

E Flor de Maio entregou a bolsa de caça a Colbert, que, apoderando-se dela, examinou logo o que continha. Depois, o pajem contou, com um laconismo militar e digno dos comentários de César, os episódios múltiplos da sua arriscada expedição. El-rei escutou-o atentamente, ao mesmo tempo que os olhos de Colbert brilhavam de alegria percorrendo os papéis.

— Finalmente, murmurou o inspetor geral, o superintendente é nosso.

— E justiça será feita, disse friamente o rei.

— Mas, observou Colbert, é preciso conseguir depressa os papéis que estão no palácio de Vaux. Se soubessem que o abade está prêso, queimariam tudo, e o que temos aqui só compromete o superintendente pela metade.

— Tendes razão, disse o rei.

E chamou um porteiro.

— Fazei entrar um oficial das guardas, disse êle.

Entrou um tenente dos mosqueteiros e cumprimentou el-rei com respeito.

— Senhor, disse o rei, ide com cinquenta mosqueteiros a Vaux e apoderai-vos do palácio do senhor Fouquet, em-

pregando a força, se fôr preciso. Tomai nota, não seja queimado nem um papel.

O oficial inclinou-se e saiu. O rei voltou-se, então, para Flor de Maio.

— Senhor de Chastenay, é realmente triste não terdes vós trinta anos em vez de dezoito.

— Por que? perguntou Flor de Maio.

— Porque em lugar de vos nomear tenente do meu regimento das guardas, dar-vos-ia o comando de um regimento.

E Luís XIV despediu em seguida Flor de Maio com um gesto cheio de nobreza, acrescentando:

— Apresentar-vos-ei amanhã na chancelaria, onde achareis a vossa patente assinada pela minha mão.

Flor de Maio inclinou-se com respeito, e saiu, esquecendo-se de restituir ao rei o precioso pergaminho ante o qual todos se inclinavam. Flor de Maio não foi para a hospedaria da Cruz do Trahoir, na rua da Árvore Sêca, mas sim para o palácio do senhor de Mailly, que êste pusera à sua disposição por uma carta escrita ao seu mordomo.

Tinha vontade de comer e estava fatigado; comeu e bebeu como um esfaimado, deitou-se e dormiu, seguidamente até ao amanhecer. Tinham-lhe dado um quarto, cujas janelas abriam para o jardim do palácio. Quando acordou sentiu necessidade de respirar ar livre e a brisa perfumada da manhã que tão bem alivia o cérebro dos pesadelos da noite.

E além disso sentia necessidade de estar só, de pensar no meio de ver naquele mesmo dia a jovem e linda mulher que amava, e de quem possuía a mais romântica das recordações. Vestiu-se, pois, depressa, e desceu para o jardim, querendo pedir à solidão aquela meditação misteriosa e encantadora, sem o que os amantes não podem passar. E embrenhou-se nas ruas verdejantes e sombrias em que os passarinhos acordavam cantando, e fêz mil castelos no ar sôbre a sua dragona, da qual fêz o primeiro degrau de seu amor.

Tinha prudentemente guardado o segredo do seu coração, durante os seus doze dias de vida comum com o visconde; ocultara-lhe o seu amor; mas contava êle agora com a sua amizade e já fazia um projeto de sedução a respeito do senhor de Mailly, de quem queria fazer seu confidente e auxiliador, quando chegou à porta do pavilhão que conhecemos, e de onde o visconde saíra precipitadamente na véspera da sua partida, quando tinham vindo anunciar-lhe a visita noturna do seu novo amigo.

Recordou-se, então, da tristeza e dos hábitos extravagantes e misteriosos do senhor de Mailly, e o mesmo desejo de curiosidade que, uma noite, o levava a olhar através das vidraças para o interior do pavilhão, levou-o de novo a olhar curiosamente pela janela meio aberta. Estava tudo na mesma ordem; a única novidade que havia era não estar coberto com o véu preto o retrato que Flor de Maio tinha visto.

O véu estava no chão, ou porque o visconde se houvesse esquecido de colocá-lo no mesmo lugar de onde o tinha tirado, ou porque tivesse caído por causa de um acidente qualquer. Os olhos de Flor de Maio cravaram-se no retrato com curiosidade e as feições que êle representava fizeram-no soltar um grito e recuar tomado de admiração.

Reconhecera aquêlê rosto, iluminado por um raio de sol nascente, que se filtrava através das vidraças. Era o retrato da sua irmã. Operou-se, então, no cérebro de Flor de Maio uma revolução singular; rasgou-se um véu. Reviu e compreendeu com a rapidez do relâmpago mil circunstâncias, mil acontecimentos que para êle tinham até ali jazido na mais profunda obscuridade.

Julgou compreender ao mesmo tempo o motivo por que o visconde estremecera, quando lhe falara de Blois, porque estava tão profundamente magoado, porque escrevia a uma mulher que dizia morta, e porque sua irmã, por quem êle Flor de Maio pusera luto, voltara, ao fim duma ausência de cêrca de doze anos, pálida e tétrita como a estátua do desespêro. O visconde de Mailly, seu amigo, irmão da

cônega, a quem êle, Flor de Maio, amava apaixonadamente, era o assassino da sua honra, o homem que enchera de vergonha e de dor os derradeiros dias de seu velho pai. Era o sedutor de Bluete.

O desventurado moço pôs as mãos na cabeça e julgou ter um sonho horrível; depois, sua mão crispada buscou a guarda da espada, soltou palavras inarticuladas e sem nexos, cambaleando desesperado. Pouco lhe faltou para endoidecer! Mas neste momento, ouviu um estrépito no fundo do jardim: na extremidade da rua principal reboaram vozes e passos, e Flor de Maio viu caminhar para êle um oficial das guardas acompanhado por dois soldados. O oficial cumprimentou-o e disse-lhe:

— Sois o senhor de Chastenay?

— Sou, respondeu o pajem, sem entrar na indagação do fim daquela visita e desta pergunta arrebatada.

— Então, continuou o oficial, tende a bondade de entregar-me a vossa espada.

— A minha espada!

— Em nome d'el-rei!

Flor de Maio olhou admirado para o oficial:

— Que quereis fazer da minha espada?

— Se vô-la peço, é que recebi ordem para isso. Estais prêso em nome d'el-rei.

— Prendeis-me, a mim?

— Olhai, senhor, aqui está a ordem, que contém o vosso nome bem claro. Tende a bondade de acompanhar-me; à porta está um coche, em que ireis para a Bastilha.

Flor de Maio olhava para a ordem de prisão com um olhar estúpido; estava como doido. Nem pensou no motivo por que o prendiam. Não tinha bastante lucidez de espírito, e julgava continuar um sonho estranho. O oficial deu-lhe o braço, e êle acompanhou-o sem resistência: abriram a portinhola do coche e êle subiu... O coche tomou a trote largo o caminho da Bastilha. O trajeto era curto. Flor de Maio não tinha ainda desenredado o caos dos seus pensamentos, quando o coche rodou sob as abóbadas negras

e sonoras dêste triste edificio que, uma vez recebidos os prêsos, tão raras vêzes os restituía. Iria Flor de Maio acabar ali a sua mocidade?

## CAPÍTULO XI

### NA BASTILHA

Tinham corrido quinze dias depois que Flor de Maio entrara para a Bastilha, cujas maciças portas se haviam fechado após êle; e neste período não tivera notícias de Paris, nem da côrte, assim como de Coquelicot e de Bluete. Pouco faltou para que o pobre moço endoidecesse.

Durante os três primeiros dias esperara, tivera fé na sua inocência, fé no senhor Colbert, fé no oficial que o prendera, e que lhe dissera que êle era vítima da astúcia infernal de du Vernais; mas, tinham-se passado três dias, depois outros três, e mais três e ninguém viera, e nem tivera indício algum de que trabalhassem para o soltar.

Tinham-no inscrito sob o número 83, e haviam-lhe dado um quarto; duas vêzes por dia, ao meio-dia e à noite, podia passear na plataforma entre dois soldados. E no dia seguinte fazia outro tanto. Ao cabo de oito dias, Flor de Maio perdeu a esperança de que lhe dessem a liberdade, e entrou a pensar sèriamente se não seria destino seu acabar os seus dias na Bastilha.

A influência da solidão é terrível para a mocidade.

Esta criança de dezoito anos, cuja adolescência fôra um canto melodioso, vira o futuro sob as côres mais brilhantes e esplêndidas, e se vira, durante algumas horas, colocado entre a santa afeição de uma irmã, o amor de uma mulher, a dedicação de um amigo, a afeição fiel de um servo. Mas, achara-se de repente sequestrado do mundo, abandonado de todos, esquecido pelo rei, por quem arriscara a vida, e pôsto na horrível situação de renunciar

ao mesmo tempo ao homem a quem apertara a mão, à mulher a quem amava com tôda a fôrça da sua alma. O senhor de Mailly era o sedutor de sua irmã, e a cônega era irmã do senhor de Mailly.

Repetidas vêzes solicitara Flor de Maio a graça de falar ao governador da Bastilha. Esperava inspirar-lhe interêsse, enternecê-lo e pedir-lhe meios para se justificar. Mas o governador, perseguido por iguais pedidos, recusava-se constantemente.

Quem tivesse visto o cavalheiro de Chastenay, aquêlo moço donairoso e guapo, de sorriso altivo e ar conquistador, dois dias antes da sua entrada na Bastilha, e o visse ao fim de quinze dias de prisão, só com muito custo o reconheceria. Era triste o seu olhar, dos lábios fugira-lhe o sorriso. Com o rosto constantemente encostado às grossas grades da prisão, contemplava melancôlicamente um raio de sol que brincava na parede vizinha, e escutava, com o estremecimento do desespero e a amargura do pesar, o chilrear dos passarinhos cantando a liberdade, essa liberdade do espaço, do ar livre, das brisas e do amor, que êle tão súbitamente perdera.

Duas vêzes ao dia, pela manhã e à noite, trazia-lhe um carcereiro a comida, em que êle mal tocava. Acompanhava os alimentos um pãozinho redondo, com o pêso de cêrca de uma libra. Um dia, partindo um pão, sentiu uma resistência e a faca correu sôbre um corpo duro. Pegou então no pão e abriu-o com os dedos; dele caiu uma noz, que rolou por sôbre as pedras do chão.

Flor de Maio apanhou a noz, muito admirado, e examinou-a com curiosidade; viu, então, que as duas metades da noz, em vez de estarem soldadas naturalmente, tinham sido coladas com cêra. Quebrou a noz, e correu-lhe pelas mãos um papel muito bem dobrado. O coração de Flor de Maio bateu apressado, enquanto desdobrou o bilhete coberto com uma letrinha fina e delicada. De onde lhe vinha esta misteriosa recordação?

Leu:



"Os extremos tocam-se. O infortúnio é o irmão mais velho da felicidade, a prisão mais negra, o peristilo do templo da liberdade. Deus é bom para aquêles que amam... Se amais, sereis salvo."

O bilhete não trazia assinatura; porém, pelas palpitações precipitadas do seu coração, o nosso herói adivinhou a mão que o traçara. Uma alegria imensa invadiu então a pobre alma do prêso. Os muros negros, os numerosos ferrolhos da sua masmorra desapareceram por um momento, e pela sua janela estreita guarnecida de grades grossas, veio-lhe como um halito de ar impregnado dêsses perfumes fragrantíssimos que fazem amar a vida quando ela é dou-rada pelo amor, o mais brilhante e o mais quente dos sóis.

Esta alegria desapareceu, a tristeza voltou; voltou pun-gente, triste e tétrica como horizonte nublado...

Êste amor, de que lhe enviavam uma prova, não era agora impossível? Bluete, a mulher sepultada viva no luto do seu coração, não lhe viria dizer:

— A mulher que tu amas é irmã do homem que calcou aos pés a minha honra e envenenou a minha triste vida!

Nublou-se novamente a alma do prêso. Trevas vela-ram aquêlê raio de sol que lhe apparecera como a aurora da liberdade. Correram mais dois dias. Pela noite do segundo, à hora em que dois soldados vinham abrir a masmorra e conduzir Flor de Maio à plataforma, onde podia passear duas horas cada dia, o moço sufocou um grito de surpresa.

Num dos soldados reconhecera Coquelicot, que levou ràpidamente um dedo aos lábios para recomendar silêncio, e depois disse arrebatadamente:

— São oito horas, senhor 83; quereis tomar ar?

— Sim, respondeu Flor de Maio.

E acompanhou os dois soldados para a plataforma, onde já passeavam alguns prêsos, igualmente escoltados por dois lansquenetes ou dois suíços. Então, o soldado

que acompanhava Coquelicot ficou um pouco atrás, de propósito, ou por efeito do acaso, e o velho sargento disse rapidamente a Flor de Maio:

— Trabalham para salvar-vos. Dentro de dois dias, estareis solto.

— Então, poderei mostrar a minha inocência.

— Não, mas podereis fugir.

— Fugir!

— Será a primeira vez, mas é preciso. Não o fazendo morreréis na Bastilha. O rei está furioso.

— Da Bastilha não se foge.

— Algumas vêzes. Silêncio.

O soldado aproximou-se, Coquelicot calou-se. Depois do passeio, no momento em que Flor de Maio entrava na sua prisão, Coquelicot disse-lhe ao ouvido:

— Amanhã o governador da Bastilha dá um baile, sereis convidado; ide.

E Coquelicot desapareceu e a porta da prisão fechou-se. Flor de Maio passou uma noite agitadíssima; mas voltara-lhe a esperança. Repugnava-lhe o pensamento de fugir; e, contudo se desprezasse êste meio de salvação, estava condenado a morrer na Bastilha, nêsse terrível lugar em que um homem até o nome perdia e era tão facilmente esquecido.

No dia seguinte, pelas oito horas, vieram buscá-lo da parte do governador. Flor de Maio estremeceu. Continuava a esperar o seu perdão.

O governador era um velho; chamava-se o senhor de Launay como o último governador da Bastilha, de quem era trisavô, porque perto de dois séculos o govêrno desta terrível prisão devia ser hereditária na mesma família. O senhor de Launay era um homem sêco, insensível e de maneiras distintas. Era um ferrôlho de casaca bordada, um carcereiro fidalgo, um cadeado vestido de homem.

— Sois o cavalheiro de Chastenay? perguntou a Flor de Maio.

— Sim, senhor.

— Desde quando estais na Bastilha?

— Há dezoito dias.

— Ah! fêz o governador com indiferença.

E continuou a olhar para Flor de Maio.

— Sois muito novo, disse o senhor de Launay, não admira que as damas se interessem por vós.

Flor de Maio estremeceu.

— Conheceis, senhor, continuou o senhor de Launay com o tom ligeiro que teria empregado para falar na chuva ou no bom tempo, que não quero vos perguntar os motivos por que estais na minha casa. Trazem-me um prêso, acompanhado do competente aviso, faço inscrever o prêso e acabou-se. O resto não me diz respeito. Tenho aqui trezentos gentis-homens, mal lhes sei os nomes, e ainda ontem ignorava o vosso.

Por seu turno, Flor de Maio olhava para o governador, sem saber o que êle queria dizer.

— Por conseguinte, não vos iludais; se vos mandei chamar aqui não foi para vos dar liberdade. Quem aqui entra, raras vêzes sai. A Bastilha é um túmulo.

Flor de Maio estremeceu.

— Mas, redargui o senhor de Launay, comprometi antes de ontem a minha palavra por causa de uma partida de biribi, e estou muito embaraçado.

O governador tornou a olhar para Flor de Maio:

— Joguei antes de ontem em casa da marquesa de Pré-Gilbert, senhora com quem tenho antigas relações de amizade. Eu jogo grosso; naturalmente perco sempre. Tinha a bolsa vazia.

— Marquesa, disse eu a madame de Pré-Gilbert, emprestai-me aí uns cem luíses.

— Não posso, respondeu-me ela. Vós vos arruinais, e eu fecho a minha porta àquele dos meus convidados que vos emprestar dinheiro.

— A marquesa é teimosa. Peguei no chapéu e na bengala, e ia retirar-me de muito mau humor, quando a cõnega de Mailly, sobrinha da marquesa, me segredou ao ouvido:

“— Conde, escutai...

“— Que desejais, bela dama?

“— Estou pronta a emprestar-vos cem luíses sob palavra; minha tia não pode fechar a porta a mim, porque vivo em casa dela.

“— Pois bem, disse-lhe eu, baralhai as cartas.

“— Oh! oh! disse ela, há uma condição...

“— Diabo! que é?

“— Mais tarde direi, depois da cartada; apostais?

“— Mas...

“— Nada de mas, sim ou não.

“— Pois sim, aposto.

“— A vossa palavra?

“Ora, naquele momento, interrompeu o governador, tornavam a dar cartas, eu estava de mau humor, tinha perdido tanto! Esqueci-me de que era governador da Bastilha. Empenhei a minha palavra.

“Baralharam as cartas, a cõnega voltou-as, e eu ganhei os cem luíses.

“— Agora, disse-me ela, aqui está a minha condição.

“Levou-me para um canto da sala e acrescentou:

“— Dais um baile depois de amanhã?

“— De que sereis o mais belo ornamento, respondi eu.

“— Então, retrucou ela, é necessário que me deis um parceiro, um par da minha escolha, que sabe dansar o minueto primorosamente.

“— O seu nome, convidá-lo-ei.

“— E' o cavalheiro de Chastenay.

“— Onde mora êle?

“— Em vossa casa, senhor. Está na Bastilha.

“— Oh! diabo! exclamei eu. Isso é impossível!

“— Tenho a vossa palavra, conde.

“— E se êle fugir durante o baile?

“— Pedi-lhe a sua palavra de que às três horas da manhã voltará para a sua prisão. Êle vô-la dará. E' gentil-homem, há de sustentá-la.

O coração de Flor de Maio batia desmedidamente enquanto o governador falava; mais uma vez o nosso herói esquecia Bluete para pensar na deslumbrante madame de Mailly.

— Bem vêdes, senhor, acabou o senhor de Launay, que estou à vossa discrição. Vou fazer por vós uma coisa inaudita e se não obtiver a vossa palavra de que não tentareis fugir, porque a minha casa não é uma masmorra, verme-ei obrigado durante o baile a mandar-vos seguir constantemente por um soldado que vos dará um tiro à menor tentativa de evasão.

— Sossegai, senhor, respondeu Flor de Maio, dou-vos a minha palavra de honra de que às três horas da manhã voltarei para a minha prisão.

E Flor de Maio despediu-se do governador, e foi reconduzido à sua masmorra.

Esperava tornar a ver Coquelicot às oito horas; mas a sua esperança foi baldada. Vieram buscá-lo para o seu passeio dois soldados que êle não conhecia. Às nove horas, apresentou-se o criado grave do governador com um embrulho debaixo do braço.

O embrulho continha os seus trajes de gala que a cônega mandara buscar ao palácio de Mailly e lhe enviava. Os trajes tinham sido examinados minuciosamente; tinham apalpado os forros para se certificarem de que não continham lima ou faca, ou algum instrumento que pudesse facilitar uma evasão, depois do que o governador os tinha mandado entregar a Flor de Maio pelo seu criado grave.

O cavalheiro vestiu-se com o maior apuro, fêz-se empoar e frisar pelo criado, o seu coração bateu bem apressado, pensando que ia ver novamente aquela que tanto amava. Mais uma vez o retrato de Bluete quase se sumia do coração apaixonado de Flor de Maio.

— Agora, disse o criado, depois do pajem estar pronto, se o senhor cavalheiro quiser seguir-me conduzi-lo-ei ao baile.

Por um excesso de atenção e de delicadeza, o governador mandara restituir a Flor de Maio a sua espada, porque

um gentil-homem não podia apresentar-se decentemente em público sem espada. Flor de Maio saiu da sua prisão, cuja porta ficou aberta.

O criado grave conduziu-o através duma infinidade de corredores, até aos aposentos do governador, já cheios de grande número de pessoas elegantes e perfumadas. O nosso herói tinha assistido, em Blois e nos arredores, a muitas festas, mas nenhuma lhe pareceu tão esplêndida como a do senhor de Launay.

Depois que o senhor de Launay dava bailes, não os havia mais frequentados em Paris. Ir dançar na Bastilha era um prazer de que todos queriam gozar. A côrte e a cidade, os senhores da moda e as damas mais formosas, estavam reunidas nos dois salões alumiados com profusão, e decorados com a pompa um tanto pesada e majestosa da época. Flor de Maio parou deslumbrado na entrada; depois julgou sair dum sonho e pareceu-lhe que a Bastilha e a sua negra masmorra era uma visão, um pesadelo de que enfim estava livre.

Avistou o senhor de Launay e dirigiu-se para êle a fim de o cumprimentar, ao mesmo tempo que seus olhos procuravam a rainha do baile, aquela por motivo de quem êle ali se achava e que não tinha ainda chegado. O senhor de Launay, fora das suas terríveis funções, era um cavalleiro completo. Recebeu Flor de Maio com um agradável sorriso, deu-lhe o braço e apresentou-o a muitas damas sem pronunciar uma palavra que pudesse fazer supor que o moço era seu prêso.

— Cavalleiro, disse êle em voz baixa, madame de Pré-Gilbert e sua sobrinha ainda não chegaram, mas virão. Há uma hora que recebi um bilhete da cônega.

— Ah! fêz Flor de Maio, estremecendo.

— A cônega manda-me dizer que sua tia ignora que estais na Bastilha; portanto, nem uma palavra a êsse respeito.

— Podeis estar descansado, respondeu Flor de Maio.

— Eu mesmo o esquecerei, acrescentou cortêsmente o governador, e só amanhã tornarei a lembrar-me; por

consequente, estais livre até às três horas, diverti-vos, dansai, fazei a côrte às damas e não penseis no dia seguinte, se a hora presente vos parecer agradável e boa.

Flor de Maio inclinou-se. Neste momento, abriu-se de par em par a porta da primeira sala, e um porteiro anunciou:

— A senhora marquesa de Pré-Gilbert e a senhora-cônega de Mailly.

Flor de Maio empalideceu súbitamente, o sangue affluu-lhe todo ao coração.

## CAPÍTULO XII

### O PERGAMINHO DO REI TEM ALGUMA UTILIDADE

Flor de Maio ficou deslumbrado, vendo madame de Mailly. Estava mais fresca e mais formosa do que nunca, e o sorriso que brilhava nos seus lábios fêz o nosso herói esquecer que entre a raça desta mulher e a dêle se levantava uma barreira impossível de transpôr.

O senhor de Launay foi ao encontro das recém-vindas, a fim de lhes fazer os cumprimentos, e Flor de Maio, atraído por um imã invencível, seguiu-o.

— Minha senhora, disse o governador à cônega, bem vêdes que sustentei a minha palavra; aqui está o vosso par para o minueto.

É apresentou Flor de Maio.

— Ah! senhor de Chastenay, exclamou a velha marquesa, vendo-o, e recordando-se de que lhe devia a vida; devo grande fineza ao senhor de Launay por vos ter convidado, e a vós por terdes aceitado.

Flor de Maio beijou-lhe a mão.

— Sabia que vos havia de encontrar aqui, minha senhora, disse êle com muita galanteria.

— Então esquecestes-vos de nós? continuou a marquesa, porque há um mês que ninguém vos vê na Praça Real.

— Fiz uma viagem, minha senhora.

A explicação era suficiente; a marquesa contentou-se com ela.

— Como aqui estais, senhor de Chastenay, disse a marquesa, dai a mão à minha sobrinha; eu aceitarei a do senhor de Launay com quem vou ralhar muito.

A marquesa pensava sem dúvida na tempestuosa partida de biribi da ante-véspera. Os dois jovens trocaram um olhar de inteligência; Deus favorecia-os. Madame de Mailly encostou-se indolentemente ao braço de Flor de Maio, que imediatamente granjeou vinte rivais, tal era a formosura da sua dama.

Percorreram as salas, trocando ao princípio poucas palavras, porque ambos estavam tão comovidos como durante a sua primeira entrevista noturna, para que a escada do tio Matias tinha servido de medianeira; e depois, como entre dois amantes o primeiro que consegue dominar-se é a mulher, a cônega disse a Flor de Maio:

— Então, estais na Bastilha, cavalheiro?

— Há dezoito dias, minha senhora; e sei bem a quem devo a felicidade que gozo neste momento.

Um sorriso de anjo passou pelos lábios da jovem.

— A felicidade tem futuro, murmurou ela.

— Quem sabe? disse o cavalheiro, cujo coração batia desmesuradamente.

— Lembrai-vos de uma noz?

— Lembro.

— E dum bilhete que ela continha?

— Era vosso, não é assim?

— Oh! conheceis a minha letra?

— Não; mas o meu coração bateu tanto...

— Então, que dizia o bilhete?

— Que quem ama deve esperar.

Flor de Maio voltou para a cônega um olhar tão terno, que ela compreendeu que merecia ser amado; e, por seu turno, sentiu êle a mão da jovem estremecer na dêle.



— Lembrai-vos, cavalheiro, de certa noite?

— Oh! se me lembro! murmurou Flor de Maio:

— Merecestes o vosso perdão?

Ele inclinou-se-lhe ao ouvido:

— Se pensar, dia e noite, na mulher que se ama, sonhar e viver para ela cada minuto da vida, e voltar sem cessar os olhos para o horizonte atrás do qual ela está, se tudo isto se chama constância, ficai satisfeita, senhora, que fui constante.

A mãozinha tremeu mais na mão de Flor de Maio.

— Então, disse ela, se assim é, é justo que sejais livre; sê-lo-eis.

— Como? perguntou Flor de Maio, lembrando-se das terríveis palavras do senhor de Launay: raras vêzes se sai da Bastilha.

— Sei porque fostes prêso: portastes-vos nobremente, e servistes o rei como bom gentil-homem; mas fostes vítima da vossa boa fé, e um traidor vos armou um laço.

— Du Vernais! murmurou Flor de Maio, ao ouvido do qual a palavra traidor, que a cônega applicava ao cavalheiro, ressoou agradavelmente.

— Ele mesmo; há muito tempo que eu o detestava sem poder explicar o motivo por que sentia esta aversão. Hoje, compreendo; porém, ele não contou comigo.

E a cônega deixou errar pelos lábios de um dêsses sorrisos em que se revela o poder da mulher.

— Convosco? murmurou Flor de Maio admirado.

— Certamente.

A cônega hesitou.

— Porque vos amo, acabou ela em voz baixa.

Flor de Maio não se recordava de que estava prêso. Amo-vos, — não tinha senão estas palavras no coração, e do coração passavam-lhe sem cessar para os lábios. Ora se aproximava vivamente de madame de Mailly, como se receasse perdê-la, ora estremecia como um homem perdido. Caminhava no meio do baile como sôbre nuvens. De repente, passando perto de uma janela meio oculta por flores

e cortinas de sêda, avistou uma das tôrres da Bastilha. Esta vista recordou-lhe não o cativo, mas a ausência.

— Por que estou eu prêso? disse êle.

Madame de Mailly já esperava esta pergunta.

— Enquanto prendieis o senhor Fouquet, Pepe, um homem da vossa comitiva, ferido e ensanguentado, achou meio de falar a du Vernais, e du Vernais encarregou-o de uma mensagem secreta para o superintendente. Partistes; o ferido sai atrás de vós, tomando outro caminho, acha por tôda a parte cavalos folgados, em virtude da senha que du Vernais lhe dera, chega a Paris primeiro do que vós, e entra no palácio de Fouquet antes de entrardes no Louvre.

— Não pode ser, disse o cavalheiro; eu corri quanto é possível, e Pepe estava moribundo. Só o amor ou a vingança podem fazer tais milagres.

— Desde quando tinheis êsse homem convosco?

— Eu não o conhecia, disse Flor de Maio, é um criado do acaso.

— E' vosso inimigo implacável. Quando chegastes, Colbert examinou o que continha a bôlsa de caça do abade, achou mil provas da traição de Fouquet; mas faltava um documento principalmente, aquêle que queria possuir, o único que podia apresentar aos tribunais, o único que continha as assinaturas dos cúmplices. Colbert sabia que tal documento devia estar na bôlsa, mas não estava. Enquanto o superintendente corre a Vaux para pôr outros papéis em segurança, Colbert manda ladrões ao seu palácio de Paris...

— Ladrões?

— Ladrões verdadeiros, tirados expressamente do Châtelet pelo preboste do viscondado e encarregados de lançar mão das jóias e dos papéis para o senhor Colbert. E sabeis o que êles apresentaram no ministério das finanças?

— O documento que o abade trazia consigo e que eu não soube descobrir.

— Não; mas uma carta de Pepe para o superintendente e que só continha estas palavras: "— Senhor, o cavalheiro de Chastenay prendeu vosso irmão para obede-

cer a el-rei. Restituo-vos êste papel para vos provar a sua dedicação." Esta carta de Pepe está nas mãos do rei; de sorte que êle não tem provas contra Fouquet, e a tem contra vós.

— Mas, disse Flor de Maio, isso é uma mentira infame.

— E' uma invenção de Pepe e de du Vernais para vos perder. A carta estava na secretária do superintendente, que talvez não a tivesse visto; e Pepe tê-la-ia infalivelmente levado a Colbert, se Colbert não o mandasse prender.

— Desgraçado! E o rei condena-me pela acusação de tal miserável, por um pedaço de papel?

— Que dizeis? Pepe está no Châtelet; acusa-vos; jura por tudo quanto há que traístes el-rei.

— Estais certa disso?

— Disse-me êle.

— Mas interroguem o senhor Fouquet.

— O senhor Fouquet nega todos os seus agentes. Além disso, du Vernais está de acôrdo com Pepe. Vi o seu depoimento em casa de Colbert.

— O' meu Deus! jazer aqui! e passar por um traidor! E não haver ninguém que diga a el-rei que teria dado por êle todo o meu sangue!

— Disse-o eu.

— Vós, minha senhora? Falastes a el-rei, falastes a Colbert, falastes a Pepe na sua prisão, achastes meio para me ver e para me escrever?...

— Passei dois dias chorando como uma mulher, e oito dias trabalhando como uma amante. Haveis de sair daqui; quero-o eu, disse ela vendo o cavalheiro menear a cabeça. Já tenho gente nossa na praça. Foi preciso muita diplomacia para fazer entrar Coquelicot, sob um nome suposto, entre os veteranos da Bastilha. Ficai em paz; esperai o resultado dos nossos esforços, e, suceda o que suceder, não vos admireis de coisa alguma.

— Ah! disse o cavalheiro, só se sai da Bastilha por vontade do rei...

— Vamos, respondeu madame de Mailly sorrindo e apertando-lhe a mão, nada de pensamentos tristes! Esqueçamos, é o segredo de gozar. Tenho em meu poder um talismã que pode abrir as portas da Bastilha. Dance-mos. A nossa conversa já está muito comprida, e o senhor de Launay pode muito bem desconfiar alguma coisa.

Fêz-se ouvir a inebriante melodia de uma valsa, essa dança trazida da Polônia pelo rei Henrique III, e Flor de Maio, êbrio de amor, passando o braço em volta da cintura da moça, arrastou-a por entre o turbilhão de harmonia, de veludo e de sêda que o rodeava, e se desenrolava como os longos anéis de uma cadeia nas salas do senhor governador da Bastilha.

Depois da confissão de madame de Mailly, esta valsa de dez minutos devia ser um século de felicidade para os dois amantes; e contudo o sonho acabou, as rabecas generaram a última nota, os valsantes pararam, e a cônica, a quem Flor de Maio dera o pergaminho, disse-lhe em voz baixa:

— Agora, deixai-me, para que o senhor de Launay não tenha a menor desconfiança. Amanhã à noite, sereis sôlto. O vosso libertador dar-vos-á um cavalo, um passaporte para os Países-Baixos, e mandar-vos-á partir; obedecer-lhe-eis; mas em vez de tomardes a estrada das Flandres, embrenhar-vos-eis na floresta de Chantilly, e ireis em direção de uma casinha de campo que fica na extremidade norte do bosque. Talvez lá chegueis pela meia-noite, mas não importa! batei três pancadas, abrir-vos-ão a porta. O cavalheiro foi o causador dos vossos infortúnios; mas eu vos fornecerei os meios de reparar as vossas faltas aos olhos do rei.

Madame de Mailly deixou Flor de Maio no meio de um grupo de moços cavalheiros que se apressaram a felicitá-lo pela elegância com que valsava e a formosura da sua parceira.

O senhor de Launay foi ter com êle:

— Cavalheiro, eu fui rapaz e entendo de amôres. Ora, estou persuadido de uma coisa.

— De quê?

— De que a cõnega vos ama.

— Pois julgais isso? perguntou Flor de Maio hipòcritamente.

— Decerto, cavalheiro.

— E se assim fõsse?

— Dar-vos-ia um conselho.

— Vamos a ouvir o conselho.

— Casai com ela.

— Então esqueceis-vos do lugar em que estou?

— Quem sabe? talvez saiais...

— Já me dissestes o contrário.

— Eu, senhor, disse o governador sentenciosamente, sou muito jogador para não acreditar no acaso. Se o acaso vos proteger, saireis; se fôr contra vós, nunca espõsareis a sobrinha da marquesa. E' negócio de sorte.

— E se eu me evadissem? disse Flor de Maio ousadamente.

O senhor de Launay estremeceu.

— Menos esta noite, tenho a vossa palavra.

— Esta noite, não, mas amanhã...

— A coisa é tão difficil que não vô-la aconselharei. O melhor de tudo é esperar.

E o senhor de Launay separou-se do prêso, cumprimentando-o.

— Pobre rapaz! disse o velho sorrindo, eu bem sei que êle morrerá aqui, mas lancei-lhe um pouco de bálsamo no coração. Era o meu dever de dono da casa, e o governador da Bastilha não poderia censurar-me por isto.

O senhor de Launay esfregou as mãos, e aproximou-se de um grupo de senhoras que estavam conversando. Flor de Maio deu algumas voltas pela sala, trocou ainda um ou dois olhares de intelligência com a cõnega, depois eclipsou-se e voltou para a prisão, a um sinal que ela lhe fêz. Adormeceu aos derradeiros estridores do sarau, com o coração e a cabeça em delírio; sonhou os sonhos mais felizes que pode ter um oriental farto de ópio ou saturado de haxixe, e só acordou dia alto.

Esperava-o ao acordar um pensamento amargo e pungente, levantara-se-lhe à cabeceira uma imagem pálida e tétrica, a imagem de Bluete. O irmão tinha-lhe desonrado o sangue, e ele, Flor de Maio, ousava amar a irmã.

— Não! isto não há de ser assim, nem pode ser assim. Não quero a minha liberdade, prefiro morrer aqui.

O dia da véspera fôra belo para ele, o dia seguinte devia ser sombrio e triste. Recaiu na profunda tristeza em que estava completamente absorto, quando recebeu o bilhete contido na noz, e viu Coquelicot. Esteve todo o dia com o rosto encostado às grades, a fronte banhada de suor, as mãos crispadas pela cólera, e as horas passaram e a noite chegou.

Era tempo de virem buscar Flor de Maio para o seu passeio na plataforma. Ressoaram passos à porta do seu cárcere: abriu-se a porta, apareceu um homem atrás do carcereiro, e ordenou a êste último que se retirasse.

Foi imediatamente obedecido. Vendo êste homem, Flor de Maio soltou um grito de surprêsa e recuou um passo. Era o visconde de Mailly.

— Felizmente, exclamou o senhor de Mailly correndo para Flor de Maio, felizmente, querido amigo, torno a vos ver.

E quis apertá-lo nos braços; Flor de Maio repeliu-o. Por seu turno, o visconde recuou interdito.

— A estada na Bastilha ter-vos-á enlouquecido, meu amigo, ou acaso não me conheceis?

— Senhor, respondeu Flor de Maio, não estou louco, e reconheço-vos perfeitamente, sois o visconde de Mailly. Até adivinho o motivo por que vos achais aqui; vindes fazer-me sair da Bastilha. Obrigado, senhor, não quero dever a minha liberdade ao assassino da minha honra.

O visconde soltou um grito e recuou.

— Senhor, continuou Flor de Maio, se me permitirdes, contar-vos-ei uma triste história. Havia em Blois um ancião, uma menina e um menino. O ancião era meu pai, a menina minha irmã, o menino era eu. Vivíamos felizes, quando a desgraça e a vergonha entraram em nossa casa.

Um desconhecido seduziu, raptou a jovem; levou-a consigo, trouxe-a consigo perto de doze anos, levou-a a tôda a parte do mundo. O que ela sofreu, sabe-o Deus. O ancião mandou o menino tomar luto, e disse-lhe que sua irmã tinha morrido, depois morreu de dor e de vergonha, e o menino ficou só e cresceu, chorando pai e irmã. Uma noite, muito tempo depois, há cêrca, de dois anos, quando todos já dormiam na casa do órfão, bateram à porta; um criado acordado em sobressalto, correu a abrir e soltou um grito de espanto e de horror. A sombra de minha irmã voltava. Ah! era realmente a sua sombra pálida e tétrica, a sombra da jovem pura e risonha, aquela mulher vestida de prêto, os olhos brilhantes de febre, o rosto emagrecido pelo sofrimento. Apertou-me nos braços e disse-me:

— Eu não morri, mas tenho sofrido tanto que não sei bem se estou viva! Não me interrogues, não me faças nenhuma pergunta. Esconde-me, quero estar morta para todos.

“A partir dêsse dia, não tornou a sair, e ninguém em Blois desconfiou que mademoisele Bluete de Chastenay não tinha morrido. E o acaso, senhor, êsse acaso terrível que rasga os véus mais espessos, disse-me o nome do seu sedutor. Sois vós!

E Flor de Maio lançou ao visconde um olhar de desprezo. O senhor de Mailly escutara, pálido e com a cabeça curvada, a triste história de Flor de Maio. Alçou a fronte, quando êste acabou de falar, e respondeu:

— Tende a bondade de escutar-me: contar-vos-ei por minha vez uma história ainda muito mais triste. Mademoisele Bluete de Chastenay chama-se há doze anos viscondessa de Mailly.

Flor de Maio soltou um grito:

— E' impossível!

— E' verdade, respondeu o visconde com dignidade; mademoisele de Chastenay é minha mulher.

Proferindo estas palavras, tornou-se o visconde de uma côr lívida, e gôtas de suor ensoparam-lhe o rosto.

— Mas perdemos tempo, acrescentou êle dominando-se com esforço. Saíamos daqui, cavalheiro; tenho meio

para vos fazer sair da Bastilha; não percamos um minuto.

E deu um passo para a porta. Flor de Maio sentou-se com ar prostrado:

— Ide, senhor. Se não seduzistes minha irmã, abandonaste-la. Não posso aceitar os vossos serviços.

— Em nome do céu, cavalheiro, segui-me, assim o pede a vossa honra .

— A minha honra! respondeu o cavalheiro estreme-cendo e pondo-se em pé. Mas tornou a sentar-se, murmu-rando: A minha honra! eu sei o que fizestes dela?

— Lembrai-vos de que madame de Mailly vos ordena que fujais.

Flor de Maio suspirou e não respondeu. O visconde deu um passo e quis pegar-lhe na mão. O cavalheiro levantou-se rapidamente, as faces vermelhas, o olhar inflamado.

— Para trás, senhor, exclamou êle; bem vêdes que estou desarmado!

— Mas quem vos disse, exclamou o visconde, que sou eu que tenho contas a prestar!

— Bluete! insultais Bluete, o meu anjo, a minha adorada irmã! Provas, senhor, provas, quero provas. Oh! haveis de retratar essa calúnia! Haveis de dar-me uma satisfação! Todo o vosso sangue. Prêso, meu Deus, prêso!

Enquanto Flor de Maio estorcía as mãos com desespero, o visconde olhava para êle com um misto de com-paixão e de ternura:

— Quereis provas? disse êle, acompanhai-me, eu vô-las darei. Quereis uma vingança? Segui-me para fora de Paris. Na carruagem que nos espera estão armas.

— Senhor, disse Flor de Maio, nós temos terríveis contas a liquidar; para isso preciso da minha liberdade. Sigo-vos, caminhai, vamos à vossa casa.

Flor de Maio pôs a sua capa, e, guiado pelo visconde, atravessou os escuros corredores e desceu as escadas úmi-das do triste edificio. O visconde caminhava com passos firmes, como homem que nada tinha a recear. Flor de Maio não pensava; caminhava como num sonho. Só lhe



enchia o pensamento sua irmã acusada e desonrada. Prêso de cólera e de desespero, sentia-se indiferente ao cativeiro; quase esquecia o seu amor. O visconde fê-lo descer uma escada, atravessar uma estreita portinha, junto da qual velava sem cessar um guarda-chaves. Correram-se ferrolhos pesados, e bateu-lhes no rosto um ar fresco. Estavam num pátio muito semelhante a um jardim melancólico, onde vegetavam algumas flores raquíticas e cercado por altos muros. Um homem, que caminhava diante dêles, conduziu-os a uma escada de dois ou três degraus. A porta, que abria para esta escada, não tinha ferrolhos, nem fechaduras maciças. Dava para um vestibulo, onde passeava um soldado, com a partasana ao ombro. O soldado era Coquelicot.

— Camarada, disse o homem que os precedera, aqui vem um prêso que êste senhor conduz à presença do governador, segundo a ordem do senhor Colbert. Entrego-o nas vossas mãos. Depois, voltando-se para o cavalheiro, acrescentou: Sem dúvida ides ser livre; Deus vos abençoe!

Saiu dizendo estas palavras e puxou a porta sôbre si.

— Silêncio, disse em voz baixa o visconde; a ordem assinada pelo senhor Colbert, e que nos serviu para prender o senhor abade Fouquet, bastou-me para chegar até vós, e espero que há de me bastar para vos conduzir fora da Bastilha; mas era necessário apresentarmo-nos ao governador, é a regra invariável, e esta ordem que basta para os subalternos, não bastaria para o sr. de Launay. Esperei que Coquelicot estivesse aqui de guarda. Assim que o homem que nos acompanhou tiver entrado na Bertaudière, Coquelicot sairá primeiro do que nós, como se recebesse ordem do senhor de Launay, e conduzir-nos-á à porta falsa. Mas se o senhor de Launay entrar aqui, ou nos avistar enquanto atravessamos o jardim, estamos perdidos todos três.

Coquelicot avançara pé ante pé até uma porta que dava diretamente para o gabinete do diretor. Chegando aí, escutou atentamente. O coração batia-lhe com força. O senhor de Launay fêz um movimento que os fêz tremer;

depois, calou-se tudo. O visconde espreitou pela janela, e fêz sinal de que era tempo de sair. Coquelicot foi atrás de uma caixa tirar uma espada curta, que aí tinha escondido, e deu-a ao seu amo. Depois, entraram no jardim; Coquelicot caminhando diante com a sua partasana, o visconde atrás, com a ordem estendida na mão e dando o braço a Flor de Maio. Assim chegaram sem obstáculo à porta exterior; mas era preciso uma ordem assinada pelo senhor de Launay para abaixar a ponte levadiça, pela qual só se passava um a um.

O guarda estava numa estreita guarita de pedra na extremidade do caminho; levantou-se negligentemente vendo dois gentis-homens de espada, precedidos por um soldado do governador. Bastou a Coquelicot um relancear de olhos para se assegurar de que ninguém os seguia. De um salto, lançou-se sôbre a bôca do guarda, na qual introduziu a extremidade do seu lenço, ao mesmo tempo que o senhor de Mailly o amarrava sôlidamente com a sua gravata e o laço da espada. Coquelicot fêz ao mesmo tempo abaixar a ponte levadiça, que atravessaram a passo grave, por causa das sentinelas que os viam do alto do baluarte. Na esquina da rua de Santo Antônio, estava uma carruagem para a qual se dirigiram sem apressarem o passo, esperando a cada momento ouvir um tiro de mosquete; mas tudo lhes correu bem. Um lacaio sem libré abriu a portinhola e a fechou sôbre êles; depois, a carruagem partiu como um relâmpago.

Coquelicot caiu nos braços de seu amo:

— Ah! até que enfim estais livre, senhor cavalheiro!

Flor de Maio abraçou-o; mas o servo fiel sentiu desvanecer a sua alegria vendo o ar triste dos seus companheiros. Ao fim de vinte minutos, os cavalos pararam diante do palácio da rua de Saint-Jacques, cismando Coquelicot em qual seria o triste drama que se tinha passado entre êstes dois homens, que, ainda há pouco, tanto se estimavam, e que tinham agora uma atitude hostil em frente um do outro. O senhor de Mailly entrou em sua casa sem ter trocado uma palavra com Flor de Maio; conduziu-o à sala

de aspecto lúgubre que dava para o jardim, deixando Coquelicot na antecâmara.

Depois, abriu uma gaveta, e tirou um maço de cartas, entre as quais escolheu uma.

— Olhai, disse êle, conheceis a letra de Bluete?

E deu-lhe a carta. Flor de Maio pegou-a tremendo. Era uma carta amorosa, em que transpirava a mais violenta paixão, uma dessas cartas como só pode escrever a mulher cuja razão se desvairou e que é dominada por uma paixão fatal. Caía o suor da fronte pálida de Flor de Maio. Virou e revirou a carta nos dedos, como um homem que procura a palavra de um enigma fatal, depois olhou para o sobrescrito: "Ao senhor cavalheiro du Vernais."

Flor de Maio soltou um grito de horror.

O visconde apresentou-lhe então uma segunda carta, datada de Gênova, e concebida nêstes têrmos:

"Senhor, quando ontem vos apresentastes em minha casa, não estáveis em estado de me ouvir. A carta que um acaso fatal fêz cair em vossas mãos explica a vossa cólera. Quisestes um duelo; não podia deixar de o aceitar. Ontem, quando o ferimento que me fizestes permitiu que não se continuasse o combate, declarei diante dos vossos padrinhos que não vos tinha feito nenhuma ofensa. Repito-o hoje, porque esta é a verdade. O meu ferimento talvez seja mortal; mas, ou viva ou morra, é mister que saibais que sou incapaz de trair um amigo. Disseram-me que não quisestes tornar a ver madame de Mailly. Esquecei-a, é o único conselho que um amigo vos pode dar. Juro-vos pela minha honra que eu nunca a amei. Tinha na alma uma paixão que me defendia contra ela. Não posso escrever mais; mas, em nome do vosso descanso, em nome daquela que banistes, vinde ver-me, é necessário que venhais ver-me, enquanto me resta alguma fôrça para vos falar. — *Du Vernais.*"

— Quando recebi esta carta, disse o senhor de Mailly, estava quase louco de dor. E caí com uma febre terrível; durante muitas semanas, julgaram-me prestes a morrer. Du Vernais, embora ferido, veio à minha casa; foi a primeira

pessoa que vi, quando recuperei os sentidos; ignoravam o nosso duelo e a causa do seu ferimento. As suas primeiras palavras confirmaram as declarações da sua carta. Madame de Mailly amara-o, e dera a conhecer o seu amor. Escrevera-lhe aquela carta vergonhosa e fatal. O seu crime e a minha desgraça não iam mais além. Não era isto já bastante para matar-me? Não sei se a frieza de du Vernais e os seus conselhos a tinham esclarecido, ou se a sua consciência se havia despertado no momento de trair os seus deveres; mas adquiri a prova de que ela mesma suplicara a du Vernais que se afastasse dela, e que êle se dispunha a partir no mesmo dia em que o obriguei a bater-se... sabeis tudo, senhor...

O visconde falara até ali com esforço, mas contendo-se para parecer sossegado. Neste momento, abandonou-o a sua firmeza. Deixou-se cair numa cadeira de braços, e ocultou a cabeça entre as mãos, correndo-lhe as lágrimas por entre os dedos. Flor de Maio olhava para êle imóvel. Ocorriam-lhe à idéia uma infinidade de pensamentos contraditórios.

— Achais-me bem covarde, disse o visconde levantando-se. Pois confesso que ainda a amo! Há momentos em que a minha loucura chega a tal ponto que duvido do testemunho dos meus olhos. A minha vida não é senão um longo martírio. Escrevo-lhe tôdas as noites cartas que ela jamais há de ler. Tôdas as noites me ajoelho diante do seu retrato, naquele pavilhão, de que ela era a habitante misteriosa, e então esqueço, parece-me que ainda está ali.

Pronunciando estas derradeiras palavras, o visconde viu-se obrigado a procurar um apóio. Êste homem tinha o inferno no coração. Flor de Maio escutava-o como um homem que estivesse ouvindo ler a sua sentença de morte.

Estiveram silenciosos perto de um quarto de hora. O visconde estava absorto na sua dor; Flor de Maio fazia esforços sôbre-humanos para dominar a sua, e para ser

senhor do seu pensamento. Os fatos eram evidentes; e apesar de tudo, o seu amor por Bluete, o seu ódio por du Vernais lutavam contra a evidência. A porta do gabinete abriu-se de repente, e apareceu Coquelicot.

— Perdeis um tempo precioso, disse êle. A cada momento pode ser descoberta a evasão do cavalheiro. E' necessário sairmos de Paris o mais breve possível.

O visconde não deu mostras de ter ouvido, mas Flor de Maio saiu do seu sonho. Adiantou-se com andar grave para o senhor de Mailly. Estava transfigurado. Sob o pêso dos acontecimentos da vida, esta criança tornara-se homem em poucos minutos. Pôs a mão no ombro do senhor de Mailly, que se levantou estremecendo.

— Mudemos as nossas capas, disse êle, substituamos as nossas espadas por punhais. Vão dois criados vossos na vossa carruagem pela estrada de Orleans. Saiamos pela porta do fundo do vosso jardim. Coquelicot vai esperar-nos com os cavalos à entrada da rua da Barilerie. Escrevi uma carta à senhora cõnega dizendo-lhe que partis para Orleans. Esta carta será interceptada pela policia, e servirá para lhe fazer perder a pista. Depressa, bastará uma palavra. Agora, levantai-vos e partamos.

O senhor de Mailly deixava-se guiar passivamente. Os três cavalheiros atravessaram a passo as ruas mais frequentadas de Paris, e passaram plâcidamente as barreiras.

— Agora, a galope, disse Flor de Maio assim que chegaram ao campo. Os três cavalos voaram.

Flor de Maio lembrava-se das palavras da cõnega: — Ao invés de tomardes a estrada de Flandres, atravessai a floresta de Chantilly e não pareis senão à porta de uma casinha isolada na extremidade norte do bosque. — Dentro em pouco, avistou no horizonte as primeiras árvores da floresta. A planície descia para a esquerda, de sorte que formava um pequeno vale do qual se avistavam as chaminés de um palacete cercado de carvalhos e de plátanos, e para onde corduzia um caminho pouco frequentado.

Flor de Maio, chegando ao lugar onde o caminho cortava a estrada real, pôs a mão no braço do senhor de Mailly, que galopava ao seu lado.

— Entrai no mato, disse êle, e dai descanso aos cavalos. Daqui a um quarto de hora, estarei convosco.

O senhor de Mailly transpôs o fôssco sem responder. Coquelicot seguiu-o e Flor de Maio tomou pela vereda a tôda brida. Dez minutos depois, o seu cavalo parou, fumegando diante de uma grade que imediatamente se abriu.

### CAPÍTULO XIII

## O COFREZINHO DO SENHOR FOUQUET

Ao estrépito dos passos do cavalo, abriu-se uma veneziana do primeiro andar, surgiu uma cabeça, ouviu-se um grito de mulher. E o coração de Flor de Maio, coração que há uma hora era só desespêro e frio mortal, bateu com violência.

Madame de Mailly desceu correndo, os braços abertos e exclamou:

— Finalmente, estais salvo! Vinde, vinde! e pegando-lhe pela mão: vinde, preparei-vos uma surprêsa, uma felicidade.

Flor de Maio não compreendia. Ela arrastou-o, fê-lo entrar na casa de campo, conduziu-o ao primeiro andar e abriu uma porta.

Flor de Maio soltou um grito. Numa salinha, fracamente iluminada por um lampião, estava uma mulher vestida de preto, triste e risonha, ao mesmo tempo. Era Bluet!

Ela correu para Flor de Maio, que recuou um passo e disse-lhe:

— Vós aqui, senhora viscondessa de Mailly!

— Viscondessa de Mailly! exclamou a cônega.

E olhou pasmada para Flor de Maio, julgando que estava doido! Então, Flor de Maio olhou para ela também, ao mesmo tempo que Bluete caía aniquilada na cadeira que ocupava um minuto antes.

— Sim, minha senhora, disse êle, esta senhora é minha irmã, e minha irmã é casada com o visconde vosso irmão.

A cônega correu para Bluete que estava pálida, tremendo.

— Será verdade? Será verdade?

— E', balbuciou Bluete com voz moribunda.

— E tínheis-me ocultado isso, minha irmã? exclamou a jovem apertando Bluete entre os braços.

Bluete ficou muda. Madame de Mailly olhou para Flor de Maio. Êle, que estava imóvel na porta, olhou para Bluete. Bluete tremia como as fôlhas ressequidas, que o vento do outono arranca e espalha pelo chão.

— Meu Deus! murmurou ela, que mistério tão triste vós ambos me ocultastes? Por que razão vós, Flor de Maio, vós a quem amo, vós que me amais, e que vossa irmã adora, estais assim pálido e abatido na sua presença? Por que razão vós, senhora, vós que viestes à minha casa suplicar-me por vosso irmão... Ah! exclamou interrompendo-se de súbito, agora adivinho o motivo por que não queríeis que o visconde vos visse, nem que soubesse que estáveis aqui, e a razão por que exigistes que êle ignorasse estas últimas visitas que eu concedia a Flor de Maio.

A cônega continuava a olhar para ambos, e procurava em vão a explicação dêste terrível enigma. Finalmente, Flor de Maio deu um passo para ela:

— Minha senhora, esquecei-vos de que vos amei, esquecei-vos de que me amais, não podemos, não devemos nos tornar a ver.

E dirigiu-se a sua irmã:

— Vem, vem, acompanha-me, e vamos tão longe que percamos até a recordação do passado.

A estas palavras Bluete soltou um grito, levantou-se, e olhou para Flor de Maio:

— Ah! também tu, também tu me condenas?

E, no acento desesperado desta mulher, houve como um desses gritos da alma que revelam a inocência. Este grito, estas palavras tocaram no fundo a alma de Flor de Maio.

— Mas fala, fala, minha irmã! defende-te, defende-te, dize-me que aquêlê homem é um miserável, um demônio.

— Jurei! murmurou ela despedaçada, jurei sôbre um crucifixo!

Flor de Maio estava louco de dor. A cônia aproxima-se de Bluete, e estendeu-lhe a mão:

— Minha irmã, quereis abraçar-me?

Bluete lançou-se nos braços da cônia com um grito de reconhecimento.

— Oh! se soubésseis, disse ela.

— Sei que estais inocente. Sois minha irmã, duas vêzes minha irmã, acrescentou ela ao ouvido da irmã do pajem, cobrindo-a de afagos.

Pela primeira vez, depois de tantos anos, um relâmpago de felicidade iluminou os olhos de Bluete; depois, voltou-se para seu irmão que estava irresoluto, dividido entre o seu coração e as suas recordações.

— Meu irmão, disse ela, perdô-te a tua hesitação. Fiz quanto pude para te ocultar êste triste segredo; mas, talvez, fôsse bem necessária esta revelação. Por hoje, contenta-te com a minha palavra. Primeiro que tudo é preciso salvar-te; e quem sabe se não seremos salvos ambos? Vim aqui, para junto dêste anjo, animada de uma dupla esperança. O' meu Flor de Maio, que aflições não foram as minhas quando soube que estavas prêsô! A nossa amiga recebeu-me nesta casa solitária; e foi aqui que combinamos tudo para a tua fuga. Se estás fora da Bastilha, deves a ela; mas não estás livre, não estás salvo! E' ela, só ela quem acabará a sua obra.

A cônia quis falar, mas Bluete puxou-a para o seio como uma criança, e continuou pondo-lhe a mão na bôca:

— Tu queres deixá-la, meu Flor de Maio; queres fazer êste sacrifício à tua honra de irmão. Não sabes que ela há



quinze dias tem revolvido meio mundo por tua causa? Sabes que se apresentou na côrte, que se lançou aos pés d'el-rei; que não saiu das antecâmaras do senhor Colbert sem desanimar com o seu mau modo, sem se desalentar com as suas iras; que espalhou dinheiro às mãos cheias para poder falar a Pepe; que a vi voltar para aqui tremendo de horror das masmorras, fatigada, morta de cansaço, farta de lutas e de angústias, e não renunciando a uma esperança destruída senão para urdir novo plano e pô-lo em execução?

Enquanto Bluete assim falava, Flor de Maio estorcias as mãos; sentia o coração voar para a sua amante. A cônia levantou-se:

— Não teremos nada feito, enquanto não entregardes nas mãos do rei as provas da traição do superintendente. A vossa liberdade, a vossa reabilitação estão dependentes d'este pergaminho. Escutai-me sem me interromper, disse ela vendo que Folr de Maio queria falar.

Ela abaixou os olhos, e acrescentou com a voz mais terna:

— Amanhã, tornaremos a pensar no nosso amor.

Flor de Maio pegou-lhe na mão, e beijou-a, unindo-a à mão de Bluete.

— Cavalheiro, disse a cônia, mais tarde vos direi como soube que du Vernais era o depositário da ata da associação dos senhores bretões com Fouquet. Vi-me obrigada até a descer à dissimulação e à astúcia para conseguir esta certeza. Deus me perdoe! mas era absolutamente preciso. Enfim, soube-o com tôda a certeza, depois de haver me enganado muitas vêzes no caminho. Du Vernais, saindo da Bastilha...

— Que! disse Flor de Maio, Du Vernais está livre?

— Du Vernais, o abade Fouquet e Pepe. Não havia prova legal contra eles, foi necessário soltá-los e fazer recair tôda a culpa sôbre vós. O superintendente não quis tornar a ver du Vernais, que se queixou amargamente de ter sofrido por causa d'ele e de ser ele o autor da sua adversidade. Bluete foi quem primeiro se lembrou de que esta adversidade, tão completa, era muito pouco motivada, muito repentinamente lançada em rosto, para não ser um disfarce.

Passamos dois dias inteiros, ora no fundo dum coche, ora passeando disfarçadas em volta do palácio do cavalheiro, a fim de examinarmos se alguém o procurava da parte do superintendente. Vimos sair a liteira, à noite, sem archotes; isto era um indício, porque du Vernais ainda não pode mover-se, porque os seus ferimentos o obrigam a estar de cama, e ia na liteira entre dois lençóis. Ordenamos ao nosso cocheiro que o seguisse; porém, du Vernais viu-nos, e mudou repetidas vêzes de caminho para nos fazer perder a pista. Finalmente, saímos de Paris pela estrada que costeia o Sena para irmos à aldeia de Versalhes. Estávamos a meia légua quando um homem da sua escolta voltou para trás, tomou a nossa frente, e matou-nos um dos cavalos com um tiro de pistola. Não tínhamos conosco senão Coquelicot que nos servia de cocheiro; êle não entrou na Bastilha senão dois dias depois; restava-nos um cavalo; monta-o, disse-lhe eu, e não voltes senão quando souberes onde vai o cavalheiro.

— E vós o que fizestes? perguntou Flor de Maio.

— Eu, disse Bluete, estava meia morta de susto; mas a cônega mostrou-se tão intrépida como um capitão habituado ao fogo.

— Coquelicot, continuou a cônega, seguiu o cavalheiro até Besons, onde êle tem uma quinta, e não sei por que jeito conseguiu vê-lo, não só nesta ocasião, mas em todos os dias seguintes. Viu tirar da liteira um cofrezinho, que depois desapareceu; mas soube por Antônio, criado grave do cavalheiro, que era um depósito precioso trazido na noite precedente com mistério para o palácio do cavalheiro, em Paris. Era um raio de luz. Demos dinheiro aos criados que tinham ficado no palácio, e um dêles confessou-nos que de noite tinha vindo disfarçado um confidente do superintendente, trazer um cofrezinho ao senhor du Vernais. Agora, senhor de Chastenay, ide a Besons. A minha esperança está tôda nos misteriosos recursos de Coquelicot. Não sei eu homem para vos acompanhar! Mas aqui está terminado o meu papel, e mais não posso senão rezar por vós.

— Acompanhar-vos-ei eu, meu irmão, disse Bluete. Não me digas nada, não é uma irmã atemorizada que se liga

aos passos de seu irmão. O meu destino, como o vosso, há de ser decidido esta noite.

E acrescentou como se falasse consigo mesma:

— E' preciso que du Vernais me desligue do meu juramento, ou que eu morra.

Flor de Maio estremeceu a estas palavras; mas não abriu a bôca. Só a cônega procurou desviar Bluete do seu intento:

— Acaso podeis ir sem perigo à casa de du Vernais, vós que nem sequer podeis ouvir pronunciar o seu nome sem estremecer?

— Não é du Vernais que eu mais temo neste momento, respondeu Bluete pondo a mão no coração, para lhe conter as palpitações; o senhor de Mailly, acrescentou ela com voz trêmula, acompanhou-vos com Coquelicot? Não importa, está lançada a sorte! Dá-me a minha máscara e abraça-me, minha irmã, disse ela com uma energia singular; Flor de Maio, partamos. Sobretudo, acrescentou ela estendendo a mão para êle, é necessário que o senhor de Mailly não saiba. Só me descobrirei no último momento. Deus se compadeça de mim! Partamos!

Flor de Maio seguiu-a sem responder. Enquanto a cônega se prostrava de joelhos, o visconde seguia Flor de Maio e a senhora mascarada, sem proferir uma palavra, como homem a quem o mundo é indiferente. Flor de Maio partiu primeiro, levando a seu lado Bluete; o visconde e Coquelicot montaram a cavalo, e partiram a galope atrás dêles.

#### CAPÍTULO XIV

### LIQUIDANDO CONTAS

Era quase uma hora da manhã quando Flor de Maio, o visconde, Coquelicot e Bluete se puseram a caminho. Quem visse passar esta mulher vestida de preto e pálida como uma alegoria da tristeza eterna, escoltada por êstes três homens

armados dos pés à cabeça, e guardando entre si um silêncio profundo, teria adivinhado que estes quatro personagens iam efetuar uma dessas missões solenes e terríveis, em que Deus parece ceder à criatura humana o seu direito de castigo supremo. A casa de campo de Besons ficava longe; era necessário atravessar duas vezes o Sena, e Bluete e os seus companheiros andaram cêrca de duas horas, ora pela estrada, ora cortando pelo campo para abreviar o trajeto. Finalmente, pelas três horas, ao amanhecer, viram desenharse, ao despontar da manhã, as pequenas tórres agudas daquele castelo encostado às colinas de Cormeilles.

— Lá está a casa, disse Coquelicot estendendo a mão.

— Se êle não tiver já morrido, irá bem o negócio, murmurou o cavalheiro.

— Ontem, ainda estava vivo, respondeu Coquelicot; creio mesmo que as suas feridas não são mortais.

Flor de Maio não pronunciou uma só palavra; mas esporeou o cavalo alagado em suor. Tinha pressa de chegar.

O palácio em que o cavalheiro du Vernais morava não era uma pesada construção da idade média. Era um edificio elegante, que mal se remontava à Renascença, sem baluartes, nem pontes levadiças, nem fôssos lodosos, nem os outros meios de defêsa com que se rodeava o feudalismo. Uma simples grade defendia-lhe a entrada, e esta grade estava aberta a maior parte do tempo.

Bastou Flor de Maio empurrá-la para poder entrar no parque.

— Um momento, senhor cavalheiro, um momento! gritou Coquelicot.

Flor de Maio parou.

— Que é que tu queres?

— Senhor, respondeu o escudeiro, o cavalheiro du Vernais está ferido e pode ser que desmaie se alguém lhe entrar no quarto de repente. Permitti-me, pois, que vos anuncie e vos introduza.

E Coquelicot, como homem que conhece bem os cantos da casa, fêz aprear os seus três companheiros ao fundo da

escada, chamou Antônio e disse-lhe, no momento em que êste, acordado em sobressalto, assomava a uma janela do pavimento inferior:

— Amigo Antônio, vêm comigo dois gentis-homens e uma dama, de quem teu amo é muito amigo, e que desejam informar-se da sua saúde.

— Vêm um pouco cedo, disse o laçao bocejando.

— Ora esta! disse Coquelicot ingênuamente, êles vêm de longe para verem o cavalheiro, e não calcularam bem a distância e a hora; abre a porta, anda.

Antônio abriu; estava em boa harmonia com Coquelicot, que parecia estar ali como em sua casa.

— Meu bom amigo, o teu amo está melhor?

— Está, senhor Coquelicot; ainda sofre, mas está melhor.

— Ah! fez Coquelicot com alegria; êle está dormindo?

— Penso que não.

— Muito bem, porque se dormisse, não queria acordá-lo. Mas como não espera a visita dos dois gentis-homens e da senhora, e como pode lhe fazer muito mal a alegria repentina de ver pessoas de que tanto gosta, vou prepará-lo, entrando só no quarto dêle.

E Coquelicot, deixando ao criado o cuidado de fazer entrar Bluete e os seus dois companheiros, subiu em dois pulos a escada, abriu duas portas sucessivamente, e entrou no quarto de dormir do cavalheiro du Vernais, que estava dormitando.

— Quem está aí? perguntou o ferido, afastando as cortinas do leito, e procurando, à luz trêmula de uma lamparina, ver quem assim entrava no seu quarto àquela hora.

— Sou eu, meu querido senhor de La Morlière, respondeu o escudeiro com voz suave; eu, Coquelicot, vosso inimigo ontem, hoje vosso amigo, e que venho saber como passais.

— Ah! fez o cavalheiro com um sorriso amarelo, obrigado pela vossa visita, meu caro senhor Coquelicot.

— Então, disse o escudeiro sentando-se sem cerimônia à cabeceira do doente, como vos achais hoje?

— Um tanto melhor. Mas viestes muito cedo, senhor Coquelicot.

— Não pude vir ontem, e estava desassossegado.

— Ah!

— E além disso, tenho muito que falar a vossa senhoria.

— A mim?

— Sim, senhor de La Morlière; está aí um amigo vosso que vem vos visitar.

— Quem é?

— Em primeiro lugar, o visconde de Mailly.

O cavalheiro estremeceu.

— Mais quem?

— O meu estimado amo, o cavalheiro de Chastenay.

— Esse está na Bastilha! exclamou o cavalheiro, cujos cabelos se eriçaram.

— Já saiu de lá, meu caro senhor de La Morlière.

— Saiu! saiu da Bastilha?

— Ah! disse Coquelicot, pela alegria que isso vos causa, vejo que estais tão admirado como eu. Sim, senhor, meu amo saiu da Bastilha, e a segunda pessoa a quem visita é a vós.

O cavalheiro tentou sorrir, mas só conseguiu fazer uma terrível careta.

— Para quem então, perguntou êle, foi a primeira?

— Ora! fêz Coquelicot; adivinhei.

— Não adivinho.

— Para a cônica. Ora para quem havia de ser?

O cavalheiro empalideceu, e contraiu os punhos sob a cortina da cama.

— Não lhe queirais mal por isso, murmurou Coquelicot com uma bonomia hipócrita, êle ama-a!

— Sim! disse du Vernais chacoteando.

— E ela também, acabou Coquelicot sem se alterar; mas ainda não vos disse tudo.

— Então que mais? disse o cavalheiro cujos cabelos se eriçaram novamente.

— Veio, também, uma terceira pessoa, que, por certo, há-de causar grande surprêsa ao senhor cavalheiro... uma mulher.

— A cônega?

— Não, mas uma senhora que foi muito do conhecimento do senhor cavalheiro.

Du Vernais estremeceu. Coquelicot não achou necessário nomear a terceira pessoa. Levantou-se e abriu a porta:

— Senhor visconde, senhor cavalheiro, minha senhora! entrai!

Estas três pessoas entraram. Primeiro Flor de Maio, com os olhos chamejando; depois, o visconde cuja palidez nervosa traía uma comoção suprema. Seguia-os uma mulher vestida de preto; com o rosto meio escondido por uma máscara de veludo, e cujo olhar fixo traía essa atonia singular que sentem as pessoas a quem o sofrimento, a dor, perseguem sem cessar.

O cavalheiro soltou um grito. Flor de Maio tomou sua irmã pela mão e conduziu-a ao pé do leito.

— Minha irmã, disse êle, fizestes um juramento ao senhor cavalheiro, não é assim?

— Sim, respondeu ela virando a cabeça, como se o rosto do cavalheiro lhe inspirasse um tédio insuperável.

— Um juramento solene?

— Sim, disse ela com um sinal.

— Sôbre um crucifixo?

— Sim.

O visconde aproximou-se como um homem acordado de repente por um trovão. Subiu-lhe todo o sangue ao rosto, os olhos lançaram chispas. Agitou-lhe o corpo um tremor convulso. Bluete tirou a máscara e apertou o braço de seu marido como para lhe recomendar que não falasse. Du Vernais reconquistara um pouco da sua presença de espírito, e o seu gênio infernal manifestou-se novamente no meio da sua admiração e do seu terror.

— A senhora engana-se certamente, respondeu com cinismo; não fêz juramento algum.

— Mentis! exclamou Flor de Maio.

— Senhor, disse o cavalheiro chacoteando, é realmente uma ação muito corajosa e nobilíssima da vossa parte insultar um homem moribundo.

Flor de Maio não se dignou responder e voltou-se para sua irmã:

— Minha irmã, jurareis que êste homem mentiu?

— Juro, disse Blüete com voz firme.

— Basta-me isso.

E voltou-se então para o cavalheiro:

— Senhor, pergunto-vos se quereis desligar da sua palavra a senhora viscondessa de Mailly, minha irmã.

O cavalheiro voltou-se na cama sem responder.

— Senhor, disse Flor de Maio, tremendo de cólera, ordeno-vos...

— Suspendei, disse o visconde de Mailly com voz rouca. Du Vernais, a mim é que deveis prestar contas.

Du Vernais olhou para todos três. Despediram-lhe os olhos um relâmpago de raiva satisfeita. Depois disse estas palavras, muito baixo, mas com voz firme, no meio de um profundo silêncio:

— Não tenho nada que dizer. Nada direi.

O visconde tirou uma pistola do cinto, engatilhou-a e chegou-a à frente de du Vernais.

— Voltai a pistola para o seu lugar, senhor visconde, disse Coquelicot muito desembaraçado. O senhor de La Morlière fará a pedido meu o que recusa às vossas ameaças.

Du Vernais voltou um olhar suplicante para Coquelicot, que não deu mostras de o ter percebido.

— Há dez anos, disse êle, o senhor cavalheiro du Vernais, que então se chamava o senhor de La Morlière, e que comandava uma companhia de "retires", foi encarregado pelo seu general de levar um officio de que dependia a salvação do exército. Depois de passar os piquetes, o senhor de La Morlière picou as esporas, e dirigiu-se para o campo inimigo. Julgava-se certo de não ser observado; mas o acaso, — foi talvez a Providência, — a Providência quis que eu estivesse além dos piquetes como sentinela perdida. Esta mudança de itinerário surpreendeu-me. Avancei, de rastro, até à eminência de onde avistava toda a planície. Daí a pouco, vi o mensageiro appear-se, e dar



um sinal a que responderam. Suiu um oficial inimigo de trás de umas árvores, e o senhor de La Morlière entregou-lhe o seu ofício. Corri, para ver se os alcançava, bem certo de que não fariam uso das pistolas com receio de darem o alarme. Mas, quando me avistaram fugiram. Descarreguei o meu arcabuz ao acaso. O senhor de La Morlière ficou ferido na perna esquerda. Olhai, acrescentou êle num tom adocicado designando o lugar da ferida, pouco mais ou menos aqui. O vosso companheiro vos pôs no seu cavalo, e conseguiu vos salvar. O único despojo que me ficou foi o vosso cavalo e a vossa mala. Magro despojo, na verdade, porque o cavalo era aguado, e a mala só continha uma correspondência sem valor algum para mim. Pois, meu caro senhor, difficilmente me acreditareis; eu que passava no exército por excelente fisionomista, quando vos tornei a ver, há algumas semanas, debaixo do vosso novo nome, custei bastante a vos reconhecer. Não, não vos incomodeis em agradecer-me; isto é verdade, disfarçai-vos maravilhosamente. Foi só depois da prisão do cavalheiro, que lendo a vossa correspondência, que estava em meu poder há dez anos, nela achei a prova irrecusável da vossa identidade, e com que vos mandar para a praça da Grève, meu caro senhor, quando aprouver ao pobre Coquelicot, ou a seu amo, o senhor cavalheiro de Chastenay.

Bluete escutara imóvel a narrativa de Coquelicot. Quando êle se calou, ela se voltou para o lado de du Vernais; mas du Vernais parecia aniquilado.

— Que nos importa um juramento feito a um traidor? exclamou Flor de Maio. Fala, minha irmã. E' sofrer demais por um malvado!

— Jurei, disse Bluete.

— Mas foi um juramento arrancado pela fôrça. Deus não o aceitou.

— Jurei sôbre um crucifixo.

— Mas êsse juramento é um crime. Não, isso não pode ser! Hás de falar.

— Jurei pelo nome de meu pai...

— Pois em nome de nosso pai, em nome de nossa honra, eu, chefe da família, te ordeno que fales.

— Senhora, disse o visconde com os olhos cheios de lágrimas.

Bluete lançou-lhe um olhar de infável ternura fazendo um gesto de recusa; depois retirou-se alguns passos e conservou-se imóvel, semelhante à estátua do desespero. Houve alguns minutos de um silêncio solene. Foi Coquelicot que o rompeu:

— Senhor cavalheiro du Vernais, sabeis que a vossa vida e a vossa honra estão à minha mercê. Juro pela minha salvação eterna que, se não desligardes esta senhora do seu juramento, as provas da vossa traição serão amanhã entregues às mãos do senhor chanceler.

O cavalheiro fêz-se muito pálido, mas conservou-se silencioso.

— Ouvis-me? disse Coquelicot. A praça da Gréve, o algóz, a fôrca, porque os traidores não são decapitados, são enforcados.

Du Vernais fêz um movimento rápido para levar as mãos aos lábios; mas Coquelicot foi mais rápido do que êle e arrancou-lhe um anel que, sem dúvida, continha veneno.

— Êste escudo, disse êle, há de ser quebrado pela mão do algóz; é uma mácula para a nobreza da França. Temos de achar aqui algum carro em que o senhor cavalheiro seja transportado até o Châtelet.

— Quereis, disse du Vernais, me restituir os papéis, se eu consentir ?

— Haveis de desligar esta senhora do seu juramento e entregar a meu amo o cofrezinho do senhor Fouquet.

Pintou-se um profundo espanto nos olhos de du Vernais.

— Vamos, senhor cavalheiro, decidi-vos. Lembrai-vos que não sou eu só que possuo o vosso segredo.

— Consinto!

Du Vernais pronunciou estas palavras em voz baixa, mas todos as ouviram.

— Ah, meu Deus! exclamou Bluete, levantando as mãos para o céu. Dai-me força para lhes dizer que estou inocente, e que este homem foi meu perseguidor e meu algoz.

Houve, então, um momento de terrível silêncio entre as cinco pessoas que estavam no quarto do cavalheiro. Flor de Maio fez Bluete sentar-se numa cadeira de braços.

— Falai, senhora, disse-lhe êle com a autoridade de um chefe de família.

Bluete acabou de domar a sua comoção, e, êstes dois homens que se suspendiam ansiosos ao menor movimento dos seus lábios, fêz a seguinte narração, que transcrevemos textualmente:

“Foi em Florença que encontramos o cavalheiro du Vernais, e aí começou êle as suas relações com o senhor de Mailly. Ao cabo de alguns dias de intimidade, conheci que me rodeava das suas homenagens e ousava esperar o meu amor. Eu amava o senhor de Mailly, meu espôso perante Deus; só opus ao cavalheiro uma fria indiferença e desdém. Não desanimou, continuou a importunar-me com as suas homenagens. Ameacei-o então de contar ao senhor de Mailly o seu abominável procedimento. Dêste dia em diante, o senhor du Vernais cessou de perseguir-me; tornou-se respeitoso e cortês, e evitou cuidadosamente se encontrar comigo a sós, o que já tinha repetidas vêzes acontecido porque o senhor de Mailly gostava dos passeios solitários.

“O cavalheiro tinha alugado uma casa de campo na margem do Arno, a algumas léguas de Florença; convidou-nos para passar lá um dia. O senhor de Mailly aceitou. Não sei que funesto pressentimento se apoderou de mim assim que cheguei lá, e pedi ao senhor de Mailly que voltássemos para Florença na mesma noite.

“— Estais louca, respondeu êle, os vossos receios não são fundados.

“— As estradas estão infestadas de salteadores, balbuciei eu.

“— Mais uma razão para não viajarmos senão de dia. Aceitaremos a hospitalidade do cavalheiro esta noite, e partiremos amanhã ao amanhecer.

"Não me atrevi a continuar insistindo.

"Durante a ceia, o cavalheiro mostrou-se muito agradável para o visconde, e excessivamente respeitoso para comigo. À sobremesa, o senhor de Mailly sentiu-se fatigado, e êste cansaço, que atribuiu à viagem, fêz-lhe sentir desejo de se retirar cedo para o seu quarto, onde se meteu na cama e adormeceu dentro de pouco tempo.

"Eu tinha medo. Ajoelhei e orei. Pela meia noite, abriu-se a porta e entrou o cavalheiro. Soltei um grito e quis fugir.

"— O' meu Deus! disse-me êle sorrindo, pois eu vos faço medo?

"Fechou a porta à chave, e meteu a chave na algibeira.

"— Senhor! disse-lhe eu indignada, se eu acordasse o senhor de Mailly êle matar-vos-ia.

"— O visconde não acorda, respondeu êle; dormirá até amanhã, porque tomou ópio num copo de vinho de Falerno. Nem que o teto desabasse, êle acordaria. Dorme um sono profundo.

"Vi-me perdida, chamei os criados em meu auxilio.

"— Os meus criados me são dedicados, disse-me êle muito tranquilo, não virão. Mas sossegai, senhora, quero simplesmente conversar convosco.

"E êste homem sentou-se, e quis pegar-me a mão. Levantei-me indignada.

"— Pois bem! disse-me êle, conversaremos à distância.

"Tremia; queria fugir.

"— Minha senhora, continuou êle com um sangue-frio cínico, disse-vos que vos amava, menti; nunca experimentei o menor amor, a menor simpatia por vós.

"Julguei que o despeito lhe ditava estas palavras e respirei.

"— Mas, continuou êle, há uma mulher em Paris que amo, e com quem quero casar. Apenas a vi duas vezes; ela não reparou em mim. E' uma linda mocinha de dezessete anos, mademoiselle de Mailly, irmã do visconde.

"— E dirigi-vos a mim? disse eu com desdém.

“— Está visto! respondeu êle, em tudo é preciso em primeiro lugar desfazer o obstáculo sério.

“— Então eu sou um obstáculo?

“— Talvez...

“A estas palavras, o cavalheiro tirou da algibeira uma pistola, e engatilhou-a. Julguei que queria matar-me e soltei um grito.

“— Sossegai, disse-me êle.

E sentou-se à cabeceira do senhor de Mailly, que ainda dormia.

“— Escutai, prosseguiu êle, aos olhos do mundo florentino sois viscondessa de Mailly; mas eu sei que o vosso casamento foi feito sem o consentimento paterno, e que será declarado nulo se o vosso marido o pedir.

“— Que me dizeis? exclamei eu louca de terror.

“— A verdade, disse-me êle; para que saibais imediatamente qual é o meu fim, dir-vos-ei que é preciso para os meus intentos que êste casamento se anule.

“Descobriu-me então uma trama tão odiosa que só o seu gênio infernal podia conceber tal pensamento.

“— Mademoiselle de Mailly, disse-me êle, foi adotada por sua tia a marquesa de Pré-Gilbert. A marquesa é rica; se o visconde, de quem ela ignora a primeira união, casar, obedecerá ao orgulho de raça e deserदारá sua sobrinha, que ficará com um pequeníssimo dote, em prejuízo de seu sobrinho. Ora, eu quero que a minha mulher seja rica, porque dei cabo do meu patrimônio.

“— Entendo-vos, disse eu com desdém.

“— Ora, continuou êle, o visconde está aqui; dorme, vou matá-lo, e assim ficarei bem certo que não casará convosco.

“E, ajuntando o gesto à palavra, levantou a pistola e apontou-a à frente do senhor de Mailly. Apoderou-se de mim o terror, deu-me uma vertigem, não tive nem fôrça de correr para lhe arrancar a pistola, nem para tornar a gritar que me acudissem.

— Se pronunciardes uma palavra, se derdes um passo, disse-me êle, mato-o! Agora, escutai-me.

— O' meu Deus! murmurei eu louca de terror, que quereis de mim? Matai-me se assim o quereis; mas poupai-o, tende compaixão de mim!

— Sentai-vos a essa mesa e escrevei o que eu vos ditar.

“Obedeci. Se êste homem, neste momento, tivesse exigido que lhe desse um beijo no rosto, teria dado para salvar o senhor de Mailly. Então êste miserável me ditou a abominável carta que devia ser o instrumento dos seus tenebrosos desígnios, e depois da carta escrita, pegou nela e mostrou-me um crucifixo que estava pendurado na parede.

— Agora, disse-me êle, perante esta imagem de Deus, pelos cabelos brancos de vosso pai, pela honra do vosso escudo, haveis de me jurar, senhora, que, faça eu o que fizer, diga o que disser, o senhor de Mailly nem ninguém no mundo saberá o que se passou entre nós.

“Hesitei, quis ainda defender-me.

— Dou-vos dois minutos, disse-me êle. E tornou a fazer pontaria para o senhor de Mailly. Delirei; jurei.

Pronunciando estas últimas palavras, Bluete derramou uma lágrima ardente.

— Acabai, senhora, acabou disse, então o visconde.

— Sabeis o resto, senhor. Deixamos êste homem em Gênova, moribundo. Julguei que não escaparia, e nunca perturbaria a nossa felicidade. Ah! como me enganava. Julgastes-me criminosa, o meu juramento não me permitia justificar-me, curvei a cabeça. Julgou-me Deus!

O senhor de Mailly ajoelhou então ante Bluete.

— Senhora viscondessa de Mailly, disse-lhe êle com uma voz lenta e grave, quereis perdoar-me?

E nestas simples palavras, manifestou-se tal impulso de remorso e de amor, de alegria e de angústia, que Bluete lhe lançou os braços em volta do pescoço, e deu-lhe nos lábios um beijo ardente.

— Ah! exclamou ela, eu nunca sofri, tudo isto não passou de um sonho, a felicidade dos anjos não é nada ao pé da minha.

O cavalheiro du Vernais escutara a narrativa de Bluete na atitude desesperada do condenado, a quem lêem a sentença de morte. Compreendera que estava perdido e que se aproximava a hora solene da expiação. A fuga era impossível, todo o meio de defesa inútil. Nem sequer tinha uma arma ao lado.

O visconde soltou-se dos braços de sua mulher e aproximando-se de du Vernais, frio e tranquilo como um juiz:

— Senhor cavalheiro du Vernais, recomandai a vossa alma a Deus; rezai alguma oração, se a sabeis, que ides morrer!

— Perdão! disse uma voz, a de Bluete; perdão! eu perdôo-lhe.

— Mas, exclamou o visconde, eu não lhe perdôo!

— Perdoai-lhe, Armando, perdoai-lhe! disse Bluete; em nome de dez anos de sofrimento, eu vos peço.

— Deixai-me, senhora, êle deve morrer!

A casa estava silenciosa. O dia não tinha nascido ainda, e Antônio, o único que poderia ter dado o alarme, estava tremendo no vestibulo. Flor de Maio tinha sua irmã e a sua própria honra para vingar. O senhor de Mailly recordava-se com desespêro do viço da sua mocidade perdida, da sua consciência perturbada, de sua mulher tão nova e tão pura condenada às lágrimas e ao abandono. Coquelicot, que não vivia senão para seu amo, estava pronto para apunhalar o cavalheiro du Vernais ao primeiro sinal, ou a conduzi-lo ante os seus juizes. Já nada o podia salvar senão a sua própria covardia. Teve mêdo da morte, e, quando viu que Bluete pedia perdão para êle, levantou-se da cama onde jazia, e pediu perdão como ela.

— Não me mateis aqui! Não me mateis! Não quero morrer assim, sem um amigo, sem dar um ai!

E, com sua mão débil, retinha o braço do senhor de Mailly; o desespêro dava-lhe fôrças.

— Entregar-vos-ei o cofre!

O braço do visconde estendeu-se; o desprezo sucedia à indignação. Du Vernais estendeu a mão, e, com o dedo, indicou a chapa interior do fogão. Coquelicot soltou um grito de alegria, e correu para o lugar indicado.

— Tem uma mola, balbuciou du Vernais, carregai-lhe.

Coquelicot era um homem inteligente; descobriu logo a mola, moveu-a, e a chapa balançando-se, deixou ver um esconderijo, onde se achava um cofre de ferro. O escudeiro apanhou-o e fêz-lhe saltar a tampa com a ponta da sua adaga.

O cofre estava cheio de papéis. Flor de Maio e o visconde correram-nos com a vista, e reconheceram que a décima parte seria suficiente para condenar o superintendente.

— Agora, disse Coquelicot fechando cuidadosamente o cofre, podeis estar descansado, senhor cavalheiro du Vernais, que el-rei nunca há de saber da vossa infâmia, e desejamo-vos uma noite muito feliz.

Mas o cavalheiro não respondeu. Este homem que tinha lutado como desesperado para defender a vida, e traíra o seu benfeitor e o seu amigo para se salvar da morte, agonizava. A vida fugia-lhe no derradeiro momento da luta. Há uma hora que se tinham reaberto as feridas em consequência dos esforços que fizera, debatendo-se contra Flor de Maio e o visconde. Perdendo o sangue gôta a gôta, expirou, vomitando uma blasfêmia, no momento em que Coquelicot se apoderava do cofre.

— Isto é que se chama ser infeliz! murmurou Coquelicot. Se o imbecil tivesse morrido dez minutos mais cedo, salvava o superintendente!

E Coquelicot acrescentou, à guisa de oração fúnebre:

— Parece-me acertado o meu conselho, vamo-nos embora; o corpo de um traidor tem tão mau cheiro, que não se pode estar perto dêle.



— Deus tenha a sua alma em descanso! murmurou Bluete, dando o braço a seu marido.

E saíram tódos quatro. Na escada, Coquelicot encontrou Antônio, a quem deu generosamente umas moedas.

— Meu bom amigo, disse êle, o teu amo sentiu tal alegria quando nos viu, que morreu, e morrendo arranhou a testa, de sorte que ficou feio, e muito bem farias se o mandasses enterrar esta noite.

## CAPÍTULO XV

### A PATENTE DE CAPITÃO

— Juro-vos pela minha honra, sire, que o visconde se apresentou na Bastilha com um bilhete escrito pela mão do senhor Colbert, em que se ordenava aos vossos officiaes de justiça que prestassem auxilio e obedecessem a quem o levava.

El-rei voltou-se para Colbert.

— Sire, eu não escrevi semelhante ordem.

Enquanto Colbert pronunciava estas palavras, o senhor de Launay olhava-o sério. Tornaram-se lívidas as suas feições, mas não tremeu; tirou a espada, e depô-la aos pés do rei

— Servi quarenta anos Vossa Majestade, disse êle, que poderá fazer de mim o que lhe aprouver.

Luis XIV, com o rosto inflamado de cólera, voltou-se para o capitão das guardas apontando-lhe para a espada do senhor de Launay. Mas neste momento abriu-se a porta, e o camarista annunciou o senhor cavalheiro de Chastenay. O rei estremeceu, e Colbert deu um salto na cadeira.

— Ah! murmurou o senhor de Launay, creio que o tal velhaco teve medo, e o imbecil vem entregar-se .

Flor de Maio entrou e saudou profundamente o rei.

Trazia debaixo do braço um cofrezinho que chamou logo a atenção do senhor Colbert. O pajem inclinou-se ante o rei:

— Sire, antes de me constituir novamente prêso, venho suplicar a Vossa Majestade que me ouça.

Como Colbert, o rei estava morto por saber o que continha o cofre.

— Falai, senhor, disse êle.

— Vossa Majestade teve milhares de razões, prosseguiu Flor de Maio, para mandar-me para a Bastilha, porque cometi uma grande inconsideração. Entretanto, sempre pensei que poderia reparar o mal, e que, se os papéis do palácio de Vaux se tivessem queimado, se poderiam achar outros.

— E então? disse o rei.

E Colbert, esquecendo o lugar em que estava, e o respeito devido à majestade real, exclamou:

— Falai, senhor, falai.

— Se eu, disse resolutamente Flor de Maio, tivesse pedido licença ao senhor governador da Bastilha para ir buscar o cofre, ter-me-ia recusado; tomei a licença por minhas mãos: aqui está o cofre.

E Flor de Maio apresentou-o ao rei.

— Ah! exclamou o inspetor geral, lançando-se ao cofre, que abriu, vejamos.

E percorreu rapidamente as primeiras cartas que lhe vieram às mãos.

— Sire, murmurou êle, aqui está com que fazer enforcar o senhor Fouquet. O cavalheiro de Chastenay realmente reparou as suas faltas.

— Senhor, disse o rei a Chastenay, estais sôlto; só ponho à vossa liberdade uma condição: é restituir-me o pergaminho que guardastes; o uso dêle poderia tornar-se perigoso. Mas, acrescentou o rei sorrindo, como o rei de França não costuma tornar a pedir o que dá, tereis em troca uma patente de capitão.

## E P Í L O G O

Um mês depois, recebia a igreja de São Germano nobres pessoas sob a sua antiga nave. Sua Majestade dignava-se assistir à missa nupcial do senhor barão Flor de Maio com mademoiselle de Mailly, precedentemente cônica da abadia de Crisenon, na Borgonha, e desobrigada dos seus votos temporários pelo senhor arcebispo de Paris. Muitos senhores da cõrte tinham acompanhado o rei.

Luís XIV ouviu a missa com recolhimento, depois, ao sair da igreja, ao mesmo tempo que a nova baroneza de Chastenay se lançava, comovida e com os olhos arrasados de doces lágrimas, nos braços de sua irmã Blüete, avistou Coquelicot todo flamante e retorcendo o seu bigode grisalho com meneios conquistadores.

O veterano tinha, em obséquio a Flor de Maio, vestido a sua farda de sargento.

— Aproximai-vos, senhor Coquelicot, disse o rei.

Coquelicot aproximou-se e inclinou-se.

— Vós, disse Luís XIV, não sois gentil-homem, e é isso o que me explica o terdes ficado sargento tãda a vida. Mas quero que no meu reinado um valente soldado possa ser oficial; faço-vos tenente em recompensa dos vossos bons e leais serviços.

O rei Luís XIV foi o primeiro monarca que fêz oficial um homem de baixa esfera e começou por Coquelicot.

— Ah! Sire, murmurou o veterano, lavado em lágrimas, viva eu mais vinte anos, que ouvirei o universo dar-vos o nome de "Luís, o Grande"!

Dir-se-ia que Coquelicot era profeta.

— Amém! acrescentou o senhor de Launay que fazia parte dos convidados; assim mesmo eu sustento o que disse: Acabou-se a Bastilha!

E o bom do governador exalou um profundo suspiro, pesaroso por perder Flor de Maio que neste momento passava triunfante, dando a mão à sua mulher.

F I M

# CLUBE DO LIVRO

## VOLUMES PUBLICADOS

1913 — De Julho a Dezembro: O GUARANI — José de Alencar; MANON LESCAUT — Abade Prévost; PAIS E FILHOS — Ivan Turgeniev; UMA PÁGINA DE AMOR — Paulo Montegazza; O ABISMO — Charles Dickens; AMOR DE PERDIÇÃO — Camilo Castelo Branco.

1914 — De Janeiro a Dezembro: — MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS — Manuel Antônio de Almeida; ILHAS DO PACÍFICO — Jack London; OS COSSACOS — Leon Tolstói; ERUTA DO MATO — Afrânio Peixoto; TARTARIN DE TARASCÓN — A. Daudet; O CASTELO DE LOURPS — J. Huysmans; QUINCAS BORBA — Machado de Assis; TAVÁI — Maria Concepción L. Chaves; MADAME BOVARY — Gustave Flaubert; O TRONCO DO FÉ — José de Alencar; O ROMANCE DE UMA MULHER — Guy Maupassant; UMA BRENDA DE MONTROSE — Walter Scott.

1915 — De Janeiro a Dezembro: A MARCIA — Afonso Schmidt; EUGENIA GRANDET — Honoré de Balzac; NOVELAS EXTRAORDINÁRIAS — Edgar Poe; O PRESIDENTE NEGRO — Monteiro Lobato; A NOVELA DE UMA BOMBA — Teófilo Gautier; O JOGADOR — F. Dostoiévski; O PRINCIPE DE NASSAU — Paulo Setubal; O FANTASMA DE CANTERVILLE — Oscar Wilde; SALAMBÓ — Gustave Flaubert; SENHORA — José de Alencar; UM HOMEM ACABADO — Giovanni Papini; O NOVENTA E TRÊS — Victor Hugo.

1916 — De Janeiro a Dezembro: MEMÓRIAS COSTUMAS DE BRAS CUBAS — Machado de Assis; UM COMEÇO DE VIDA — H. de Balzac; AVENTURAS DE GORDON PYM — E. Poe; DENTE DE OURO — M. del Picchia; A SÚPLICA — Emilio Zola; O ETERNO MARIDO — Fêdor Dostoiévski; NAVIOS ILUMINADOS — Ranulpho Prata; O RETRATO DE DORIAN GRAY — O. Wilde; A VOZ DOS SINOS — Charles Dickens; TIL — José de Alencar; VIAGEM À RODA DO MEU QUARTO — Xavier de Maistre; OS HOMENS DO MAR — Victor Hugo.

1917 — De Janeiro a Dezembro: A PRIMEIRA VIAGEM — Afonso Schmidt; A MULHER DE TRINTA ANOS — Honoré de Balzac; DOIS VIVOS E UM MORTO — S. Christiansen; AS MALUQUICES DO IMPERADOR — Paulo Setubal; O SONHO — Emilio Zola; RUDINE — Ivan Turgeniev; HELENA — Machado de Assis; MEMEM E O ESPECTRO — Charles Dickens; MARROCOS — Edmundo de Amicis; HIRAJARA E IRACEMA — José de Alencar; NOSSA SENHORA DE PARIS — I — Victor Hugo; NOSSA SENHORA DE PARIS — II — Victor Hugo.

1918 — De Janeiro a Dezembro: O ASSALTO — Afonso Schmidt; PAI GORIOT — Honoré de Balzac; UM VAGABUNDO TOCA EM SURDINA — Knut Hansum; PUSSANGA — Perrinho Junior; MARIA — Jorge Isacas; NOITES BRANCAS — Fêdor Dostoiévski; O CRIME DAQUELA NOITE — Menotti del Picchia; O CAPITÃO VENENO — Pedro de Alarcón; O ANEL DE AMETISTA — Anatole France; CINCO MINUTOS E O GARATUJA — José de Alencar; O MORRO DOS VENTOS UIVANTES — I — Emily Brontë; O MORRO DOS VENTOS UIVANTES — II — Emily Brontë.

1919 — De Janeiro a Dezembro: ZANZALÁ e O BEBÊ DO CRU — Afonso Schmidt; A ÚLTIMA ENCARNAÇÃO DE VAUTRIN — Honoré

de Balzac; UM MARIDO IDEAL e BALOMÉ — Oscar Wilde; MEMORIAL DE AYESI — Machado de Assis; REGRESSO — Antonio Balto; VARENKA OLESSOVA — Máximo Gorki; ENCARNAÇÃO E DIVA — José de Alencar; A LETRA ESCARLATA — Clara Carta; CABO CLA — Ribeiro Couto; COLOMBA — Prosper Merimé; AS MIL E UMA NOITES — I.

1920 — De Janeiro a Dezembro: A SOMBRA DE JÓLIO FRANK — Afonso Schmidt; O ROMANCE DE UM POBRE PROFESSOR — Joseph Roth; A RAINHA DO MEIO-DIA — Barros Ferreira; DOM CASMURRO — Machado de Assis; AS VIAGENS DE MARCO POLO; AS MIL E UMA NOITES, II; A TEORIA DE DISTÂNCIA — Aristides Avila; SÃO JULIÃO, O HOSPITALEIRO — Gustave Flaubert; AS MIL E UMA NOITES, III; A PATA DA GAZELA e A VUVUINIA — José de Alencar; A CASA DAS SETE TORRES — Nathaniel Hawthorne; AS MIL E UMA NOITES, IV.

1921 — Janeiro: AVENTURAS DE JNDALÉCIO, Afonso Schmidt; Fevereiro: CORNEL CHABERT, H. de Balzac; Março: AS MIL E UMA NOITES, V e último volume; Abril: TERRA DO FOGO, Cláudio de Souza; Maio: A VENUS DE BRONZE, P. Merimé; Junho: UMA VIDA, A. Tchekoff; Julho: YAYÁ GARCIA, Machado de Assis; Agosto: TARTARIN NOS ALPES, A. Daudet; Setembro: O MÉDICO E O MONSTRO, R. L. Stevenson; Outubro: SONHOS D'OURO, I, José de Alencar; Novembro: SONHOS D'OURO II, José de Alencar; Dezembro: O MENINO DA BOLA, Pedro Alarcón.

1922 — Janeiro: OS BOÊMIOS, Afonso Schmidt; Fevereiro: ROMANCE DE UM JOVEM POBRE, Octave Feuillet; Março: O CHARCO DO DIABO, George Sand; Abril: VIAGEM À REGIÃO DO POLO NORTE, Cláudio de Souza; Maio: DE PROFUNDIS, Oscar Wilde; Junho: ÁSSIA, I. S. Turgeniev; Julho: CASA VELHA, Machado de Assis; Agosto: PORT-TARASCÓN, A. Daudet, Setembro: UM ANO EM FLORENÇA, A. Dumas; Outubro: O SERTANEJO, I, José de Alencar; Novembro: O SERTANEJO, II, José de Alencar; Dezembro: O REI DAS MONTANHAS, Edmond About, 1923; Janeiro: DEDOS LABIOS, Afonso Schmidt; Fevereiro: OS FUGITIVOS, A. Conan Doyle; Março: O MANEQUIM DE VIME, Anatole France; Abril: DENTRO DA VIDA — Ranulpho Prata — Maio: IVANHOÉ I, Walter Scott. — Junho: IVANHOÉ II, Walter Scott. — Julho: A MÃO E A LUVA, Machado de Assis. — Agosto: SENHOR E SERVO, Leon Tolstói. — Setembro: A ILHA DA AURORA, E. M. de Vegué. — Outubro: O ERMITÃO DA GLÓRIA, José de Alencar — Novembro: AMORES E VIAGENS DE PEDRO MANUEL, Joaquim Paço D'arces. Dezembro: O NAVIO FANTASMA, R. L. Stevenson.

LIVROS DO 1.º SEMESTRE DE 1924.

1924 — Janeiro: SÃO PAULO DE MEUS AMORES — ilustrado — Afonso Schmidt; Fevereiro: O 61.º SEGUNDO, Owen Johnson; Março: HISTÓRIA DE UM CORAÇÃO, O. Feuillet. — Abril: O REI DOS CANGACEIROS, Nelly Cordes; Maio: OLIVER TWEET — I — Charles Dickens.